ALMANAQUE D'O TICO-TICO

1949

Cr.$ 15,00

anuario das senhoras
UM TESOURO PARA O LAR
A·S
Duas amigas inseparaveis: a mulher e o ANUÁRIO DAS SENHORAS! Centenas de páginas repletas de ensinamentos domésticos, diversões curiosidades, artes e letras, sugestões de moda e de culinária, deslumbrantes fotos do cinema! ANUÁRIO DAS SENHORAS: à venda nas livrarias e bancas de jornais, a Cr$ 15,00. Pedidos tambem pelo Reembolso Postal, à S. A. O MALHO, Rua Senador Dantas, 15, 5.° andar. Rio.
1949

HINO NACIONAL BRASILEIRO

LETRA DE
OSORIO DUQUE ESTRADA

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amôr e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha esta grandeza.

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos dêste sólo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida,
Teus risonhos, lindos campos têm mais flôres,
"Nossos bosques têm mais vida".
"Nossa vida", no teu seio, "mais amores".

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amôr eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado
E diga o verde-louro desta flâmula:
— Paz no futuro e glória no passado!

Mas, se ergues da Justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte!

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos dêste sólo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

PRIMEIROS SOCORROS

QUANDO a pessoa é picada por uma abelha, a primeira cousa que deve fazer é tirar o ferrão, ou aguilhão da "malvada", que fica enterrado na pele da vítima, tal qual uma farpinha de madeira.

Depois, fricciona-se vigorosamente o lugar com álcool fino.

Outras espécies de ferroadas de insetos devem ser tratadas com amônia líquida, que deve ser passada com o auxílio de um algodão enrolado na extremidade de um palito. Tudo, porém, muito limpo. A sujeira é inimiga da saúde. Pano, algodão, palito, água, alfinete, — tudo o que se usa para curativos, deve ser bem higienizado, senão a emenda sái pior do que o soneto.

ESPINHOS E FARPAS

No caso da pessoa ser vítima de um espinho, ou farpa, primeiro deve tratar de tirar o corpo estranho, com uma pinça ou alfinete bem desinfetado. Depois, cobre-se o lugar afetado com alcool iodado. Se se notar que está querendo surgir inflamação, aplicam-se compressas quentes de água e vinagre. Mas se a coisa começa a ficar um pouco mais séria, o melhor é correr a um médico...

HEMORRAGIAS NASAIS

Sendo hemorragia de pouca importância, um pouco de água oxigenada faz estancar. Se não fôr conseguido resultado por êsse processo, a pessoa inclina a cabeça para traz (não se deve deitar) e fazer tamponamento das narinas com gaze esterilizada.

QUEIMADURAS

As queimaduras são coisa séria. Para as pequeninas, simples, usam-se meios caseiros que dão resultado: infusão de chá preto, casca de banana (a parte de dentro) colocada sôbre a bolha, etc.

Para as queimaduras maiores, mais sérias, solução de ácido pícrico, óleo calcáreo, etc.

Quando uma queimadura é séria, chama-se depressa o médico, sendo preferível nada pôr em cima, a não ser o citado óleo calcáreo, deixando que o médico determine o que se deve fazer.

Nunca é bom encher a queimadura de panos, óleos, gorduras, gazes e outras complicações. O médico é quem *entende* do riscado. Para isso queimou as pestanas durante seis anos, na Academia...

INSOLAÇÃO

Se você enfrentar um caso de insolação, trate de fazer isso: afrouxe todas as roupas do doente; leve-o para um lugar de sombra, lugar o mais ventilado possível; não consinta em gente aglomerada em torno do doente: mande todo mundo embora.

Se o insolado está desacordado, póde-se dar a beber um café bem forte, para reanimá-lo. Nada de bebida alcoólica, porque isso faria aumentar ainda mais o calor do sangue, acentuando o perigo de uma congestão cerebral.

AS balas, seja a arma empregada grande ou pequena, não seguem nunca diretamente para o alvo: desviam-se um pouco para cima.

Por esta razão é que, ao apontar, os atiradores o fazem abaixo do alvo que desejam atingir.

Se você fôr habilidoso, e com o seu lapis cobrir as linhas desnecessárias, poderá descobrir aqui o cachimbo do Tio Juca, que êle perdeu.

A ORIGEM DO PRESEPE

OS povos cristãos adotaram o costume de armar, em templos e residencias, presepes que reproduzem a cena do nascimento do Divino Menino. Esse costume remonta aos dias trezentistas do excelso mistico de Assis. Teve ele o desejo de celebrar o Natal em ambiente que fosse o mais aproximado da modesta cabana em que nasceu Jesús e, com a venia do Pontifice, a quem exprimiu seu pensamento e desejo durante sua estada em Roma, no ano 1223, escolheu, quando voltou a Greccio, a campina de Rietti para teatro de sua pia instituição. Erigiu em um bosque do Apenino Romano um altar, onde armou o presepe. No feno que forrava um berço rústico, o espirito orante deveria ver um menino; junto a ele colocou jovem mãe e um varão orando. Companheiros da solidão e figuras igualmente do mistério, um boi e um jumento, enchiam a pobre cabana.

Com os frades franciscanos apresentou-se à meia-noite, véspera de Natal, multidão de montanheses umbianos e aldeões das redondezas, que se comoveram com o engenhoso simulacro. Todos levavam nas mãos archotes acesos e cantavam ao som de pifanos e flautas silvestres. Adiantaram-se trêmulos até o presepe, onde, num arroubo de fé, Francisco chorou durante a missa e pregou à multidão ali congregada.

Conta a piedosa lenda, recolhida por S. Boaventura, que, quando a cerimonia se tornou mais comovente, foi S. Francisco inclinar-se reverente ante um formoso Menino, que de subito apareceu radiante sobre a palha e beijou-o repetidas vezes. Ali, em meio do bosque, foi edificada ao morrer o santo de Assis uma capela, cuja consagração deu força e popularidade a essa representação plástica, que, levada por Santa Clara a todos os conventos da Ordem, chegou a estender-se de templos e mosteiros aos palácios e teve éco espiritual nos lares mais humildes.

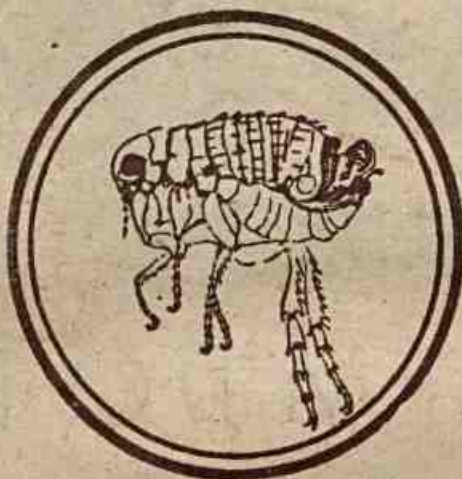
As pulgas

TODOS vocês sabem que os cães, gatos e outros animais quando não são lavados assiduamente ficam cheios de certos insetos que, além de lhes produzirem irritações, ainda nos podem transmitir sérias moléstias, assim acontecendo com a pulga de rato que, depois de morder determinados animais, pode, casualmente, nos morder e dêsse modo inocular o terrível germe da peste bubônica. Quando dizemos que a pulga morde casualmente o homem é porque cada espécie dêsse inseto tem um animal preferido, ou mesmo lugar, para ficar. Assim é que, dificilmente, encontraremos a pulga, comumente encontrada no cão, no pelo de outro animal. A espécie de pulga do cão chama-se Ctenocephalus canis.

Da mesma forma, a que costuma morder o homem e que se chama Pulex Irritans não será encontrada num cachorro. Entretanto, na falta da sua vítima predileta elas mordem tanto o homem como qualquer animal.

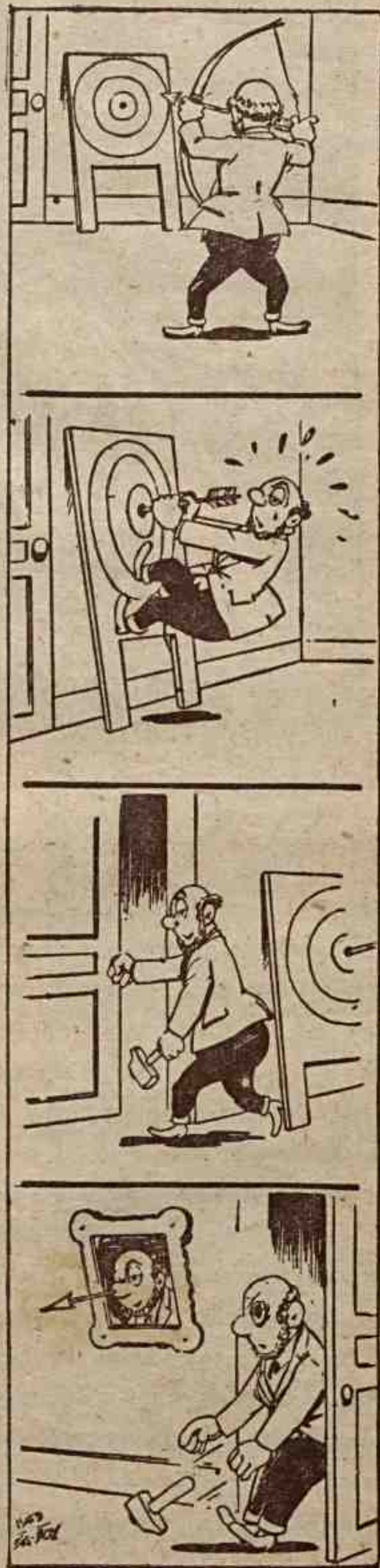
As pulgas pertecem à classe dos Sifonápteros; seu aparelho bucal está disposto para morder e sugar; as antenas são muito curtas e se acham colocadas numa concavidade; são, por causa de sua vida parasitaria, completamente ápteras, isto é, sem asas mudando de um lugar para outro por meio do salto para o qual suas patas se acham muito bem adaptadas. São de metamorfose completa, quer dizer, saem do ovo com um aspecto totalmente diferente daquele que terão em seu estado adulto e chegarão a êle depois de passar pelo de larva e ninfa.

O exemplar feminino deposita seus ovos, geralmente, nos lugares úmidos e poeirentos, sôbre as imundicies, entre as frestas dos soalhos, etc; muitas vezes os ovos são depositados no corpo do próprio animal que elas mordem, e protegidos pelas escamas ou crostas poduzidas pelas irritações.

Passados poucos dias dá-se a eclosão da larva; esta é vermiforme de cor branca, ápoda, o que quer

dizer sem patas; seu aparelho bucal está provido de duas fortes mandíbulas que lhes facilitam a trituração das mais diversas substâncias que estejam ao seu alcance. Depois de trocar de pele duas vezes transforma-se em ninfa dentro de um casulo que ela tece antes de se proceder a sua transformação.

Neste último estádio permanece uns 15 ou 20 dias, no fim dos quais sái a pulga em estado perfeito e apta para continuar com a propagação da espécie.

Só queria... o chapeu

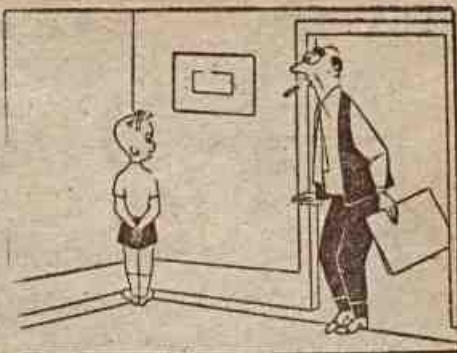
QUE COINCIDENCIA

O Lapis Conté

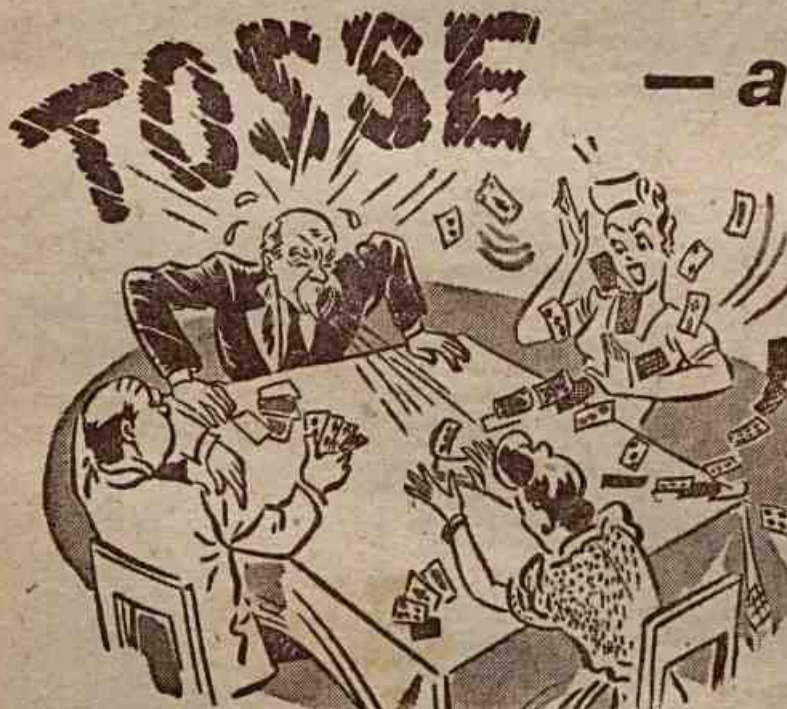
Nicolas Santiago Conté nasceu em Aurion, na França, em 1755 e morreu em Paris em 1805. Seus pais eram camponeses, porém o menino mostrou-se com tal pendor para a pintura que, com o auxilio de algumas pessoas amigas, pôde continuar seus estudos recebendo lições do grande pintor Greuse e em poucos anos tornou-se um retratista notavel ganhando bastante dinheiro.

Esta independência econômica permitiu-lhe, sem abandonar a pintura, dedicar-se ao estudo da mecânica e física, que muito o entusiasmavam. Aprofundou seus conhecimentos e idealizou diversas máquinas que mereceram a aprovação da Academia de Ciência. Mas, mais alguma coisa célebre ainda iria ele realizar para o mundo.

A guerra sustentada por sua pátia contra os ingleses dera causa à falta de muitas matérias primas e entre elas achava-se o grafite, indispensável na fabricação do lapis. Isto veio criar um sério problema Conté muito se preocupou com a sua solução.

Finalmente, depois de pacientes trabalhos conseguiu preparar uma substância feita de uma mistura de pó de grafite e argila na devida proporção e usa-la como mina de lapis. A madeira que empregou foi a de cedro, muito resistente e ótima para este fim. O invento de Conté teve o maior dos êxitos e deu lugar a uma indústria que se foi tornando cada dia mais importante.

Foi Conté que também numerou os lapis 1, 2 e 3 de acôrdo com a maior ou menor dureza do grafite.

— Que é isto, Pedrinho?
— É para o senhor ver o que foi que eu aprendi hoje, na escola.

A França achava-se então (1796) na época revolucionaria, porém este fáto não serviu de obstaculo para que se reconhecesse que êsse invento, do sábio pintor, era de grande utilidade pública, servindo logo como padrão a todos os fabricantes de lapis, os quais aprovaram a invenção que veio beneficiar e dar impulso a uma grande indústria que começava a surgir.

VAMOS FAZER?

O CONSTRUTOR

VAMOS FAZER?

(Entra trazendo nas mãos um rôlo de papel em que estão desenhadas plantas, córtes e elevação de um alto edifício)

Eis aqui, caros senhores,
Gentis senhoras também,
Em desenho, a planta e os *córtes*
Da casa que vos convém

Diz um antigo ditado
Que hoje uma emenda requer,
Assim: "Quem casa quer casa"...
Quem não casa... também quer.

Na crise que atravessamos,
Sem ter casa onde morar,
Encontrar uma é um tesouro
Que devemos resguardar.

Basta ter bôa-vontade
Para o "melhor" escolher,
Um belo tipo de casa,
Que possa satisfazer.

Casa econômica, é claro,
Segundo a expressão exata,
Confortável, higiênica,
E não... casinha barata.

Sim; pois toda gente sabe,
E prová-lo não é raro,
Em construção, muitas vezes,
O que é barato... sai caro!...

Nossa casa deve ter
Um bem temperado ambiente:
Pelo inverno não ser fria,
Nem pelo verão ser quente.

Sendo insothérmica, assim,
Morar nela é uma delicia,
Felicidade completa
E não ventura fictícia.

Isto é fácil conseguir,
Como aqui logo se vê...

(DESDOBRA O PAPEL E MOSTRA)

Empregando o meu sistema
De construção R. P.

Êrre, pê, não erre... as letras,
E as pronuncie de uma vez,
Significando, invertidas:
Perfeição e rapidez.

Poderia acrescentar
Um S e um D, sem *poirão*,
Para exprimir, igualmente
Segurança e duração.

A nossa casa é sadía,
E por que, vou explicar:
Suas paredes são duplas,
E, entre elas, um "colchão de ar!

Toda de concreto armado,
É de grande solidez;
Desafia o próprio tempo,
E se ergue em menos de um mês!

Já vem pronta da oficina
Com as estacas a implantar,
Em seguida, pondo as placas
É só o trabalho de armar.

Em vez de uns trinta operários
— E é este um grave problema —
Bastam-me só quatro ou cinco
A servir no "meu sistema".

Como estão vendo os senhores,
E não é só no papel...
Posso provar o que afirmo
Com o amigo Rafael.

Êle é o inventor do sistema,
O mais perfeito e correto,
Como também é o autor
Deste grandioso projeto...

(MOSTRA O DESENHO DAS PLANTAS)

Querendo dar "*corpo*" à ideia
Ando aqui "incorporando"
Este imenso "arranha-céus",
Que as nuvens já está arranhando...

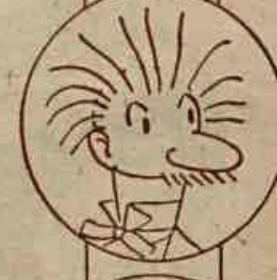
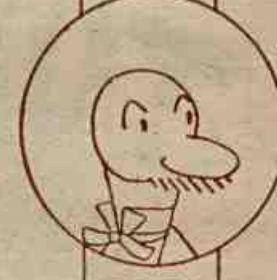
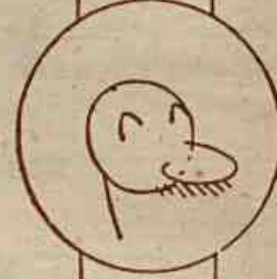
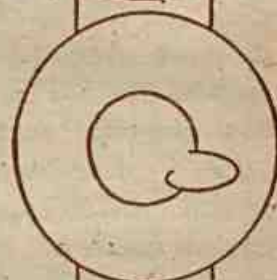
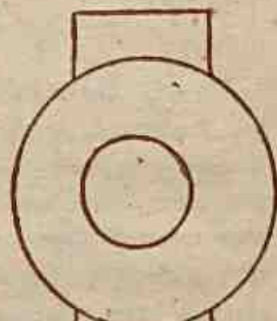
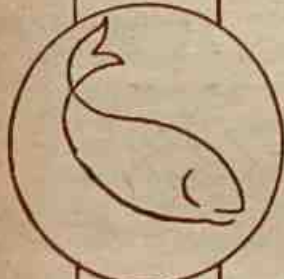
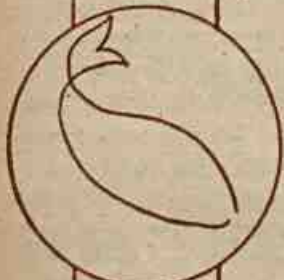
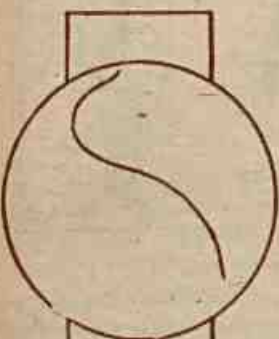
Quem pretenda habitar nêle
Um distinto apartamento,
Faça o sinal de aplaudir,
Batendo as mãos um momento.

(SAI, VOLTANDO LOGO):

Agradecendo aos senhores
E às senhoras obrigado...

(ESCREVENDO EM UM CADERNO)

Vou tomar nota de todos...
O edifício está lotado!...

(SAI CONTENTE)

Wanderley

RUA URUGUAIANA, 19, — (Próximo à rua 7 de Setembro)

SELOS RAROS

Quando Rowland Hill inaugurou o estabelecimento de um serviço postal, o qual cobrava por uma mensagem o preço de um penny, em forma de sêlo, não imaginou que tinha criado a filatelia e que, oitenta e dois anos depois ou seja em 1922, um cidadão da Utica, cidade de New York compraria em Paris um dos seus sêlos, que afinal de contas nada mais era que um pedaço de papel, menor do que uma polegada quadrada e do valor facil de um penny, pela fabulosa soma de 40.000 dolares.

O povo pensou que o homem que adquiria um sêlo por uma importância tão elevada estava louco, porém os colecionadores sabiam que êle estava em muito bom juizo e que talvez êle tivesse feito um magnifico negócio.

Nêsse mesmo ano, um comerciante ao examinar um álbum que tinha comprado sem lhe dar grande importância como coleção, observou certo detalhe singular num dos sêlos de um centavo emitido em 1922. Com o auxilio de um calibrador de perfuração tomou suas medidas e obteve assim a certeza de que possuia o exemplar sumamente raro de um sêlo que os filatelistas davam o nome de: "perf 11". Com a venda de tal sêlo ganhou 1.750 dolares.

A historia do sêlo de cinco centavos, conhecido com o nome "Connell", é bastante interessante: aconteceu antes da incorporação da Nova Brunswich ao dominio do Canada. O diretor dos correios dessa Colônia Britânica, Charles Connell, mandou imprimir três qualidades de sêlos, a primeira com a efigie da rainha, a segunda com a do principe de Gales e a terceira com a sua.

Mas o Governador da Colônia ao ver o perfil de Connell na terceira série — a mais importante —, se opôs tenazmente a que tal sêlo fosse posto à venda.

Connell apresentou sua renúncia ao cargo. Com o correr dos tempos tirou sua desforra: os sêlos que têm impresso a efigie da rainha valem vinte centavos enquanto que os sêlos onde são vistas as enormes suiças irlandesas de Connell valem 600 dólares.

Citamos ainda os sêlos ilustres: o de dois pence da Ilha Mauricio, vendido por 20.000 dólares e um centavo, e o da Guiana Inglesa que vale uma fortuna.

ROBERVAL... sempre sai mal

QUANDO COMER OVOS COSIDOS

TODOS gostamos de comer ovos duros, mas ninguém gosta de queimar os dedos, para os descascar.

Pois vamos ensinar a vocês, aqui, um processo prático e simples de evitar queimar as mãos. Olhando para a figura, logo se vê em que consiste.

Faz-se um cartucho de papel (limpo e resistente), dentro do qual se ajeita o ovo. A seguir, quebra-se a casca e vai-se descascando, aos pouquinhos, sem necessidade de agarrar diretamente na casca quente.

Que tal? Não é interessante?

ORIGEM DE ALGUNS HOMENS CÉLEBRES

A nobreza do talento não pode medir-se, brilhantemente, com a do sangue, mas avantajar-se a ela. O homem que descende de família obscura não deve desanimar de um dia se tornar notável e poderoso. O talento do filho do povo, do homem de trabalho, que ontem foi o estudante distinto, e hoje, pelos seus merecimentos, se vê no prestigio das honras,, que a si tudo deve, é tanto mais para admirar e encorecer.

Sirva de incentivo a coletânea que vamos apontar:

O PAPA BENEDITO XI, foi filho de um pastor e de uma lavadeira.

O PAPA BENEDITO XII, foi filho de um padeiro.

QUINAUT, o inventor da ópera, era filho de um moço de padaria.

MARCOS AKENSIDE, médico e poeta inglês, era filho de um carniceiro.

BEAUMARCHAIS, o escritor audaz, espirituoso e satírico das côrtes de Luís XV e XVI, era filho de um relojoeiro.

JOÃO JACQUES ROUSSEAU, o mais perfeito escritor francês, era também filho de um relojoeiro.

BEN-JOHSON, o maior autor dramático da Inglaterra, depois de Shakespeare, foi filho de um ladrilhador.

COLBERT, o grande ministro de Luís XVI, era filho de um tecelão.

CICERO, o famoso orador romano, também era filho de um tecelão.

CROMWEL, o notável republicano, foi filho de um cervejeiro.

CRISTOVÃO COLOMBO, o descobridor da América, era filho de um cardador.

COWLEY, um dos primeiros poetas ingleses, foi filho de um tendeiro.

DEMOSTENES, modêlo dos oradores, foi filho de um ferreiro.

EURIPIDES, o primeiro dos trágicos gregos, foi também filho de um ferreiro.

RICHARDSON, escritor, era filho de um impressor.

BENJAMIN FRANKLIN, hábil físico e economista americano, foi filho de um fabricante de sabão.

FLECHIER, grande orador sagrado, foi filho de um sebeiro.

JOÃO BAPTISTA MASSILLON, prelado e célebre orador francês do século XVIII, era filho de um torneiro.

O PAPA GREGORIO VII foi filho de um carpinteiro.

HORACIO, o poeta excelso, era filho de um escravo fôrro.

TERENCIO, o primeiro poeta dramático latino, também èra filho de um escravo.

GIL VICENTE era filho de um albardeiro.

KANT, eminente filósofo, era filho de um seleiro.

LUTERO, o eloquente reformador protestante, era filho de um mineiro.

O MARECHAL NEY, era filho de um tanoeiro.

JOHN MILTON, o primeiro poeta da Inglaterra, foi filho de um tecelão.

MARECHAL CONCINI, também era filho de um tecelão.

MOLIÈRE, o insigne actor e autor dramático, foi filho de um fornecedor de tapeçarias e estofos do rei.

PERTINAX, imperador romano, era filho de um carvoeiro.

ROLLIN, sábio professor e publicista, era filho de um cuteleiro.

REMBRANDT, famoso pintor holandês, era filho de um moleiro de Leyde.

WILLIAM SHAKESPEARE, o maior poeta e dramaturgo inglês, era filho de um carniceiro.

O PAPA SIXTO V foi filho de um porqueiro.

TAMERLÃO, o conquistador da Pérsia, era filho de um pastor.

TALMA, o grande trágico francês, era filho de um dentista.

VOLTAIRE, o grande poeta da França era filho de um mercador de vinhos.

ORGULHO DE FAMILIA

— Meu filho, nós somos gente importante. Temos do que nos orgulhar, nos nossos antepassados.

— Como assim?

— Foi o teu bisavô quem inspirou ao homem a invenção da escada de caracol!

VAMOS DESENHAR?

FACEIRICE

ALMANAQUE D' O TICO-TICO

Edição e propriedade da
SOCIEDADE ANÔNIMA "O MALHO"

42.º ano de publicação.

DIRETOR
ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Redação: R. Senador Dantas, 15 - 5.º andar
Telefone 22-9675 — Rio de Janeiro

PREÇO Cr$ 15,00

O verdadeiro CRISTÃO

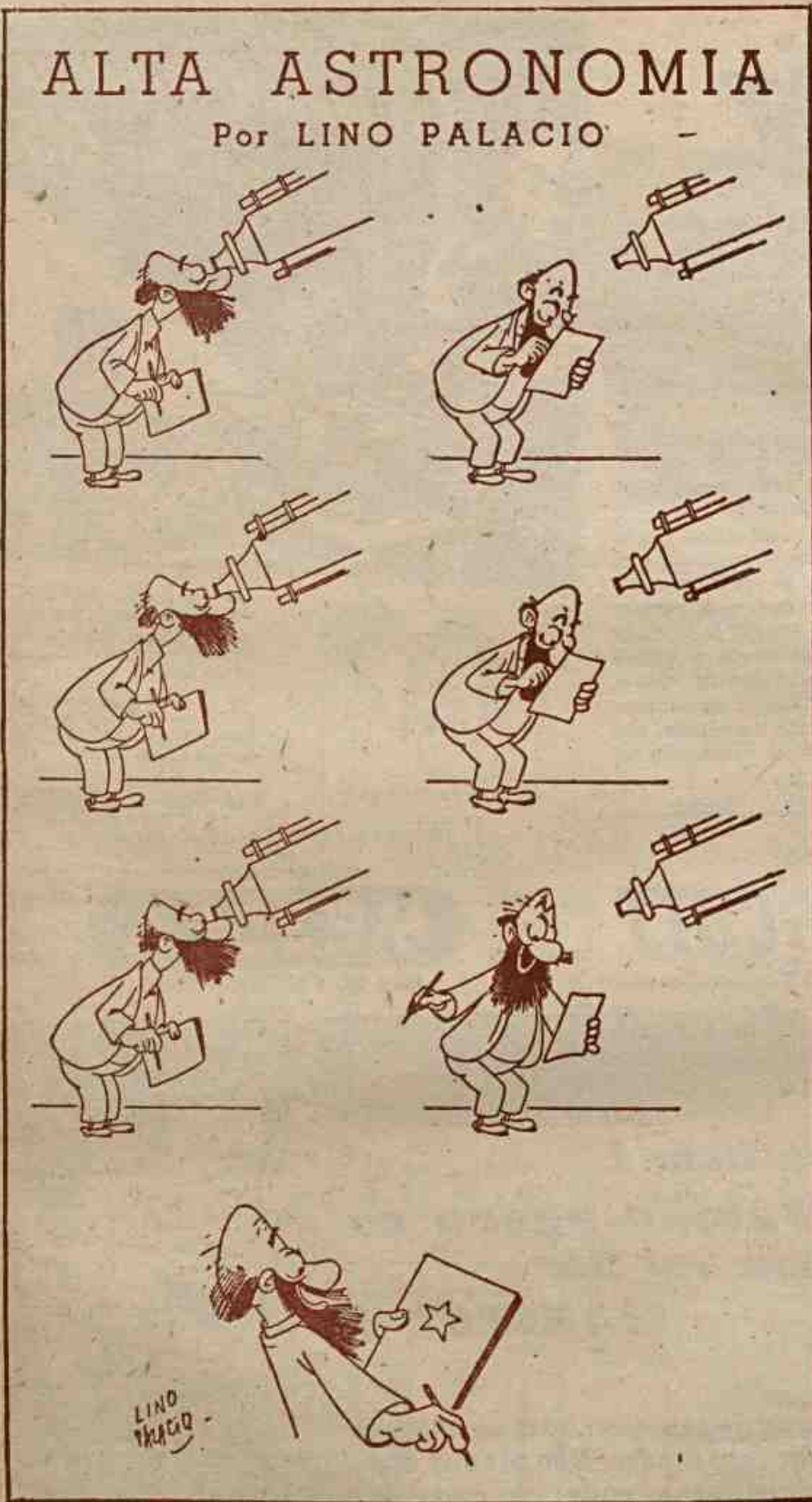
ACHAVA-SE o poeta italiano, Dante Alighieri numa igreja de Florença, ouvindo missa, e de tal modo se absorveu nas orações que nem se lembrou de se ajoelhar e descer o capuz na hora da Consagração.

Este fato provocou enorme escândalo entre alguns fiéis que se achavam perto dêle. Assim que a missa terminou essas pessoas correram ao bispo e lhe contaram, cheias de espanto e censura, a grave falta que Dante havia cometido.

O bispo mandou chamar, em seguida, o poeta, e quando êste se apresentou, chamou-lhe severamente a atenção e perguntou-lhe o que o tinha feito cometer tão grande falta de respeito à Divina Majestade.

— Na verdade, ilustríssimo padre — respondeu Dante — eu me achava tão absorvido em minhas orações, com o pensamento todo voltado para Deus, ao qual implorava com todo fervor da minha alma, que nem percebi que se efetuava no altar a Elevação. Minha falta pode ser perdoada. Mas vos asseguro que aquêles que se apressaram em me acusar diante de vós não são os verdadeiros cristãos, porque em vez de estar com o pensamento na Santa Missa, durante essa parte da cerimonia, tão importante, estavam prestando atenção e criticando as minhas atitudes...

ALTA ASTRONOMIA

Por LINO PALACIO

OS antigos pavimentos das ruas, que eram feitos de madeira, quando eram de bôa qualidade, desgastavam-se apenas meio centímetros por ano.

❖

Um dos mais curiosos epitáfios até hoje conhecidos, foi sem dúvida o que dedicaram em honra do marechal de Saxe, falecido aos 55 anos. É de autor desconhecido. Cada verso termina por um número; esses números somados dão os anos em que o marechal morreu.

❖

O fabrico de arame especial para chaves de latas de sardinha constitui nos Estados Unidos uma grande indústria. Este arame exporta-se para a Noruega, onde anualmente se consomem 25 milhões de chaves.

❖

A ilha do Natal, no Oceano Pacífico, é assim chamada devido a ter a ela aportado o capitão Cock, no dia de Natal do ano de de 1777.

❖

A observância rigorosa do Natal começou no segundo século da era da Igreja, mas em meses diferentes. Estes foram: Janeiro, Abril e Maio.

❖

O pássaro-mósca da Austrália, quando pressente que está eminente uma tormenta, cobre o seu ninho, inteiramente, com um pedaço de teia de aranha que, como se sabe, é péssima condutora de eletricidade.

❖

Antigamente, no Japão, quando nos estaleiros se lançava algum barco à água, era costume colocar-lhe na prôa uma gaiola cheia de pássaros, os quais eram soltos no espaço, quando o barco caia na água; existia então a crença de que os pássaros davam boa sorte à embarcação, livrando-a de perigos.

❖

A "Pedra-Negra", na Kaaba de Méca, é, sem dúvida possível, considerada o mais antigo idolo que existe
É, também, milhares de anos anterior ao estabelecimento definitivo do maometismo.

❖

Na cabeça de uma mulher, que tenha cabêlo em quantidade e em comprimento razoável (!), há noventa quilômetros de cabêlo, termo médio.

Proporcionalmente ao pêso do animal, a asa do pássaro é vinte vezes mais forte do que o braço do homem.

❖

No dia 1.º de Janeiro o sol está três milhões de milhas mais perto da terra do que no dia 1.º de Julho.

O Exterminio das Moscas

Uma só mosca, tem, no corpo, milhões de gérmes capazes de transmitir ao sêr humano as mais terríveis enfermidades. Uma das campanhas mais meritórias, a ser postas em prática num país que desejasse realmente promover a saúde de seus habitantes, seria — aquela em que os homens de respon-

sabilidade declarassem guerra às moscas, como Oswaldo Cruz declarou, um dia, guerra ao mosquito. Seriam usados os modernos meios de divulgação como as conferências, artigos de jornal —, palestras pelo rá-

dio, cartazes pelas paredes, ensinando o quanto é nociva a mosca, êsse bichinho aparentemente inocente que a gente só se importa de matar quando alguma delas, mais insistente, fica "amolando". Às autorida-

des caberia, também, ensinar os os meios de exterminar êsse nocivo animal, que prolifera entre os resíduos, em extêrco, nas imundícies acumuladas. E no dia em que não se vissem mais, pelas ruas, cenas como

esta, a batalha de extermínio à mosca estaria parcialmente ganha. A môsca é um dos maiores inimigos da Humanidade. Acabemos com elas! Guerra às moscas! A arma? A limpeza! A higiene!

É A "MELHOR CABEÇA" DA ESCOLA...
E USA O "MELHOR CALÇADO DO MUNDO"
A maior e melhor sapataria da América Latina
PORQUE É INTELIGENTE, PREFERE O CALÇADO DA
INSINUANTE
uma galeria à sua disposição
CARIOCA 46-48
7 DE SETEMBRO 199-201

ALMANAQUE d'O TICO-TICO

MAIS uma edição do "Almanaque d'O Tico-Tico", crianças do Brasil ! !

E' o mesmo que dizer: "Mais um lindo e atraente presente à inteligência e ao bom-gosto dos meninos e meninas deste grande e lindo país !"

Estas páginas, que vocês vão manusear, foram organisadas com o maior capricho e a mais cuidadosa dedicação, para que o renome do "Almanaque d'O Tico-Tico", e sua tradição de boa e sadia leitura não fossem feridos de leve.

Os editores dêste anuário confiam em que ainda uma vez vocês ficarão plenamente satisfeitos.

E outra compensação não visam, porque esta é a maior e mais desejada.

A todos os nossos leitores, os nossos votos de feliz 1949.

E agora . . . vamos apreciar o "Almanaque" !

Era uma vez, uma pobre viuva que vivia com seu filho, em tal estado de pobreza que mais de uma vez não tinham, à mesa, nem uma migalha de pão.

Um dia, a situação piorou de tal forma, que a pobre mulher se lembrou de vender a Mimosa, uma vaca malhada que era a sua riqueza.

E levando o animal, lá se foi o seu filho, o Pinguinho, rumo ao Mercado, resolvido á vende-lo, pelo melhor preço que lhe oferecessem. Na estrada,

...porém, Pinguinho viu ao longe um velhinhó que examinava com muita atenção uma fava, da qual saiam reflexos brilhantes e de um colorido que era uma beleza!

Encantado com aquilo, o menino pediu ao velho que lha desse e este, dizendo ser uma fava mágica, propôs trocar pela vaca. E, sem pestanejar, Pinguinho aceitou.

Quando chegou em casa, e contou à mãe o que havia feito, levou uma séria repreensão, e tão desesperada ficou a pobre senhora que, tomando-lhe a fava das mãos, atirou-a pela janela.

No dia seguinte, viu com grande surpresa que no lugar onde caira a fava, havia nascido uma árvore tão alta que se perdia de vista. E Pinguinho, como era muito curioso e aventureiro, logo começou a subir por ela.

E subiu, subiu tanto o pequeno, que perdeu a terra de vista, atravessou um mundo de nuvens e foi dar num lugar estranho, onde tôdas as cousas tinham proporções gigantescas.

Depois de muito andar Pinguinho encontrou ur- anão que lhe disse: "Eu o conheço, menino. Há anos um gigante matou o seu pai e roubou-lhe toda a fortuna. Chegou agora a vez de você a rehaver".

E depois destas palavras o anãozinho desapareceu. Pinguinho, então, continuou a caminhar, até que foi ter a um velho castelo, que ficava situado sôbre uma enorme torre de marfim.

Sem dificuldade o menino subiu as escadarias e, por um buraco da parede, penetrou sorrateiramente no interior do castelo. E tudo lá dentro era tão grande que Pinguinho se assemelhava a um ratinho.

De repente, lá dentro tudo estremeceu! Era o gigante Beterrabão, dono do castelo, que chegava das suas longas caminhadas à procura de vítimas para as suas garras medonhas.

Pinguinho escondeu-se, e então viu com espanto quando o gigante colocou sôbre a mesa uma galinha que punha um lindo ovo de ouro maciço, tôdas as vezes que êle ordenava.

Pinguinho ficou assombrado com o que viu, e aproveitando por um momento a ausência do terrivel gigante, correu ao ninho onde estava a galinha e zás, apanhou-a.

Mas o gigante já havia sentido cheiro de carne humana e, quando viu aquela "coisinha" carregando a sua galinha, saiu esbravejando de raiva em seu encalço. O menino, porém, mais...

...que depressa escorregou pela grande árvore e, quando já se achava em terra firme, tomou de um machado e cortou-a milagrosamente de um só golpe! O gigante, que descia também,

...despencou lá de cima e veio esborrachar-se com tôda fôrça no chão. Dêsse dia em diante, Pinguinho e sua mãe puderam viver bastante felizes, praticando a caridade com os recursos que passaram a ter.

O LEILÃO de NINA

NINA, Nina! Que estás fazendo?

E a vozinha da menina se fez ouvir da sala de jantar.

— Nada, mamãe!

— Nada? — insistiu a mãe. Vamos ver.

E chegou na sala no momento em que Nina descia apressadamente da mesa, onde estava um fino relógio antigo e de grande valor, o qual muito chamava a atenção da menina.

— Já estava estranhando que estivesses tão quieta. Mais de uma vez já te disse para não bulires neste relógio. Sabes o que êle custou muito caro ao papai.

A menina nada respondeu e seguiu sua mãe; mas momentos depois, aproveitando um afastamento dela, voltou cautelosamente e se encarapitou de novo na mesa; o relógio lhe agradava mais que todos os seus brinquedos talvez porque lhe era proibido tocá-lo e porque ela achava muito engraçado o movimento que um boneco do relógio fazia com a cabeça. Pegou-o com algum esfôrço, porque êle era pesado e, quando se preparava para descer da mesa e levá-lo para o seu quarto de brinquedos, eis que a porta se abre e com o susto cai-lhe das mãos o relógio.

— Ai, ai, ai . . . — chorou assustada.

— Que fizeste? — perguntou-lhe a mãe, que acabava de entrar. E muito zangada disse:

— O que eu tanto temia! E correu decidida a dar umas palmadas na filha, mas Nina pondo-se longe do seu alcance retrucou desconcertando-a:

— Se não me houvesses assustado o relógio não teria caído e quebrado. Por isso não devo ser castigada, pois a culpa não foi minha. Além disso, eu vou fazer como manda o provérbio: "Quem quebra paga". Assim, eu pago, e pronto!

— Agora vais apanhar o dobro das palmadas pela tua insolência, disse-lhe a mãe.

Mas na hora em que Nina corria para fugir entrou o pai e, querendo livrá-la das palmadas prometidas, pegou-a por um braço e levou-a junto da mãe dizendo-lhe:

— Pede perdão a mamãe, Nina.

— Não quero que me perdoe; vou pagar o relógio e com isto se compra outro.

— Pagar o relógio . . . E com que? — perguntou o pai.

Nina, muito séria e resoluta tirou a pulserinha e os anéis de ouro e os ofereceu à sua mãe.

— Toma — disse-lhe — Ai estão. Póde vendê-los e com o dinheiro compra-se um outro rélógio.

— Em primeiro lugar isto não é o bastante e em segundo, isto não é teu. Os adornos e roupas que usas nós os comprámos para que pudesses sair com o papai e a mamãe, mas são nossos e não podes dispor deles. O que te pertence aqui são os brinquedos, e como tens muitos . . . tú verás.

— Pois eu os venderei! — respondeu heroicamente Nina, porém bastante desconcertada por ver que não podia dispor de outra coisa.

— Muito bem! — retrucou alegremente o pai; em vista desta resolução, amanhã será feito um leilão de todos os brinquedos e o leiloeiro será teu tio Firmino que tem bastante geito para isso.

No dia seguinte, o salão principal da casa de Nina estava cheio de crianças: quatro priminhas e dois priminhos de Nina e mais seis amigas e vizinhas da menina; todos ansiosos por agarrarem logos os lindos brinquedos. Nina, muito correta tinha se sentado à direita da mesa onde tinham sido colocados os brinquedos, no lugar em que o tio Firmino ia fazer o leilão. Nas portas apareciam os criados muito curiosos e divertidos com o espetáculo, e, ao fundo, por traz, estavam os pais da menina.

Começou o leilão. O tio Firmino interpretando o papel de leiloeiro disse:

— Vocês precisam saber que estes brinquedos, quase todos são presentes de Papai Noel, que este ano foi muito generoso, por isso peço que façam ofertas razoaveis . . . Vou começar! Quanto dão por esta boneca?

— Três cruzeiros — ofereceu uma menina.

— Por favor, senhorita Marta; isto não é uma boneca qualquer . . . . E' uma Shirley Temple!

— Quatro cruzeiros — disse outra menina. E assim foram subindo até que foi vendida por sete cruzeiros.

Tradução de MARIA MATILDE

— Meninos e meninas: agora é a vez deste salãozinho completo, com suas lampadas, jarras e decoração . Quanto dão ?

— Dez cruzeiros — disse uma das priminhas.

— Mas, senhorita Suzi . . . ,avalie o que está vendo ! E' um magnifico salão; os móveis são feitos de boa madeira e a louça é de cristal... Vamos, subam os preços !

O salãozinho alcançou vinte cruzeiros. Depois foi a vez de uma boneca preta, acompanhada de um variado estóque de vestidos, que foi muito disputada, tanto que chegou a quinze cruzeiros. Nina fez um gesto quando viu que lhe levavam a sua Sheila, que, como costumava dizer, lhe tinha inveja. Uma cozinha onde se podia cozinhar de verdade, foi adquirida por uma vizinha. O primo Cesar ficou com o patinete, e o primo Tótó, com uma grande bola que representava o mapa-mundi. Nely, a menorzinha das concorrentes, rematou uma mesa com tudo em cima: pratos, talheres, comida, pão, vinho e frutas, tudo em perfeita imitação em cêra. Assim foram arrematados todos os brinquedos, e não vendo mais nenhum por ali, o tio Firmino saiu da sala e voltou com vários objetos debaixo do braço.

— Senhoritas e senhores: como estou interessado em obter o máximo possível neste leilão e como já se esgotaram todos os brinquedos novos tenho que recorrer aos velhos; temos aqui um ursinho sem uma patinha e com o pêlo muito escasso; porém, ainda serve . . Vamos ver ! Quanto dão por êle ?

Nequinho, o mais novo dos primos de Nina, ofereceu um cruzeiro

— Sr. Nequinho, é natural que o senhor só tenha esta quantia, mas é muito pouco o que quer dar pelo ursinho. Dê um pouco mais ! Repare! Ele ainda pode durar muito tempo se for tratado com carinho.

E Nequinho tanto se interessou pelo ursinho que acabou dando por êle seis cruzeiros.

Nina sentiu muita pena do ursinho, mas conteve o pranto e só deixou transparecer que sofria pelo "beicinho" que fez, o qual procurou esconder colocando as mãos no rosto.

Depois veio a bateria de cozinha, onde faltavam varias peças, e que também foi arrematada.

Chegou afinal a vez do último brinquedo o qual foi apresentado às crianças assim:

— Moços e moças, sai em leilão o último que resta, e que com boa vontade ainda é aproveitavel: uma boneca que tem uma mancha de tinta no rosto, um olho e uma perna de menos, o cabelo muito reduzido e três dedos quebrados, a qual responde pelo nome de Chiquita e . .

(Conclue no fim do Almanaque)

O OSSO

A cozinheira, como fazia todos os dias, havia colocado junto da casinha de Lúlú um prato com comida. E que comida! Nem um rei teria melhor! Assim pensava Lúlú enquanto ía provando a comida.

— Deve haver banquete hoje nesta casa — pensou — porque "bocados" assim não os tenho todos os dias...

— É verdade — disse-lhe o seu amigo Negrinho — a mim também me tocou um prato formidável! Queres um pouco?

Antes, preciso dizer a vocês que Lúlú e Negrinho eram muito amigos, apezar do primeiro ser cão e o segundo ser gato. Mas não viviam como cão e gato, não! Pelo contrário, fugiam à regra. Juntos dormiam, juntos comiam e brincavam.

— Não, obrigado, respondeu Lúlú diante do convite gentil de Negrinho. Estou satisfeito. Repara que belo osso veio para mim!

Realmente era soberbo. O melhor que se podia encontrar em todo o mercado. E vinha ainda com muita carne e com uma pele dourada que parecia dizer: Come-me e vê como estou deliciosa!

— Vou para debaixo da parreira. Lá estarei mais tranquilo. O lugar lá é fresco e agradável.

— Pois eu vou acabar meu almoço e depois me estenderei ao sol.

— Miau!... Miau!...

E do meio das folhas do ficus surgiu Pimpão, o gato da casa vizinha... Lúlú não fez caso, embora suas pernas começassem a tremer.

— Miau! — repetiu Pimpão.

E, de um salto, pulou para o outro lado.

— Aonde vais com este osso? — perguntou a Lúlú.

Vou roê-lo um pouquinho. Então isto é modo de portar-se com os amigos? Tens aí um prato cheio de comida e não te ocorre dar-me um pouco, hein?

— Eu não sabia que estavas com fome — disse Lúlú.

— E muita, sabes? A cozinheira leva as sobras da comida e por isso não fica nada para mim.

— Pois tira o que quiseres.

— Para mim basta o osso.

Lúlú grunhiu. Logo o osso! Quanta pretensão, a daquêle entrometido!

E respondeu:

— Não, o osso não!

— Ah! não?

— Não!

— Gurrr-rrr! — e Pimpão começou a cavar a terra com as patas.

— Que atrevido! — pensou Negrinho.

Lúlú quís defender-se e largou o osso.

Antes não o tivesse feito! Pimpão que outra cousa não queria, apoderou-se dêle e pôs-se a correr, perseguido por Lúlú.

— Ladrão!... Devolve-me este osso!... — gritava Lúlú.

Mas Pimpão correu até desaparecer na casa vizinha.

E isto não foi o pior, pois o jardineiro ainda saíu correndo atraz de Lúlú, armado de páu e se êste não corresse muito, a esta hora estaria envolto em gaze e esparadrapo!

— Não sei como há quem goste de ossos. Eu não os aprecio — comentou Negrinho.

— De boa escapei eu — disse Lúlú, que, com o susto, tinha perdido o apetite.

— Este Pimpão é o pior gato que já conheci, — disse Negrinho. — Não nos podemos fiar nêle!...

— A mim sempre me pareceu um tanto abusado, falando com rudeza e alto. Lembro-me de que uma vez eu tinha no prato uma fatia de bolo fino e êle a quís, dizendo que estava se sentindo mal do estomago e que só podia comer bolo, mas que na casa dêle não tinha, e carregou o meu bolo!

E assim continuaram a comentar os êrros do Pimpão.

Porque a verdade é que, nem entre os bichos são apreciados os que são mal educados e não respeitam o que é dos outros. Só os educados e respeitadores são queridos e têm amigos, como Lúlú e Negrinho.

ZUZA E ZIZI

Osvaldo Storni

RE'CO-RE'CO, BOLÃO e AZEITONA

SEU PALIMÉRCIO, O SEU GATO COMEU O MEU CANÁRIO. SE O SENHOR NÃO TOMAR UMA PROVIDÊNCIA EU JÁ SEI O QUE VOU FAZER...

UM MOMENTO MEU FILHO, VOU LÁ DENTRO E JÁ VOLTO.

AQUI ESTÃO AS MINHAS PROVIDÊNCIAS SEU MOLEQUE ATREVIDO!

BOLÃO, QUERO ME VINGAR DO SEU PALIMÉRCIO. VOCÊ TEM ALGUMA IDÉIA?

TENHO, E MUITO BOA!

MIAU... MIAU... MIAU...

DEVE SER O MEU GATINHO QUE ESTÁ IMPRENSADO ENTRE AQUELES PAUS. ESTOU VENDO A PONTA DO RABO DELE.

SOCORRO!... UMA COBRA

AZEITONA, VÁ APANHAR A SUA COBRA DE BRINQUEDO, ENQUANTO ÊLE ESTÁ DESMAIADO.

BOLÃO, MEUS PARABENS, NUNCA PENSEI QUE VOCÊ SOUBESSE IMITAR UM GATO, TÃO BEM

Luiz Sá
RIO-48

RONDA DE NATAL

TRÊS pastores se inclinaram
no presepe do Deusinho

Um lhe trouxe o melhor fruto.
Outro — o melhor cordeirinho.
E o terceiro,
que era pobre,
tendo o coração apenas,
numa prece o ofereceu...

Pois, para êsse, Jesús,
carinhoso, se volveu.

TRÊS grandes Reis se prostraram
em frente ao berço divino.

Um trouxe a mirra mais rara,
trouxe o outro o oiro mais fino;
e o terceiro,
que era triste,
só trouxe um flóco de incenso
e, em todo o fervor imenso,
uma lágrima que as pálpebras
nêsse instante lhe orvalhou...

Pois, para êsse, Jesús
longe e mansamente olhou!

TRÊS anjos se ajoelharam
junto ao presepe glorioso.

Um trouxe a mais linda estrêla;
trouxe outro a nuvem mais linda,
rosada,
rosada ainda
pelo sol maravilhoso;
e o terceiro,
que era simples,
ofertou ao Berço Santo
apenas um canto. . .
um canto
que até às alturas, límpido,
triunfalmente subiu.

Pois, para êsse, Jesús
alegremente sorriu!

E ao seu sorriso,
a alvorada em aleluia,
dourada,
o céu de Belém floriu.

W. A. MAIA

MURILLO ARAUJO

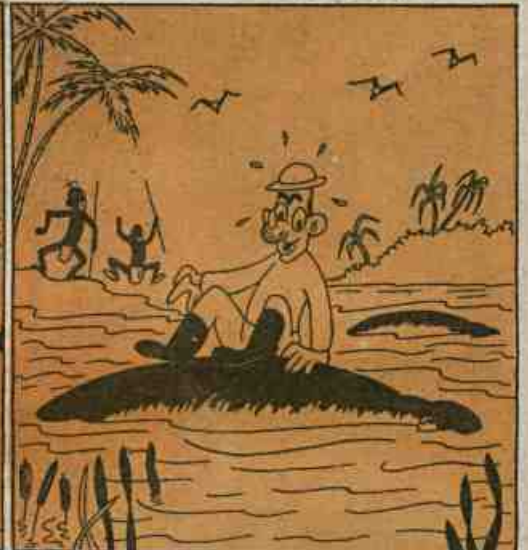
AVENTURAS DO ANASTÁCIO

Anastácio Bico Doce era um desses maníacos pelos livros de aventuras, e perdia noites de sôno na leitura de livros que enchiam de caraminholas a sua cachola. E leu tanto, tanto...

...o Anastácio, que um belo dia viu-se metido dentro de um balão que, rasgando os céus, parecia querer levá-lo alem da estratofera. Aconteceu, porém, que em dado...

...momento o balão estourou como uma bolha de sabão e o Anástacio, para não esborrachar-se na terra dura, como único recurso teve que usar o guarda-chuvas como paraquedas.

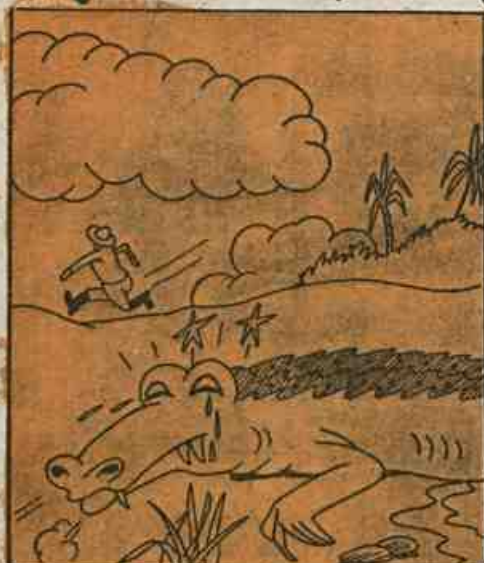
Levados pelo vento, lá se foram o Anastácio e o para-aguas cair numa aldeia, que era habitada por uma terrivel tribo de indios hidrófobos-antropófagos, os "puchavantes". Os selvagens...

...coitadinhos, que também sofriam com o racionamento da carne, fizeram uma festança tão grande, que se esqueceram até daquele "Bife" de duas pernas que haviam amarrado...

...ao poste da matança. E assim o Anástacio conseguiu fugir. Mas, dois canibais saíram no seu encalço, e o nosso herói meteu-se por um rio a dentro e foi encarapitar-se em cima de uma pedra.

E quando se julgava salvo, sentiu que a pedra não passava do lombo de um grande hipopótamo, que só não o abocanhou por ter sido êle mais ligeiro.

Anastácio procurava alcançar a margem do rio, descendo pelos cipós, quando um crocodilo, metendo o focinho fora d'agua, agarrou-o pela perna.

O bicho puxou com tanta força que o Anastácio largou os cipós e caiu montado no seu costado. E Bico Doce lembrou-se do que lera, e, mais que depressa, enfiou os dedos nos olhos do animal.

AVENTURAS DO ANASTÁCIO

O Crocodilo, coitado, cego de dor, saiu a nadar desesperado, e foi dar em terra. Anastácio aproveitou então, e saiu a correr, enquanto o reptil ficou a chorar as suas lágrimas. Depois...

...de uma grande carreira, o Anastácio começou a sentir fome, quando, com grande surprêsa encontrou um ninho, com cada ovo que dava para fazer uma omeleta para um regimento,

Estava já preparando o fogão com algumas pedras, antegozando o pitéu, quando entrou em cêna madame avestruz, dona dos ovos, que sem mais nem menos atacou-o com formidaveis patadas.

A muito custo Anastácio conseguiu livrar-se da atlética ave, e, refugiando-se na floresta, recostou-se a uma árvore a fim de refazer as energias gastas. Mas, qual!

Mais uma vez, a surprêsa esperava o aventureiro, pois a árvore na qual se recostara, era a tromba de um enorme elefante que o enroscou e levantou-o como uma pena.

Anastácio desmaiou de medo, e só despertou quando sentiu cair n'agua, bem pertinho da bocarra de um terrivel peixe, que, pelas atitudes, o achou com cara de minhoca ou outra isca qualquer.

E não fugindo à regra de que o peixe morre pela bôca, aquele também abocanhou o Anastacio, disposto a enguli-lo com roupa e tudo, enquanto o homenzinho procurava se defender.

Finalmente, o peixe fora d'agua não tardou a morrer. E estava o Anastácio meio morto de cansaço com tanta correria, quando recebeu uma chuva de côcos no alto do crânio.

Aí, então, o Anastácio Bico Doce despertou. E viu que havia dormido e sonhado ali mesmo sôbre o livro, e que a pancada na cabeça fôra nada mais, nada menos, que o abat-jour que despencára.

PERSONAGENS:

— Dr. SABINO
— ANSELMO
— CLIENTE
— DOENTE

AMBIENTE: — Consultório médico.

Dr. SABINO — Estão batendo... Quem será? (TOCA A CAMPAINHA, COM INSISTÊNCIA) Anselmo !...

ANSELMO — (ENTRANDO) Ó Patrão; o senhor me chamou?

DR. — Chamei. Vai ver quem está batendo. Depressa...

ANSELMO — É uma cliente sua; com uma criança.

DR. — Está bem; mande-a entrar.

CLIENTE — (ENTRANDO) Boa tarde, Seu Doutor.

DR. — Boa tarde, minha senhora. Sente-se. A criança está doente?

O que é que ela tem?

CLIENTE — Não sei doutor. Se eu soubesse...

DR. — Então, vamos examiná-la. Quantos anos?

CLIENTE — Um ano, quatro meses, três semanas e dois dias...

DR. — Muito bem. E qual a alimentação dela

CLIENTE — Ela come de tudo e a qualquer hora...

DR. — Ora ! Aí está. As crianças devem comer a hora certa e comidinhas especiais para elas.

CLIENTE — Ah ! Dr., eu não sabia...

DR. — Dê-lhe bastante frutas: laranjas, cajus... ricos em vitaminas. Leite !... A pedra angular da saúde !

CLIENTE — Sim senhor, Dr. Mas, onde posso arranjar essa pedra?

DR. —E' maneira de falar... Dê-lhe cenoura ralada, tomate, saladas ... porque têm cálcio, vitaminas ... Sais minerais.

CLIENTE — Sim senhor, muito obrigada, a pedra não, não é? E... quanto lhe devo?

DR. — Nada, não, senhora, eu não receitei... Mas guarde bem o que lhe disse: E' na alimentação, que está a saude de sua filha.

CLIENTE — Sim senhor, eu não me esqueço. Mas, desculpe, estou como uma sêde ...

DR. — Um momentinho. (TOCA A CAMPAINHA) Anselmo, traga um copo com água para esta senhora.

ANSELMO — Pois não, patrão. A criança também quer água ?

CLIENTE — Não, obrigada.

DR. — Como se chama a menina ?

CLIENTE — Sônia Marlene Maria Dayse Jane Shirley.

DR. — Bonito nome ... (COÇA A CABEÇA).

ANSELMO — (ENTRA COM DOIS COPOS, UM VAZIO) Olha a água ... Esse copo vazio, é que pode alguem não querer...

DR. — A senhora dá licença? Mas, rapaz, onde tu viste trazer água na mão, sem uma bandeija?

ANSELMO — O patrão, desculpe... Para outra vez... (SÁI)

CLIENTE — Obrigada, Dr. E com licença. Até qualquer dia. (SÁI).

DR. — Adeus, minha senhora, às suas ordens. (TOCA A CAMPAINHA).

ANSELMO — (ENTRANDO) Ó pàtrão, o senhor me chamou?

DR. — (TIRANDO O AVENTAL). Apanhe o meu paletó. Preciso sair. Vou ver uma clien-

te. Se alguem me procurar diga que eu não demoro. Volto já.

ANSELMO — "Sempre" Dr. Pode ir descansado. (O DR. SAI E ANSELMO, SÓZINHO, SENTA-SE NA POLTRONA, ESCARRAPACHA-SE, CRUZA AS PERNAS, APANHA UM "TICO-TICO" E DIZ PARA O PÚBLICO) Vou ler as notícias das guerras... (DEPOIS, OLHANDO PARA O AVENTAL) Oba !... Está para mim... Vou "fazer" o Dr. ... (VESTE O AVENTAL, COLOCA OS ÓCULOS E IMITA O DR.)

DOENTE — (ENTRANDO AFLITO) Ai.. Ai... Dr., Ai... Que dor!...

ANSELMO — Mas, eu não sou doutor.

DOENTE — Ai... Ai... Ai... Ai... Ai... que dor de barriga..

ANSELMO — Mas... O Dr. saiu... Calma rapaz... Bom enfim como você está aflito vou auxiliar ...

DOENTE — Ai... Ai... Ai... Dr. Ai... Ai...

ANSELMO — Toma ... (PEGA UM VIDRO DE LINIMENTO QUE ESTÁ SOBRE A MESA E DIZ BEM ALTO) "Tome isto, uma colher de sopa de duas em duas horas".

DOENTE — Ai... Ai... Ai.. Obrigado, Dr.! Eu me chamo Bento, às suas ordens. Ai... Ai... Aceite este vinte cruzeiros, Ai... Ai... Ai...

ANSELMO — (SÒZINHO) DIRIGE-SE PARA O PÚBLICO) Vinte cruzeiros! Nunca vi tanta "gaita" junta... Bom, deixa-me despir o avental. O patrão não tarda.

DR. — (ENTRANDO) Seu Anselmo, alguem me procurou ?

ANSELMO — Ninguém. Quer dizer... (FALA BAIXINHO PARA O POVO) Só um cliente meu ...

DR. — Escute. Meu vidro de remédio que estava aqui?

ANSELMO — O Bento levou... Estou brincando, eu guardei ... E aquele remédio é bom mesmo ? ...

DR. — Si é... Aquilo é só esfregar de noite no lugar onde dói e amanhece bom, um santo remédio.

ANSELMO — Esfregar ... (COM ESPANTO) E não póde beber?

DR. Não! É veneno!... Aquele remédio contém ácido salicílico, corrosivo, mata em vinte e quatro horas ...

ANSELMO — O que ? Mata ?... Veneno ... que me diz? ...

DR. — O que é que você tem? Está pálido! Falando sózinho...

ANSELMO — Nada, não senhor ... (CONTINÚA AFLITO, PASSEANDO PELO PALCO, ARRANCANDO O CABELO, FALANDO SÓZINHO).

(TOCA O TELEFONE, CORREM OS DOIS PARA ATENDER...)

DR. — Deixa, rapaz, que eu atendo (no telefone:) 55-5555... Sim, é o Dr. O que? Morreu? Está para morrer? ... Vou já ...

ANSELMO — Chi!... Estou perdido ... matei o desgraçado por causa de vinte cruzeiros.

DR. — Vou aí já, talvez ainda possa salvá-la. Anselmo, traga o meu paletó ... (Veste-se e sai às presas)

ANSELMO — (CORRENDO) Patrãozinho! Vá correndo ... De pressa... (SOZINHO) Bonito!... O homem morreu, por minha causa, e agora é capaz de vir me puxar as pernas... E eu tenho medo de alma do outro mundo...

DOENTE — (ENTRANDO) Dr. (ALTO) Dr.!...

ANSELMO — (ASSUSTANDO-SE) Olha êle aí...

O DOENTE PROCURA FALAR COM ANSELMO E ESTE SEMPRE FUGINDO COM MEDO..

ANSELMO — Você não morreu?... Você não morreu?... Não é alma do outro mundo?... (FUGINDO AO REDOR DO PALCO). Não vem puxar as minhas pernas?...

DOENTE — Não! Aquilo foi um santo remédio... Esfreguei na barriga...

ANSELMO: — Esfregou?

DOENTE — Sim, esfreguei... Fiz como estava escrito no vidro e fiquei bom na mesma hora...

ANSELMO — Ah!... Foi o que te salvou!... Se soubesses, como eu mandei...

DOENTE — Quem me salvou foi o sr., por isso vim lhe trazer mais vinte cruzeiros. E adeus!... (SAI).

ANSELMO — Adeus... (JUNTA A NOTA COM A OUTRA) Boa profissão! Não há dúvida. Vou estudar...

DR. — (ENTRANDO) Salvei a minha doente.

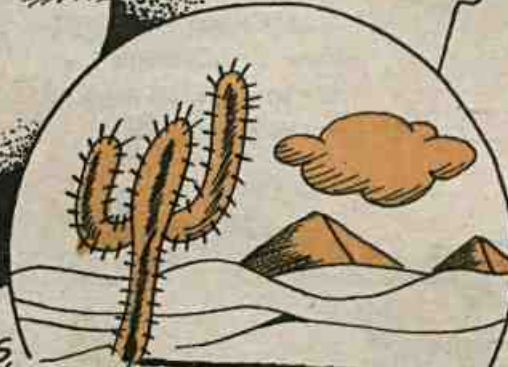
ANSELMO — Já sei. Êle esteve aqui...

DR. — Como? Estás maluco !?... Ela está de cama. Vá buscar os meus sapatos velhos... Andei muito e estes estão me machucando horrivelmente.

ANSELMO — (ENTRANDO COM OS SAPATOS NA BANDEJA). Pronto, patrãozinho... O sr. merece...

DR. — Rapaz, já vi. Tu és um portento!... Peço água e trazes o copo na mão; peço os sapatos traze-os na bandeja...

ANSELMO — Pois é, seu Dr. o senhor desculpe. (VIRANDO-SE PARA O PÚBLICO). Eu não nasci p'ra criado, eu nasci foi p'ra doutor...

CURIOSIDADES por PAULO AFFONSO
RÃ TOURO DOS ESTADOS UNIDOS.
A MAIOR DE TODAS. ATINGE 50 CENTIMETROS DE COMPRIMENTO.
CANTÁRIDA. PEQUENO INSETO QUE, DEPOIS DE SECO E REDUZIDO A PÓ, TEM VÁRIAS APLICAÇÕES MEDICINAIS.
DE CADA 15 PESSOAS SÓ UMA TEM OS OLHOS PERFEITOS. OBSERVE-SE QUE AS PESSOAS QUE TÊM O CABELO MUITO ABUNDANTE SÃO AS QUE POSSUEM A VISTA MAIS DEFEITUOSA.
CALCULA-SE QUE UMA MOSCA VOE DIARIAMENTE PERTO DE 10 QUILÔMETROS, DIVIDIDOS EM FRAÇÕES DE CENTIMETROS E POUCO MAIS DE UM METRO.
NO EGITO SUPERIOR RARAS VEZES CHOVE.
OS REDÚVIOS SÃO INSETOS CARNIVOROS QUE FAZEM CAÇA PERTINAZ AOS OUTROS INSETOS ESPECIALMENTE AOS PERCEVEJOS.
O PÊSO MÉDIO DE UM OVO DE GALINHA É DE 60 GRAMAS.
O ARGONAUTA É UM GENERO DE MOLUSCOS, CUJAS FEMEAS TEEM UMA CONCHA EM FÓRMA DE BARCO, DENTRO DA QUAL NAVEGAM NA SUPERFICIE DAS ÁGUAS, ESTENDENDO DOIS TENTÁCULOS EM FÓRMA DE VELA E REMANDO COM OS OUTROS.
ALPARCA
ESPECIE DE CALÇADO GROSSEIRO, FEITO DE VEGETAIS OU CORDAS ENTRANÇADAS. USAM-SE NO BRASIL, HESPANHA E PORTUGAL.
"PYXIDE ARACHINOIDES" É UMA PEQUENA TARTARUGA, QUE TEM NA PARTE INFERIOR DA CONCHA UMA PEÇA MOVEL QUE LHE PERMITE FECHAR A CONCHA LOGO QUE RECOLHA A CABEÇA.
NO MUSEU BRITÂNICO EXISTE UM TOPAZIO, QUE É CONSIDERADO EXTRAORDINARIO PELO SEU PESO: 5.450 GRAMAS.
ÊSTE DESENHO NOS MOSTRA A OCARINA, INSTRUMENTO MUSICAL DE SÔPRO, INVENTADO EM 1880, NA ITALIA POR JOSÉ DONATI.
BATHYSAURO É UM GENERO DE PEIXES PEQUENOS QUE VIVEM NAS GRANDES PROFUNDIDADES.

O SONHO DO ZUZÚ
QUANDO EU FÔR GRANDE VOU SER O HEROI DE MUITAS FAÇANHAS

SEREI CAPITÃO, EXPLORADOR, SEREI COMANDANTE DE UM...

GRANDE NAVIO---

POR ENQUANTO ESTOU COM MUITO SONO E AINDA FALTA MUITO PARA QUE EU ME TORNE GENTE GRANDE

COMO É QUE ME ENCONTRO NO MEIO DE UMA FLORESTA DA ÁFRICA? SEM UM FUSIL--? SE VIER UMA FERA---

TAXI

EU NÃO SABIA QUE NO MATO HAVIA TAXIS VIVOS. VOU FAZER UMA OTIMA VIAGEM
TAXI

UM GORILA!
DE ONDE VEM ESTE MOSQUITO?

TOME ESTE PRESENTE, AMIGO KANGURU. PONHA-O NA BOLSA

ESTE MENINO UMA VEZ ME DEU COMIDA, QUANDO VISITAVA O JARDIM ZOOLÓGICO!

UPA! ESTOU CAINDO DE GRANDE ALTURA

CAÍ, MAS DA CAMA-

O DESPERDÍCIO

PEDRINHO ganha uma brôa
gostosa, macia e boa,
pra merendar no recreio;
mas o tempo dêste é cheio,
a brincadeira o consome,
e Pedrinho esquece a fome.

À tarde, ao sair da escola,
remexendo na sacola,
encontra a brôa esquecida,
já maçuda e endurecida,
e, depois duma dentada,
joga-a longe, na calçada.

De volta a casa, Pedrinho,
numa esquina do caminho,
acha sentado um garoto
magrinho, descalço e rôto,
que lhe estende a suja mão
pedindo um niquel ou um pão.

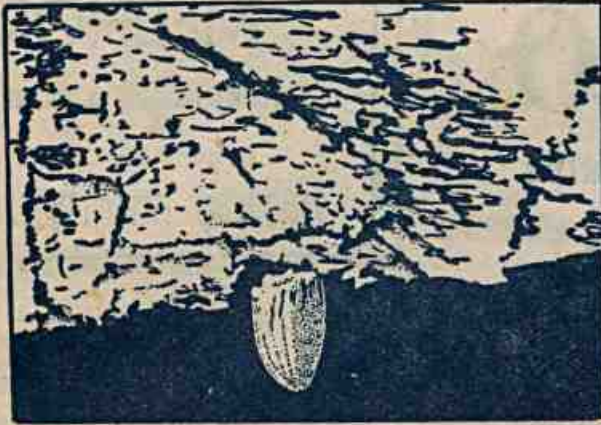
Como êle é muito bonzinho,
tem pena do pobrezinho;
tem muita pena, mas é
que, indo à escola sempre a pé,
pois a distância é pequena,
não leva, nem vale a pena,
no bolso nem um tostão;
e o que comer também não,
porque jogou na calçada
a merenda desprezada.

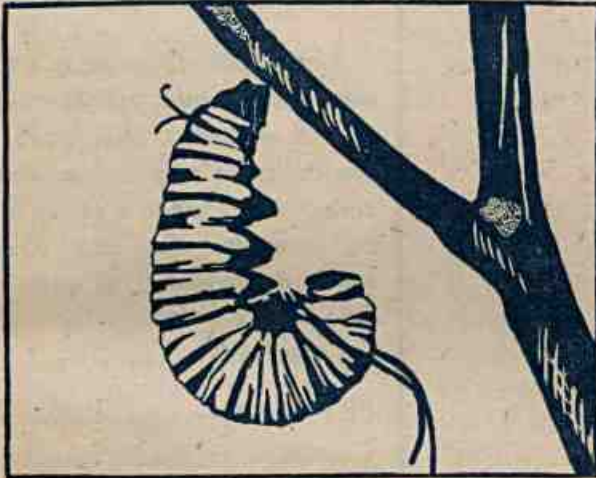
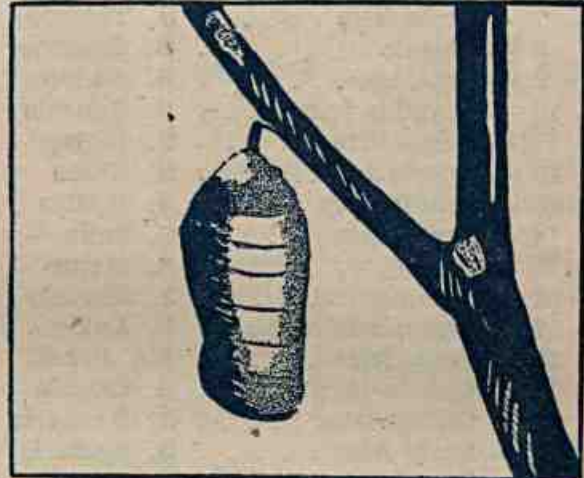
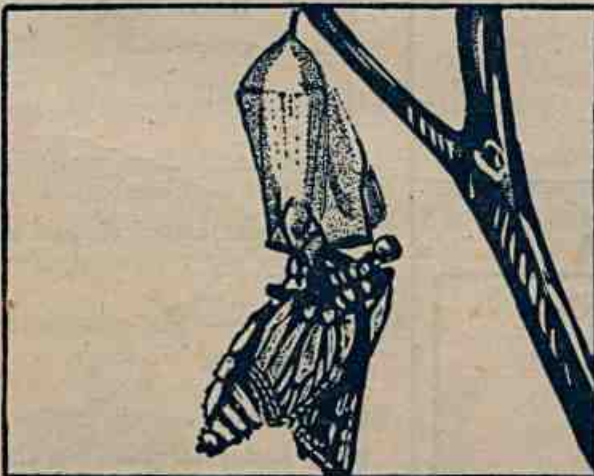
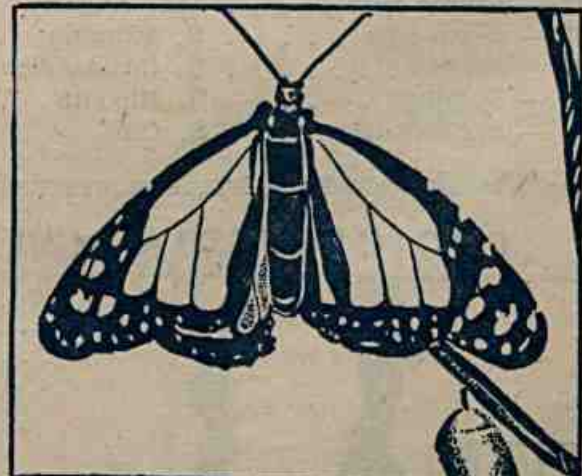
Agiu mal, mas, felizmente,
vê que o fez e, de repente,
chamando o meninozinho,
diz-lhe, cheio de carinho:

— "Não tenho pão nem vintém
e estou com fome, também,
como tu. Vem, pois, comigo,
que em minha casa consigo
repartir entre nós dois
meu lanche, e Mamãe, depois,
com certeza há de te dar
o que sobrar do jantar."

Meninos, isto lhes diz
que muita gente que chora
se sentiria feliz
em ter o que pomos fora.

MAURICIO B. GUIMARAES

COMO NASCE UMA BORBOLETA

A borboleta "Monarca" é uma das mais bonitas do Brasil. Ela põe o ovo, que é do tamanho da cabeça de um alfinete, na fôlha da planta de que se nutre. Aqui está o ovo, grandemente aumentado.

...Depois de mais ou menos 15 dias, sái do ovo uma lagarta, que começa a comer as fôlhas e a crescer.

Outros 15 dias se passam até que a lagarta se dependura assim, encolhe-se tôda e solta uma espécie de baba que a cobre.

Essa substância viscosa forma o casulo, dentro do qual a lagarta se desfaz completamente. Cinco a seis dias depois o casulo vai escurecendo e ...

...dêle sái, afinal, a borboleta. Nasce com asas pequeninas, úmidas, e mal se póde suster dependurada, de tão fraca que é.

Necessita, então, de 5 horas, para que as asas se desenvolvem e sequem completamente. Começa, então, a voar e vai pôr seus pequeninos ovos, dos quais sairão outras lagartas.

Janeiro

AQUARIUS

31 DIAS

1 — Sábado . . . . ✠ **Circuncisão do Senhor**
2 — Domingo . . . . . . S. Isidoro
3 — Segunda-feira . . . . S. Florencio
4 — Terça-feira . . . . . S. Telesforo
5 — Quarta-feira . . . . . S. Simão
6 — Quinta-feira . . . . . **Os Santos Reis**
7 — Sexta-feira . . . . . . S. Teodoro
8 — Sábado . . . . S. Severino
9 — Domingo . . . . S. Adriano
10 — Segunda-feira . . . . S. Gonçalo
11 — Terça-feira . . . . . S. Higino
12 — Quarta-feira . . . . . S. Bento
13 — Quinta-feira . . . . . S. Hilario
14 — Sexta-feira . . . . . . S. Felix
15 — Sábado . . . . S. Mauro
16 — Domingo . . . . . . S. Marcelo
17 — Segunda-feira . . . . S. Antão
18 — Terça-feira . . . . . Sta. Prisca
19 — Quarta-feira . . . . . S. Canuto
20 — Quinta-feira . . . . . S. Sebastião
21 — Sexta-feira . . . . . . S. Epifanio
22 — Sábado . . . . S. Vicente
23 — Domingo . . . . S. Ildefonso
24 — Segunda-feira . . . . S. Timóteo
25 — Terça-feira . . . . . C. de S. Paulo
26 — Quarta-feira . . . . . S. Policarpo
27 — Quinta-feira . . . . . Sta. Angela
28 — Sexta-feira . . . . . S. Floriano
29 — Sábado . . . . S. Constancio
30 — Domingo . . . . S. Hipolito
31 — Segunda-feiar . . . . S. Ciro

ENCICLOPÉDIA MALUCA

ESPIRRO DE GENTE: homem baixinho

QUAL A MELHOR?

COMÉDIA EM 1 ATO

ORIGINAL DE

TANCREDO FAYÃO RIBEIRO

PERSONAGENS: —

Didi — Menina de 10 anos
Zezé — Menino de 8 anos
Betinho — Menino de 12 anos
Papai — Senhor de 30 a 40 anos.

Cena única.

Ampla sala de crianças. Ornatos e móveis infantis. Portas laterais à vontade. Ao fundo uma grande janela ou porta em arco, envidraçada, de modo a vêr-se a cópa do arvoredo. Cái uma chuvinha miuda de inverno. É quasi noite. Pelo chão e cadeiras estão brinquedos espalhados.

BETINHO — Que chuva aborrecida!

ZEZÉ — Você sabe que a chuva é necessária porque ...

BETINHO — (*interrompendo-o*) Já sei. Já vem você com as lições de geografia.

ZEZÉ — Geografia não. Isto é ...

BETINHO — Cosmografia. Dá no mesmo. Lições chegam as da escola ...

ZEZÉ — Mas sempre devemos falar ...

BETINHO — ... de cousas novas e modernas. Não seja chá ...

ZEZÉ — (*pondo-lhe a mão na boca*) *Tchiu!* Papai não quer êstes termos.

28 DIAS

1 —	Terça-feira	S. Brigido
2 —	Quarta-feira	P. de N. Senhora
3 —	Quinta-feira	S. Braz
4 —	Sexta-feira	Sto. André
5 —	Sábado	Sta. Agueda
6 —	Domingo	Sta. Amandia
7 —	Segunda-feira	S. Maximiano
8 —	Terça-feira	Sta. Gudula
9 —	Quarta-feira	S. Cirilo
10 —	Quinta-feira	S. Amancio
11 —	Sexta-feira	S. Adolfo
12 —	Sábado	S. Gaudencio
13 —	Domingo	S. Benigno
14 —	Segunda-feira	Sta. Cristina
15 —	Terça-feira	S. Faustino
16 —	Quatra-feira	S. Porfirio
17 —	Quinta-feira	S. Donato
18 —	Sexta-feira	S. Teotonio
19 —	Sábado	S. Valerio
20 —	Domingo	S. Eleuterio
21 —	Segunda-feira	S. Maximo
22 —	Terça-feira	S. Roberto
23 —	Quarta-feira	S. Abilio
24 —	Quinta-feira	S. Matias
25 —	Sexta-feira	S. Cesário
26 —	Sábado	S. Alexandre
27 —	Domingo	CARNAVAL
28 —	Segunda-feira	CARNAVAL

ENCICLOPÉDIA MALUCA

PANELA: buraco de dente

DIDI — O mano fala pela moderna.

ZEZÉ — Mamãe diz que isso são barbaridades da lingua.

BETINHO — (*disfarçando*) Meninos, vocês viram o resultado do jogo de "basket" de ôntem ?

DIDI — Formidavel ! Simplesmente formidavel ! O Botafogo venceu de uma maneira nunca vista !

BETINHO — Não foi vantagem. O Flamengo jogou desfalcado. . . (*ouve-se uma buzina de automovel lá fóra. As crianças correm à janela.*)

DIDI — (*voltando com gesto de enfado*) É o auto da tinturaria.

BETINHO — (*idem*) Ora bolas !

ZEZÉ — (*que ainda olha pela janela*) É o garotinho entregador como está molhado !

BETINHO — (*recostando-se com grandes ares e falando ironicamente*). Por que não lhe dá a sua capa, grande filântrico.

DIDI — O que ? !

ZEZÉ — (*sorrindo com ar superior*) Filântrico ? (*risadas*)

BETINHO — Si eu me atrapalhei um pouco não quer dizer que não saiba a palavra.

DIDI — Pois então repita.

ZEZÉ — Repita mano.

BETINHO — (*zangando-se*) Pois agora não repito, pronto !

DIDI — É porque não sabe.

ZEZÉ — Está parecendo aquela história do livro . . .

DIDI — A do Plebiscito . . .

BETINHO — Só querem mostrar sabedoria . . . Não me amolem. Vou ler. (*Os três acomodam-se nas poltronas para ler. — Pausa*).

31 DIAS

1 — Terça-feira	CARNAVAL
2 — Quarta-feira	CINZAS
3 — Quinta-feira	Sta. Cunegundes
4 — Sexta-feira	S. Casimiro
5 — Sábado	S. Frederico
6 — Domingo	S. Marciano
7 — Segunda-feira	S. Gaudioso
8 — Terça-feira	Sta. Emiliana
9 — Quarta-feira	S. Candido
10 — Quinta-feira	S. Crescencio
11 — Sexta-feira	S. Constantino
12 — Sábdao	S. Gregorio
13 — Domingo	S. Rodrigo
14 — Segunda-feira	Sta. Florentina
15 — Terça-feira	S. Henrique
16 — Quarta-feira	Sto. Abraão
17 — Quinta-feira	S. Patricio
18 — Sexta-feira	S. Gabriel
19 — Sábado	S. José
20 — Domingo	S. Ambrosio
21 — Segunda-feira	S. Bento
22 — Terça-feira	S. Emigdio
23 — Quarta-feira	S. Liberato
24 — Quinta-feira	S. Agapito
25 — Sexta-feira	**Anunciação de N. Senhora**
26 — Sábado	S. Ludgero
27 — Domingo	S. José Damasceno
28 — Segunda-feira	S. Castor
29 — Terca-feira	Sta. Vitorina
30 — Quarta-feira	S. Amadeu
31 — Quinta-feira	S. Benjamim

ENCICLOPÉDIA MALUCA

PORCO ESPINHO: camarada cabeludo

DIDI — Que tempo!

BETINHO — E nós presos nesta maldita sala!

ZEZÉ — Que é isto, menino!

DIDI — Chego a ter sono.

ZEZÉ — Boa idéia. Betinho, vai dormir.

BETINHO — Um homem, dormir às 6 horas da tarde?

ZEZÉ — Seis horas não, 18 horas . . .

BETINHO — Quer me dar lições?

DIDI — Mas você é moderno, Betinho . . . (*Risadas.*) (*Betinho fica amuado. Pausa.*)

BETINHO — Mas é verdade! Presos nesta sala!

DIDI — E uma sala de crianças!

ZEZÉ — (*ingênuo.*) *Mas* esta é a nossa sala. É grande. podemos aqui fazer o que quizer.

DIDI — Mas é sala de crianças.

ZEZÉ — E nós não sômos crianças?

BETINHO — Eu já sou um mocinho de 12 anos. A prova é que uso calças compridas.

DIDI — (*irônica*) Mocinho de 12 anos?

ZEZÉ — Isto é verdade. Papai no outro dia disse ao Dr. Cunha que eu já estava ficando um rapazinho, logo, o mano que é mais velho . . .

BETINHO — Não fiz ainda a barba sô para não estragar a péle . . .

ZEZÉ — Boa bola!

DIDI e BETINHO — (*rapidos*) Heim?!

30 DIAS

1 — Sexta-feira	S. Macario
2 — Sábado	S. Francisco
3 — Domingo	S. Ricardo
4 — Segunda-feira	S. Zosimo
5 — Terça-feira	S. Vicente
6 — Quarta-feira	S. Marcelino
7 — Quinta-feira	S. Germano
8 — Sexta-feira	S. Amancio
9 — Sábado	S. Cristiano
10 — Domingo	**Ramos**
11 — Segunda-feira	S. Leão
12 — Terça-feira	S. Vitor
13 — Quarta-feira	**Trevas**
14 — Quinta-feira	**Endoenças**
15 — Sexta-feira	**Paixão**
16 — Sábado	**Aleluia**
17 — Domingo	**Pascoa**
18 — Segunda-feira	S. Galdino
19 — Terça-feira	S. Hermogenes
20 — Quarta-feira	S. Sulpicio
21 — Quinta-feira	**E. de Tiradentes**
22 — Sexta-feira	S. Sotero
23 — Sábado	S. Jorge
24 — Domingo	S. Alexandre
25 — Segunda-feira	S. Herminio
26 — Terça-feira	S. Cleto
27 — Quarta-feira	S. Tertuliano
28 — Quinta-feira	S. Prudencio
29 — Sexta-feira	S. Liberio
30 — Sábado	S. Peregrino

ENCICLOPÉDIA MALUCA

BAMBA: valentão invencivel

DIDI — Boa bola?!

BETINHO — Você, dizer tal barbaridade?

DIDI — O aluno estudioso que só fala corrtamente?

BETINHO — Qua condena os galicismos? (*riem*)

ZEZÉ — (*réfazéndo-se do desapontamento que teve*) Ora! Foi um — lápso da memoria! (*exaltando-se*) foi mais que um lápso, — foi a convivência com vocês, compreenderam? Vocês, que só falam a lingua de preto e malandro: Mas quando eu fôr grande, quando fôr um homem como papai, hei de arranjar uma lei que ponha na cadêia todo aquele que não falar direito o brasileiro!

DIDI — Bravos ao advogado!

ZEZÉ — Obrigado pela ironia. Mas, com tudo isso, hei de ser advogado mesmo.

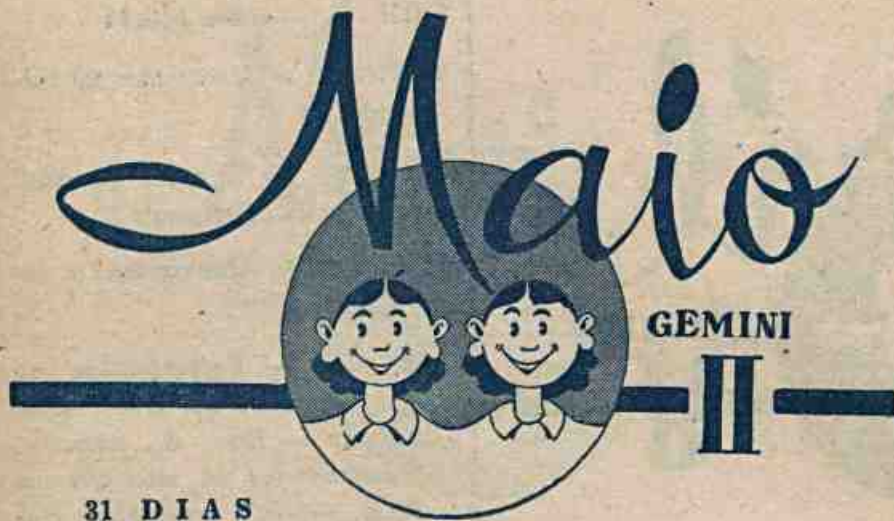
BETINHO — Pois eu, não. Quero ser médico operador. Rasgar um tumor, pesquisar os micróbios, consertar uma perna quebrada, serrar um osso ...

DIDI — Que horror! Que ferocidade de bárbaro!

ZEZÉ — É mesmo. Advogar é mais nobre. Defenderei sòmente as — causas justas. O fraco contra o forte ...

DIDI — Qual nada! A missão da professora é melhor e é mais bonita. Instrue um povo.

BETINHO — Protesto! Uma nação sem bons médicos não pôde gostar da D. Eugênia da raça... (*risadas de Zezé e Didi.*)

ZEZÉ — D. Eugênia da raça? Não conheço.

31 DIAS

1 — Domingo	**Festa do Trabalho**
2 — Segunda-feira	S. Atanasio
3 — Terça-feira	S. Timoteo
4 — Quarta-feira	S. Floriano
5 — Quinta-feira	S. Eulogio
6 — Sexta-feira	S. Evodio
7 — Sábado	S. Dionisio
8 — Domingo	S. Dionysio
9 — Segunda feira	S. Beato
10 — Terça-feira	S. Romão
11 — Quarta-feira	S. Anastacio
12 — Quinta-feira	Sta. Domotila
13 — Sexta-feira	**Abolição da Escravidão**
14 — Sábado	S. Bonifacio
15 — Domingo	S. Isidro
16 — Segunda-feira	S. Ubaldo
17 — Terça-feira	S. Bruno
18 — Quarta-feira	S. Erico
19 — Quinta-feira	S. Emilo
20 — Sexta feira	S. Bernardino
21 — Sábado	S. Secundino
22 — Domingo	Sta Helena
23 — Segunda-feira	S. Basilio
24 — Terça-feira	Sta Afra
25 — Quarta-feira	S. Urbano
26 — Quinta-feira	**Ascencão do Senhor**
27 — Sexta-feira	Sta. Eleonora
28 — Sábado	S. Germano
29 — Domingo	S. Maximo
30 — Segunda-feira	S. Fernando
31 — Terça-feira	Sta. Petronilha

ENCICLOPÉDIA MALUCA

BACANA: coisa boa

DIDI — Nunca vi essa senhora.

BETINHO — Sim senhor. Agora tenho a certeza de que falei direito. Eugênia é o nome, mas como é nome de mulher, antepõe-se o Dona por delicadeza.

ZEZÉ — Onde foi que você leu semelhante cousa?

BETINHO — Li num livro de papai que falava da Eugênia da raça.

DIDI — Isto é besteira!

ZEZÉ — Didi! Uma moça dizer esta palavra!

BETINHO — Besteira, sim! Deixe de bobagens. Desde que se meteu a sabidão deu para corrigir todo o mundo.

DIDI — Mas afinal ... Quem é essa tal D. Eugênia?

ZEZÉ — Vou buscar o dicionário. (*sai*)

BETINHO — (*Depois de uma ligeira pausa e um pouco atrapalhado.*) D. Eugênia da raça quer dizer: aperfeiçoamento físico à custa de esportes ...

ZEZÉ — (*reentrando com o dicionário*) *Aqui está. Vamos* consultá-lo.

BETINHO — Não precisa. Eu tenho a certeza do que digo.

DIDI — Alto lá. Vamos ver. (*Folheando o livro.*) Eugê ...

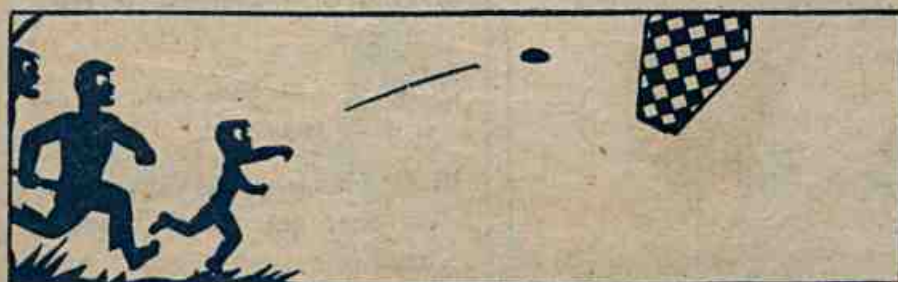
ZEZÉ — (*com expressão de triunfo*) Está aqui. Eugênia. (*meio desapontado*) É mesmo Eugênia.

BETINHO — (*Triunfante*) Não disse? E como é nome de mulher é justo que se anteponha o Dona.

DIDI (*que continuou a procurar*) Tolice!! Eu tenho mesmo geito para professora. Vejam. Não tem acento grave na segunda sílaba, logo a pronuncia é Eu-

30 DIAS

1 — Quarta-feira	S. Proculo
2 — Quinta-feira	S. Erasmo
3 — Sexta-feira	S. Davino
4 — Sábado	S. Quirino
5 — Domingo	**Espirito Santo**
6 — Segunda-feira	S. Norberto
7 — Terça-feira	S. Roberto
8 — Quarta-feira	S. Salustiano
9 — Quinta-feira	S. Primo
10 — Sexta-feira	S. Edmundo
11 — Sábado	S. Barnabé
12 — Domingo	**Trindade**
13 — Segunda-feira	Sto. Antonio
14 — Terça-feira	S. Marciano
15 — Quarta-feira	Sta. Lidia
16 — Quinta-feira	**Corpo de Deus**
17 — Sexta-feira	S. Agripino
18 — Sábado	S. Efrem
19 — Domingo	S. Protasio
20 — Segunda-feira	S. Silverio
21 — Terça-feira	S. Albano
22 — Quarta-feira	S. Paulino
23 — Quinta-feira	Sta. Edeltrudes
24 — Sexta-feira	**S. João Batista**
25 — Sábado	Sta. Lucia
26 — Domingo	S. Virgilio
27 — Segunda-feira	S. Fernando
28 — Terça-feira	S. Argemiro
29 — Quarta-feira	S. Pedro e S. Paulo
30 — Quinta-feira	Sta. Lucina

ENCICLOPÉDIA MALUCA

TASCAR: estragar o trabalho alheio

ge-nía, de acôrdo com a ortografia moderna! ...

BETINHO — (*contrafeito*) É uma questão apenas de acentuação tônica. Mas o significado é o mesmo, e, sendo nome de mulher ...

DIDI — Mas não é nome mulher! Você cometeu um erro terrivel para um futuro médico!

BETINHO — (*disfarçando*) Bem, isto não tem importância. Como dizia eu, o médico trata da saude e do futuro de uma raça inteira ...

DIDI — ... E um país de analfabetos póde ter quantos médicos e advogados quizer, que não será nada se o seu povo não for instruido.

ZEZÉ — Mas sem o advogado, não existirá a diplomacia, nem os tratados. Virão, portanto, as guerras; os ladrões tomarão conta de tudo e os inocentes irão para as grades.

BETINHO — Ora ... e que vale um país sem médicos? Vocês sabem que quando estamos doentes não temos vontade de fazer nada, e um país de doentes não vai p'ra diante.

DIDI — Mas ser professora é mais sublime até do que ser enfermeira, — porque vai elucidar as inteligências das crianças que serão os homens do futuro,

BETINHO — Bravos! Gostei da frase!

ZEZÉ — Não é dela. A professora já disse isto no outro dia.

BETINHO — Então, é puro "papel carpono". (*riem*)

DIDI — E você, falando em D. Eugênia?! Não soube nem ler ...

31 DIAS

1 — Sexta-feira	S. Julio
2 — Sábado	Visitação de Nossa Senhora
3 — Domingo	S. Jacinto
4 — Segunda-feira	S. Laureano
5 — Terça-feira	S. Fabio
6 — Quarta-feira	S. Domingos
7 — Quinta-feira	S. Cirilo
8 — Sexta-feira	S. Procopio
9 — Sábado	Sta. Veronica
10 — Domingo	Sta. Amelia
11 — Segunda-feira	S. Sabino
12 — Terça-feira	S. Gualberto
13 — Quarta-feira	S. Anacleto
14 — Quinta-feira	S. Boaventura
15 — Sexta-feira	S. Camilo
16 — Sábado	S. Carlos
17 — Domingo	Sto. Aleixo
18 — Segunda-feira	Sto. Arnaldo
19 — Terça-feira	Sta. Justa
20 — Quarta-feira	S. Jeranimo
21 — Quinta-feira	Sta Julia
22 — Sexta-feiar	S. Teofilo
23 — Sábado	S. Apolinario
24 — Domingo	S. Diogo
25 — Segunda-feira	S. Tiago
26 — Terça-feira	Santa Ana
27 — Quatra-feira	Sta. Natalia
28 — Quinta-feira	S. Inocencio
29 — Sexta-feira	S. Olavo
30 — Sábado	S. Abel
31 — Domingo	S. Fabio

ENCICLOPÉDIA MALUCA

TUNDA: presente da mamãe

ZEZÉ — *(rindo)* É verdade! Agora ela "matou você na cabeça"!

BETINHO — Quem morre "nocaute" é você, seu advogado das duzias. Papai sempre diz que o sujeito quando não dá para nada vai ser advogado.

DIDI — Porque é carreira mais facil. É só ler e decorar as leis.

ZEZÉ — Não senhora. Não adianta decorar as leis e decretos porque elas se renovam sempre e outras vezes perdem o valor. O que adianta é saber interpretá-las... *(com graça)* e —torcê-las quando preciso ...

DIDI — Já está mostrando que será um advogado matreiro ...

BETINHO — "Crac", mesmo, em tapear os outros, ao passo que um médico apenas fortifica a moral e o corpo, tranquiliza as mamãs e os papás quando seus filhos estão doentes. Conserva unidas as familias.

DIDI — Isso de familia é besteira! *(gesto de espanto de Betinho e escandalo de ZEZÉ.)*

BETINHO — Você agora é contra a familia?

DIDI — Não. Mas sou contra a educação selvagem que muitas ainda usam.

ZEZÉ — Mas por que disse, então, que êsse negocio de familia é besteira?

BETINHO — Didi não se explicou bem.

DIDI — Mais clara do que eu fui é impossivel.

BETINHO — Então você insiste em dizer que "familia é besteira"?

DIDI — Insisto!

31 DIAS

1 — Segunda-feira	S. Hermeto
2 — Terça-feira	S. Eufronio
3 — Quarta-feira	S. Oswaldo
4 — Quinta-feira	Transfiguração
5 — Sexta-feira	S. Donato
6 — Sábado	S. Ciriaco
7 — Domingo	S. Romeu
8 — Segunda-feira	S. Amadeu
9 — Terça-feira	Sta. Suzana
10 — Quarta-feira	S. Herculano
11 — Quinta-feira	S. Cassiano
12 — Sexta-feira	S. Calixto
13 — Sábado	Assunção
14 — Domingo	S. Roque
15 — Segunda-feira	S. Liberato
16 — Terça-feira	Sta. Helena
17 — Quarta-feira	S. Luiz
18 — Quinta-feira	S. Herberto
19 — Sexta-feira	Sta. Joana
20 — Sábado	S. Graciano
21 — Domingo	S. Benicio
22 — Segunda-feira	S. Bartolomeu
23 — Terça-feira	S. Genesio
24 — Quarta-feira	S. Zeferino
25 — Quinta-feira	Sta. Eutalia
26 — Sexta-feira	S. Hermes
27 — Sábado	Sta. Candida
28 — Domingo	S. Faustino
29 — Segunda-feira	S. Aristides
30 — Terça-feira	S. Leoncio
31 — Quarta-feira	S. Afonso

ENCICLOPÉDIA MALUCA

"JARARACA": cobra criada em casa

ZEZÉ — Besteira é derivado de besta. Logo papai e mamãe, porque deram origem à familia ...

DIDI — (*sorrindo*) Como sabe você essas cousas?

BETINHO — Didi, Zezé falou bem. Chamar papai e mamãi de nomes feios não é nada correto.

DIDI — E eu chamei os meus pais de algum nome feio?

BETINHO — Chamou, sim.

ZEZÉ — Isso de nomes não importa, porque eu também chamo os meus ...

BETINHO — De nomes?

ZEZÉ — (*imperturbavel*) Sim, de nomes.

DIDI — (*a favor de Betinho*) Menino!

BETINHO — E póde-se saber quais foram os nomes que o ilustre católico e futuro advogado ousou chamar os seus pais?

ZEZÉ — Sim, senhor.

BETINHO — Diga-os.

DIDI — (*severa*) — Meninos! Se algum disser um nome feio eu chamo mamãi!

ZEZÉ — Papai sempre diz que as mulheres hão de tirar deduções rápidas mas erradas ... Os nomes são os seguintes: meu amor, querida mamãi etc, e tal ...

DIDI — Ah!

BETINHO — Ah! E o que pensou você?

DIDI — Pensei que êle iria dizer ...

ZEZÉ — As mesmas barbaridades que vocês dois usam? Não. (*Para Didi*) Quantas especies de nomes você conhece?

DIDI — Duas.

30 DIAS

1 — Quinta-feira	S. Constancio
2 — Sexta-feira	S. Estevão
3 — Sábado	S. Ladislau
4 — Domingo	Sta. Rosalia
5 — Segunda-feira	Sta. Libania
6 — Terça-feira	Sta. Eudoxia
7 — Quarta-feira	**Independencia do Brasil**
8 — Quinta-feira	**Natividade de Nossa Senhora**
9 — Sexta-feira	S. Graciano
10 — Sábado	S. Hilario
11 — Domingo	S. Emiliano
12 — Segunda-feira	S. Juvencio
13 — Terça-feira	S. Amada
14 — Quarta-feira	S. Cornelio
15 — Quinta-feira	S. Albino
16 — Sexta-feira	S. Cipriano
17 — Sábado	Sta. Marcina
18 — Domingo	Sta. Sofia
19 — Segunda-feira	S. Rodrigo
20 — Terça-feira	S. Eustaquio
21 — Quarta-feira	S. Mateus
22 — Quinta-feira	S. Santino
23 Sexta-feira	S. Lino
24 — Sábado	S. Geraldo
25 — Domingo	S. Firmino
26 — Segunda-feira	S. Nilo
27 — Terça-feira	S. Cosme e S. Damião
28 — Quarta-feira	S. Salomão
29 — Quinta-feira	Sta. Gudelia
30 — Sexta-feira	S. Jeronimo

ENCICLOPÉDIA MALUCA

"JA' COMEÇA": coceira que faz dansar

ZEZÉ — Muito bem. E quis são elas?

DIDI — Nomes feios e bonitos.

ZEZÉ — Diga então um nome bonito.

DIDI — (*expressiva*) — Amor! (*Os dois meninos entreolham-se e balançam a cabeça penalizados.*)

ZEZÉ — Diga um nome feio.

DIDI — (*distraida*) Eu ... (*detendo-se*) — não sei. Não os conheço.

ZEZÉ — (*malicioso*) — Como sabe que são feios?

BETINHO — (*socorrendo a irmã pressuroso*) — Porque não há palavra que não tenha o seu antônimo, logo, se existem as palavras bonitas, existem, naturalmente, as feias.

DIDI — Ai mano! Você agora pôs o advogado em "ofsaide".

ZEZÉ — (*sem se perturbar*) — Os senhores sabichões afirmam que todas as palavras têm os seus antônimos, não é?

DIDI e BETINHO — (*com convicção*) Sim senhor!

ZEZÉ — (*com expressão irônica*) — Qual é o antônimo de nuvem?

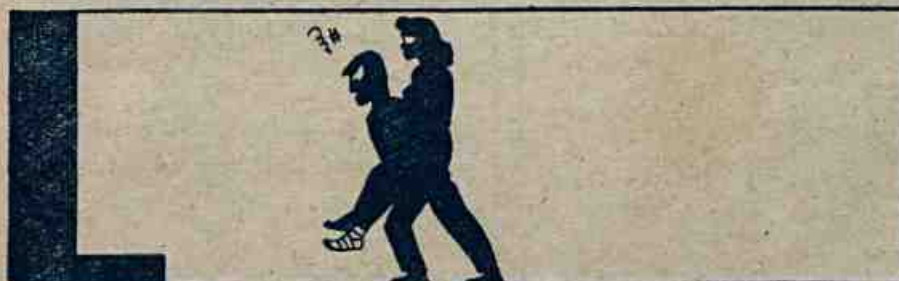
BETINHO — (*impetuoso*) — Antônimo de nuvem é ... (*engasga*)

DIDI — (*Querendo socorrer o irmão*) — Facil, muito facil, o contrário de nuvem é ... é ...

ZEZÉ — Engasgaram? (*com um risinho superior*) — Nuvem é palavra sem antônimo.
Viram para que serve um advogado?

31 DIAS

1 — Sábado	S. Verissimo
2 — Domingo	S. Tomaz
3 — Segunda-feira	S. Candido
4 — Terça-feira	S. Eduino
5 — Quarta-feira	S. Placido
6 — Quinta-feira	S. Bruno
7 — Sexta-feira	S. Augusto
8 — Sábado	Sta. Brigida
9 — Domingo	S. Diniz
10 — Segunda-feira	S. Beltrão
11 — Terça-feira	S. Nicacio
12 — Quarta-feira	**Descoberta da America**
13 — Quinta-feira	S. Eduardo
14 — Sexta-feira	S. Calixto
15 — Sábado	Sta. Tereza
16 — Domingo	S. Martiniano
17 — Segunda-feira	Sta. Edviges
18 — Terça-feira	S. Justo
19 — Quarta-feira	S. Aquilino
20 — Quinta-feira	S. João Cancio
21 — Sexta-feira	S. Hilarião
22 — Sábado	Sta. Cordelia
23 — Domingo	S. Capistrano
24 — Segunda-feira	S. Rafael
25 — Terça-feira	S. Crispim
26 — Quarta-feira	S. Evaristo
27 — Quinta-feira	S. Elesbão
28 — Sexta-feira	S. Simão
29 — Sábado	S. Narciso
30 — Domingo	Sta. Lucilia
31 — Segunda-feira	S. Quintino

ENCICLOPÉDIA MALUCA

VIAJAR DE CARONA: é isto mesmo

DIDI — (*refazendo-se*) Para torcer os assuntos, inventar maneira complicada de perguntar, só para atrapalhar os que estão de boa fé.

BETINHO — Exatamente ao contrário do médico que tudo faz para curar, — trazer calma e alivio aos lares e mesmo às almas.

ZEZÉ — Que tem a alma com o médico?

BETINHO — Você já viu alguem ter paz de espirito quando está com alguma dôr?

ZEZÉ — Os descrentes não. Mas os que creem ,com verdadeira fé em — Deus, gozam sempre da verdadeira paz da conciência.

BETINHO — Olhem o santinho.

ZEZÉ — E conciencia tranquila.

BETINHO — Um advogado falando em conciencia tranquila ...

DIDI E o doce que você furtou ontem? Mamãe recomendou muitas vezes que não tirassemos doce da compoteira de vidro.

ZEZÉ — Eu não furtei. Vocês é que fizeram o furto, e vieram oferecer-me a trôco do meu silêncio ... porque eu quando vi quis gritar pela mamãe! ...

BETINHO — A trôco da sua cumplicidade, é o que você deve dizer.

ZEZÉ — Ambos estão errados. Eu não fui cumplice. Fui apenas um martir porque me expuz a levar a pecha de ladrão junto com vocês por simples caridade ...

DIDI — Caridade, sim! Pois então não vi a rapidez com que avançou no doce?!

BETINHO — Caridade que rouba?

30 DIAS

1 — Terça-feira	**Todos os Santos**
2 — Quarta-feira	**Comemoração dos Mortos**
3 — Quinta-feira	S. Hesberto
4 — Sexta-feira	S. Carlos
5 — Sábado	Sta. Elisabet
6 — Domingo	S. Leonardo
7 — Segunda-feira	S. Ernesto
8 — Terça-feira	S. Deodato
9 — Quarta-feira	S. Agripino
10 — Quinta-feira	S. André
11 — Sexta-feira	Sta. Clemencia
12 — Sábad	S. Diogo
13 — Domingo	S. Bento
14 — Segunda-feira	S. Clementino
15 — Terça-feira	**Proclamação da Republica**
16 — Quarta-feira	S. Edmundo
17 — Quinta-feira	S. Gregorio
18 — Sexta-feira	Sta. Astrogilda
19 — Sábadc	**Festa da Bandeira**
20 — Domingo	S. Felix
21 — Segunda feira	S. Demetrio
22 — Terça-feira	Sta. Cecilia
23 — Quarta-feira	S. Clemente
24 — Quinta-feira	S. João da Cruz
25 — Sexta-feira	Sta. Delfina
26 — Sábado	S. Belmiro
27 — Domingo	S. Acacio
28 — Segunda-feira	S. Jacob
29 — Terça-feira	S. Saturnino
30 — Quarta-feira	Sta. Constança

ENCICLOPÉDIA MALUCA

LIÇÃO: castigo que ensina

ZEZÉ — Caridade, sim. Eu vi o medo com que vocês ficaram quando ameacei contar à mamãe, Então f u i caridoso quando disse: "aqui estou, disposto ao sacrifício. Ajudo a comer e não conto nada. Façam-me cumplice". E comi o doce (*transição*) Como estava bom! (*Silêncio.*)

BETINHO — Eu comi para ter uma indigestão e mais tarde poder avaliar o mal dos meus clientes.

DIDI — E eu observei e observo sempre os senhores dois, para mais tarde, quando for professora, citá-los como mau exemplo aos meus discipulos.

BETINHO — Pretenciosa!

ZEZÉ — Creio que já provei que tenho muito jeito para advogado, e afirmo: é a melhor carreira para um homem inteligente.

DIDI — Não é.

BETINHO — Engano!! É a de médico!

ZEZÉ — Protesto! A advocacia é a profissão por excelência ...

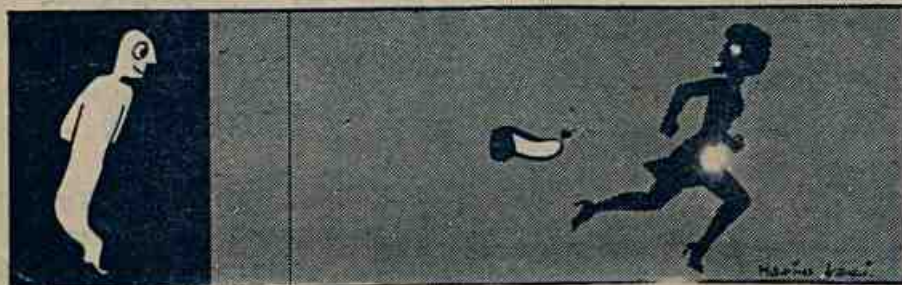
DIDI — Chamemos o papai para ser juiz.

PAPAI — (*entrando*) Não é preciso, aqui estou. De que se trata? (*As crianças querem tôdas falar ao mesmo tempo. Papai, abraçando-as.*) Calma. Fale a Didi em primeiro lugar. Vocês são homens, devem deixar que ela fale, porque são educados.

DIDI — Papai, eu quero ser professora, Zezé que ser advogado e Betinho, médico. Todos dizem que a carreira que escolheram é a melhor. Qual é a sua opinião?

31 DIAS

1 —	Quinta-feira	S. Elói
2 —	Sexta-feira	Sta. Bibiana
3 —	Sábado	S. Francisco Xavier
4 —	Domingo	Sta. Barbara
5 —	Segunda-feira	S. Crispim
6 —	Terça-feira	S. Nicolau
7 —	Quarta-feira	S. Ambrosio
8 —	Quinta-feira	Conceição de Nossa Senhora
9 —	Sexta-feira	Sta. Leocadia
10 —	Sábado	Sta. Eulalia
11 —	Domingo	S. Damaso
12 —	Segunda-feira	S. Melchias
13 —	Terça-feira	Sta. Luzia
14 —	Quarta-feira	S. Esperidião
15 —	Quinta-feira	S. Cristiano
16 —	Sexta-feira	Sta. Albina
17 —	Sábado	Sta. Venina
18 —	Domingo	S. Graciano
19 —	Segunda-feira	S. Urbano
20 —	Terça-feira	S. Alfredo
21 —	Quarta-feira	S. Tomé
22 —	Quinta-feira	S. Demetrio
23 —	Sexta-feira	Sta. Vitoria
24 —	Sabádo	S. Adão
25 —	Domingo	NATAL
26 —	Segunda-feira	S. Dionisio
27 —	Terça-feira	São Evangelista
28 —	Quarta-feira	SS. Inocentes
29 —	Quinta-feira	S. Marceelo
30 —	Sexta-feira	Sta. Anisia
31 —	Sábado	S. Silvestre

ENCICLOPÉDIA MALUCA

VALENTIA: corrida que se dá de noite . . .

PAPAI — Todas são boas e uteis quando exercidas com amor e seriedade. Na vida, meus filhos, tudo é util, todo o trabalho enobrece e sublima, quando feito com boa vontade, sabedoria e, às vezes, mesmo, até com o sacrificio. Dessa abnegação, dêsse sacrificio, da vontade e do saber, da honestidade e do trabalho, é que a humanidade se nutre e graças a eles caminha sempre para frente, em busca do Progresso que é a felicidade suprema dos povos.

CRIANÇAS — Viva o papai!

PAPAI — (*sorrindo*) Agora não discutam mais e toca para a cama que está na hora.

VELARIO

Dias comemorativos

Dia da Confraternização Universal	— 1 janeiro
Dia do Farmacêutico	— 20 janeiro
Dia Pan-Americano	— 14 abril
Dia do Indio	— 19 abril
Dia do Trabalho	— 1 maio
Dia da Enfermeira	— 12 maio
Dia do Telegrafista	— 24 maio
Dia das Mães	— 2º. domingo de maio
Dia do Pescador	— 29 junho
Dia do Estudante	— 11 agosto
Dia do Soldado	— 25 agosto
Dia da Independência	— 7 setembro
Dia do Rádio	— 21 setembro
Dia da Arvore	— 21 setembro
Dia da Criança	— 12 outubro
Dia do Professor	— 15 outubro
Dia do Médico	— 18 outubro
Dia da Aviação Brasileira	— 23 outubro
Dia do Servidor Público	— 28 outubro
Dia do Empregado no Comércio	— 30 outubro
Dia dos Mortos	— 2 novembro
Dia da República	— 15 novembro
Dia da Bandeira	— 19 novembro
Dia Pan-Americano da Saúde	— 2 dezembro
Dia da Propaganda	— 4 dezembro
Dia do Marinheiro	— 13 dezembro
Dia do Reservista	— 16 dezembro

A fuga do caçador

TARTARIN havia criado para si a fama de "caçador mais valente da vila dos Cogumelos". Armado de uma velha espingarda saia para explorar as selvas e se julgava capaz de matar até um urso.

— Sou valente, sem dúvida alguma! dizia para si mesmo. Em qualquer ocasião serei capaz de matar um grande animal e fazer jús ao nome que tenho.

Ao regressar de suas excursões, eram empolgantes as façanhas que contava e não se passava um só dia em que êle não viesse com a notícia de que tinha liquidado grande número de animais selvagens.

O que mais impressionava aos que o ouviam contar tais histórias, porém, é que êle dizia que nunca dava mais de um tiro para derrubar um animal, por maior que fosse!

Certa manhã partiu em direção ao bosque para caçar, e cantava para se distrair, quando, de repente, ouviu ruído na mata. Prestou atenção e avistou em seguida uma féra enorme, de aspecto pavoroso e que tinha na cabeça um par de chifres ameaçadores.

Tartarin, vendo tão exquisito animal, que parecia disposto a atacá-lo, disparou numa carreira desabalada, chegando à aldeia onde morava gritando desesperadamente e pedindo socôrro. Todos os moradores do pequeno povoado chegaram às janelas para ver quem fazia tanto barulho e depararam com o vergonhoso quadro: — um caçador fugindo do animal que tentara caçar.

Era mesmo de admirar!

Desde êsse dia a fama de Tartarin foi diminuindo e a mais ninguém tornou êle a contar as façanhas realizadas com a sua espingarda.

E não era para menos, pois o pobre caçador, na sua alucinação, não reparou que o que chamava uma féra nada mais era que um simples boi de carga, cujo dono, certo de que Tartarin não era o valente que dizia ser, quiz pregar-lhe uma peça para demonstrar às pessoas da vila dos Cogumelos que o glorioso Tartarin não era capaz de caçar nem a mais inofensiva borboleta.

Desde aquela ocasião, quando alguém queria chamar outra pessoa de medrosa dizia simplesmente: És um Tartarin!

E essa frase é considerada a pior quando se quer chamar alguém de medroso.

Assim como Tartarin, existem muitos caçadores pelo mundo. São essas pessoas que se dizem corajo-

O VEADO GALHEIRO: — Bem... Só quero vêr em que vai dar essa brincadeira de fazer ninho aí . . .

A MAMÃE POLVO: — Viram? Eu sabia que vocês, com essa brincadeira, acabavam se embaraçando . . .

sas e valentes e que costumam contar histórias fantásticas de valentia e coragem.

Um valente de verdade não precisa estar falando nisso a tôda a gente. Os que o cercam já o conhecem como tal é realmente

A mesma coisa acontece com os sábios e os bons. Aquele que sabe não precisa gritar aos quatro ventos a sua sabedoria. Pouco a pouco o seu saber irá sendo conhecido e a admiração dos que o cercam será para êle mais merecida e mais nobre.

Assim tem sido sempre. O verdadeiro mérito se impõe por si mesmo.

Por isso, quando vocês praticarem uma boa ação, ou quando souberem que foram bons, não devem dizer a ninguém, guardem para vocês e experimentem como é agradável, como se sentem felizes. Já é bastante que Deus saiba, pois é Êle que premeia tôdas as boas ações praticadas.

ARGONAUTAS

Os argonautas são moluscos muito comuns no Mediterrâneo e cujos tentáculos como os do polvo, são providos de ventosas.

O exemplar feminino é algo maior que o masculino.

Êste possue um dos tentáculos muito mais desenvolvido que os outros e em fórma de chicote.

Segundo Plínio, o homem aprendeu dos argonautas a arte da navegação, pois esses moluscos se valem de suas extremidades como remos e outras vezes, colocando-as fóra dágua, utilizam-nas como velas para que as impulsione o vento.

O bom sentinela não pode dormir!

PROVERBIOS POPULARES

Muito riso pouco siso.

Quem semeia ventos colhe tempestades.

Vintem poupado, vintem ganho.

Devagar se vai ao longe.

Falar é prata, calar é ouro.

O trabalho contínuo supera tôdas as dificuldades.

A ociosidade é como a ferrugem, gasta mais que o trabalho.

Faze aos outros o que queres que eles te façam.

Quem muito abarca, pouco abraça.

Cousa bem começada, é meio acabada.

Quem adiante não olha, atraz fica.

Quem o mal faz, a si o traz.

Quem furta um ôvo, furta um boi.

Quem ganha, faz muito, quem guarda faz mais.

Quem não quer conselho, não quer ajuda.

A GRANFINA

Margarida era vaidosa
E passava tôda prosa
Com sua bela sombrinha.
Rosita, sua visinha,
Passava modestamente
Vestida, e polidamente
Sorriu-lhe e cumprimentou-a.
A outra apenas olhou-a
De soslaio e foi andando,
Sua sombrinha girando,
P'ra se fazer de granfina
P'ra uma terceira menina
Parada à beira da estrada,
E também p'ra a garotada
Que vinha lá mais adiante.

Mas naquele mesmo instante
Eis que sopra um pé de vento
Tão repentino e violento
Que a dengosa Margarida,
Pegada desprevenida,
Larga o cabo da sombrinha.
Esta, como uma ventoinha,
Voa, rodando pelo ar,
Cai e continua a rodar,
Em tremendo rodopio,
Lá para as bandas do rio.

Margarida, envergonhada,
Corre atrás dela, vaiada
Pelos garotos, e vendo
Que muito embora correndo
(Pois não é muito ligeira)
'Stá longe da ribanceira
Que vai dar na água. A sombrinha,
Tão linda, cara e novinha,
Alí, na certa cairá,
E a corrente a levará.

Riem todos. Mas Rosita,
Agil como uma cabrita,
Sai do cantô em que ficára
Quando a amiga a destratara
E, atravessando num salto
Uma sebe de mato alto,
Corta caminho, inda chega
Ao rio a tempo, alí pega
Pela biqueira a fujona
E corre a entregá-la à dona.

Ofegante, Margarida,
Da canseira da corrida,
Diz, gaguejando, corada:
— "Rosita, muito obrigada.
De mim, com a minha riqueza,
E você, com sua pobreza,
Você é bem melhor que eu,
Pois num minuto esqueceu
Minha tola presunção
E falta de educação."

MAURICIO B. GUIMARÃES.

Aventuras de
DECO e DICO
DECO E DICO, VOCÊS ESTÃO VENDO, SÃO DOIS MACAQUINHOS MUITO AMIGOS DE AVENTURAS.
DECO ANDOU ESPALHANDO QUE ERA TÃO VALENTE QUE PEGAVA ONÇAS VIVAS! UM DIA, QUANDO ANDAVAM CAÇANDO ...

Olha ! Uma onça !
Você não disse que é capaz de pegar onça viva ? Pegue aquela !

Felizmente, porém, para o gabola, a onça se afastou.
—.Não sei porque ! Você ainda vai ver ! O dia há de chegar !
—.Eu estou achando que essa coisa de você agarrar onças vivas é conversa fiada !

Chi ! Era onça mesmo !
ATENÇÃO PERIGO ! HÁ UMA ONÇA FUGIDA NESTA FLORESTA ! CUIDADO !

— Estou sentindo tanto calor ! Estou suando tanto !
Não será mêdo, Deco?
Não !
Hein?

Nisto, ouviram o berro da onça, bem pertinho. Um miado feroz, de arrepiar os cabêlos de um careca ! Que mêdo, oh !

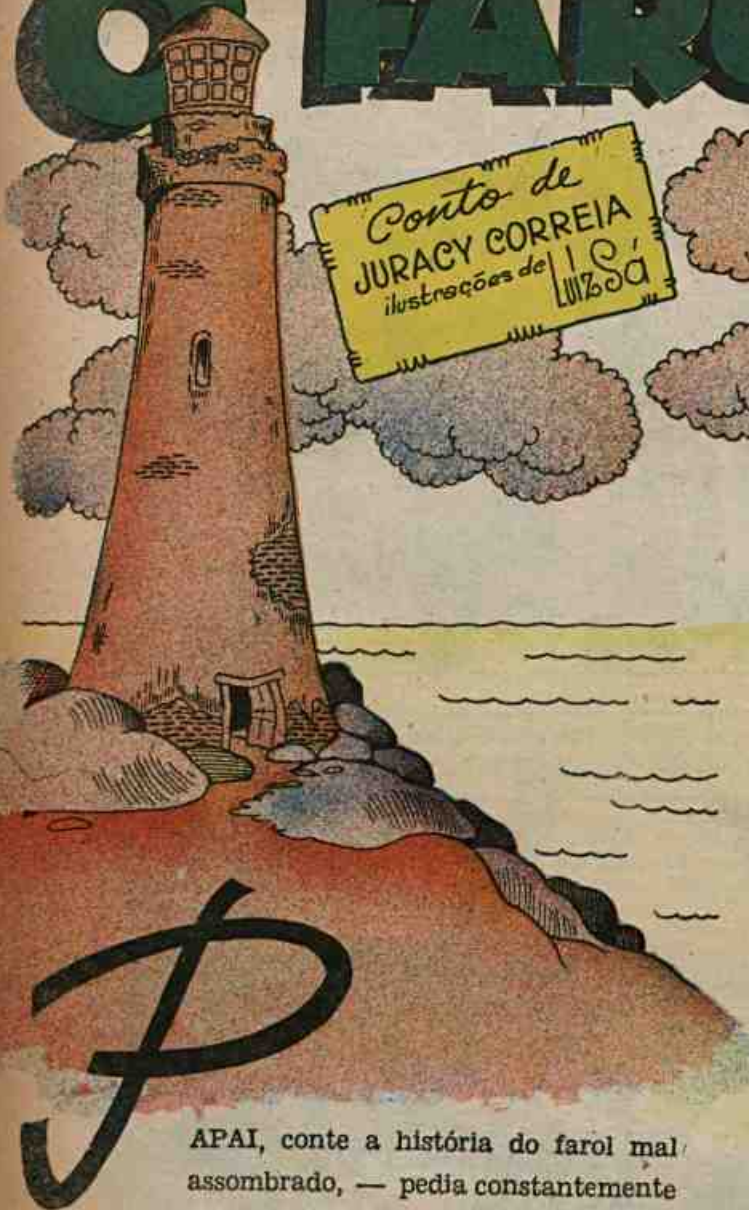
Deco, que era mais ágil, pulou para cima de uma árvore, fugindo à féra.

Quanto a Dico, por azar, pisou no laço de uma armadilha posta para a própria onça !

Com grande risco, Deco passou para o galho e agarrou a corda da armadilha.

A corda não resistiu e Dico foi cair.... bem em cima da onça. A bicha, com o peso, morreu no mesmo instante. Nem disse: água !

E, momentos depois os dois retomavam o caminho de casa.

O FAROL MAL ASSOMBRADO

PAPAI, conte a história do farol mal assombrado, — pedia constantemente Fernando, um menino de dez anos, a quem o pai criara com todo carinho, desde que sua mulher morrera.

E o bom homem contava a história tantas vezes repetida, com grande satisfação de Fernando, que não se cansava de ouvi-lo.

A história do farol mal assombrado era o assunto de tôdas as conversas naquela aldeia de pescadores.

E' que havia nas proximidades um velho farol abandonado, cujas paredes já começavam a cair, que todas as noites, inexplicavelmente, acendia as suas luzes, avisando aos navegantes que o local era perigoso.

Não houve quem conseguisse descobrir quem era o misterioso faroleiro, de modo que terminaram atribuindo o fato às almas do outro mundo, na falta de outra explicação melhor.

O pai de Fernando, porém, costumava dizer que naquele local morrera uma afilhada da Mãe d'agua, e que por isso tôdas as noites a madrinha vinha acender o farol para iluminar a sepultura da menina.

Geralmente, quando o pai acabava de contar a história, Fernando estava dormindo.

Então êle carregava o filho cuidadosamente para a cama, beijando-o, e depois saia.

Naquela noite, porém, Fernando acordou, ainda a tempo de ver o pai saindo de casa. Imediatamente êle se levantou e correu atraz do pai que seguia na direção do farol, cujas luzes ainda estavam apagadas.

Por alguns instantes Fernando hesitou, sem saber o que fazer: se gritar pelo pai, se voltar para casa, ou se aproveitar a oportunidade para ver a Mãe d'agua, que devia estar chegando para acender o farol.

Esta última solução pareceu-lhe a melhor, porisso foi andando, sem medo nenhum, mesmo porque seu pai estava perto e em caso de necessidade era só gritar, que êle acudiria num instante.

Depois de andarem algum tempo, qual não foi o espanto de Fernando, vendo seu pai entrar nas ruinas do farol abandonado!

"Será que êle tambem quer conhecer a Mãe d'agua?" pensou o menino, entrando por sua vez no farol, certo de que ia descobrir o mistério.

Fernando chegou no alto da torre justamente no instante em que a luz se acendia e o povo da vila benzia-se, dizendo: "Lá estão as almas do outro mundo acendendo o farol. Credo!".

Mas não foi a Mãe d'agua que Fernando viu manejando o complicado aparêlho, e sim seu pai, que, ao ver-se descoberto, contoulhe a seguinte história, bem diferente da que o menino estava habituado a ouvir:

— Antigamente, quando os navios passavam por aquí, o farol estava muito bem conservado, e havia um empregado especialmente para cuidar dele. Depois, quando os navios deixaram de passar por aquí, o farol foi abandonado, como se a vida dos pescadores também não merecesse cuidado.

E o velho continuou, com um tom de tristeza na voz:

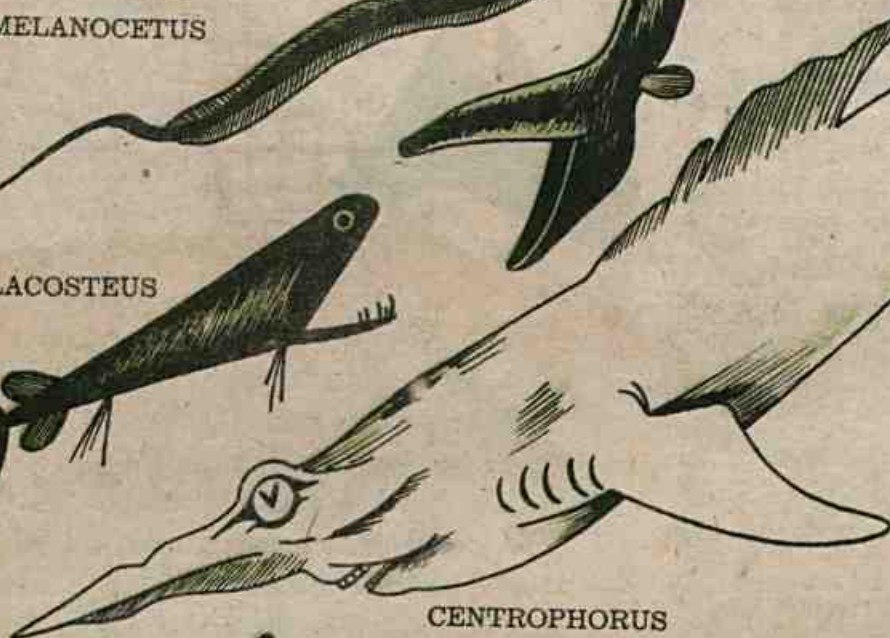
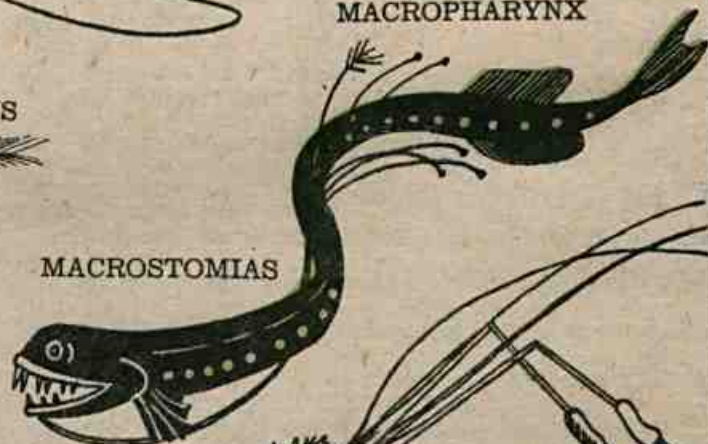
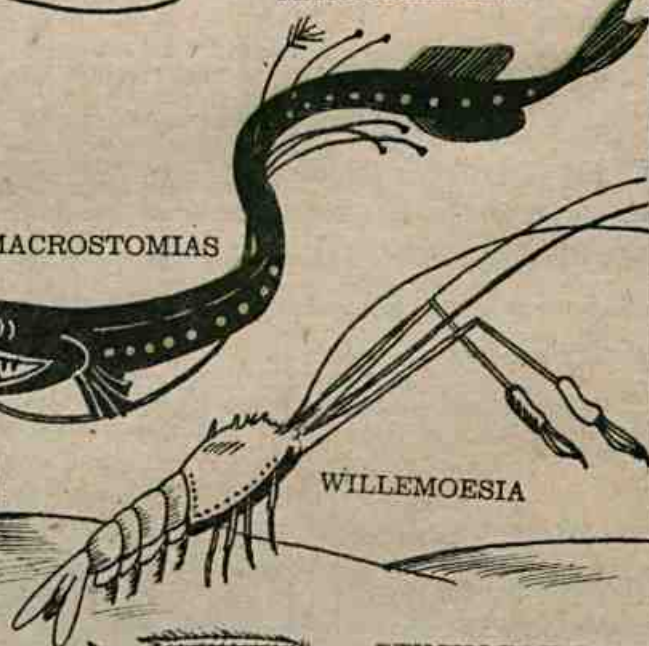
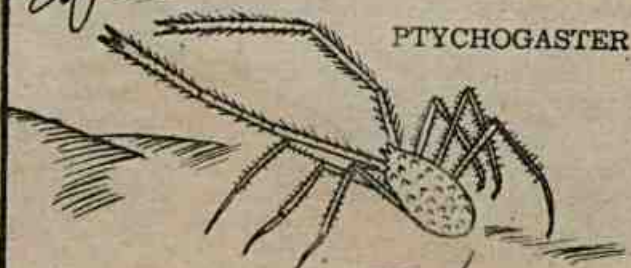
— Certa vez, meu filho, sua mãe resolveu me acompanhar na pescaria. Na volta uma tempestade nos surpreendeu no mar, e o nosso barco, no meio da escuridão, veio despedaçar-se de encontro a estes rochedos, tendo sua mãe morrido afogada, tudo por que o farol estava apagado, e eu não tinha por onde me guiar.

O bom homem enxugou uma lágrima, e concluiu:

— A partir daquele dia, meu filho, eu resolvi acender o farol todas as noites, por minha própria conta. Se o povo souber disso, com toda a certeza me chamará de maluco. Mas você, meu filho, o que é que pensa de seu velho pai?

— Penso, respondeu Fernando, que o senhor não precisa vir acender o farol sòzinho, pois eu faço questão de ajudar ao senhor. E acrescentou: O senhor não dizia que a Mãe d'agua vinha tôdas as noites iluminar a sepultura da afilhada? Pois eu tambem posso vir iluminar o túmulo de minha mãe.

E o farol continuou sendo aceso tôdas as noites, enquanto o povo murmurava baixinho, medrosamente: "As almas do outro mundo estão acendendo o farol.. Credo!".

PEIXES CURIOSOS

Nesta página estão algus peixes de formas curiosas, com os seus esquisitos nomes. São peixes que habitam as profundezas dos mares, a mais de 200 a 250 metros abaixo do seu nivel, onde a luz do sol não penetra. A natureza, sempre prodiga, fê-los providos de órgãos visuais por vezes exageradamente desensolvidos, possuindo a maior parte dêles aparelhos fosforecentes. Segundo abalisados estudos, alguns dêsses peixes modificam-se de uma forma singular. Os crustáceos, que habitam essas profundidades, não são menos curiosos, são em geral providos de longas antenas, como os dois que se veem à direita.

JOÃO
BOBO

TODOS ME CHAMAM DE BOBO QUE NÃO PRESTO PRA NADA. QUE HEI-DE FAZER?

DIZEM QUE POR AQUI HA UM VELHO SABIO QUE ME PODE DAR UM CONSELHO PARA NÃO SER BOBO

AÍ VEM O JOÃO BOBO. COITADO! O QUE LHE FALTA E' ALGUEM QUE O GUIE

"SEU" SIMEÃO, COMO E' QUE A GENTE FAZ PARA NÃO SER CHAMADA DE BOBO?
EU VOU T'ENSINAR, MEU FILHO

ANTES DE TUDO APRENDE A LER E ESCREVER E A OBSERVAR

NÃO DEVES NUNCA DESANIMAR E PENSA SEMPRE ANTES DE AGIR

PARECE QUE NÃO SOU MAIS BOBO. O VELHO TEM RAZÃO. ESTUDAR, OBSERVAR SER HONESTO

QUE E' ISTO, NO CHÃO? UMA PASTA. ALGUEM A PERDEU. AGORA, QUE SEI LER SABEREI QUEM A PERDEU

HH! ESTA CARTA E' DO SR RAMALHO, O MAIS RICO NEGOCIANTE DA CIDADE

SR. RAMALHO, ESTA CARTEIRA DEVE SER SUA.. ENCONTREI-A NA ESTRADA
E' MINHA, SIM. JOÃO, VOCÊ NÃO E' NADA BOBO

DE UM EMPREGADO COMO VOCÊ E' QUE EU PRECISO. APAREÇA AMANHÃ NO ESCRITÓRIO.
Yantok

ADIVINHEM QUEM SOU!

Por Sólon Borges dos Reis

O café é a principal riqueza do nosso país e tem sido cantado pelos nossos poetas muito menos do que realmente merece.

Esta poesia singela do nosso colaborador Sólon Borges dos Reis é bem uma homenagem a êsse produto do sólo brasileiro que tanto tem contribuido para o engrandecimento da nossa pátria. Nela o poeta nos mostra, em forma de advinhação, as qualidades e virtudes dos grãos vermelhos que, nas terras de São Paulo, são como gôtas do sangue generoso do próprio Brasil a contrastar com o verde das folhas dos cafezais, que é belo como o verde da nossa bandeira.

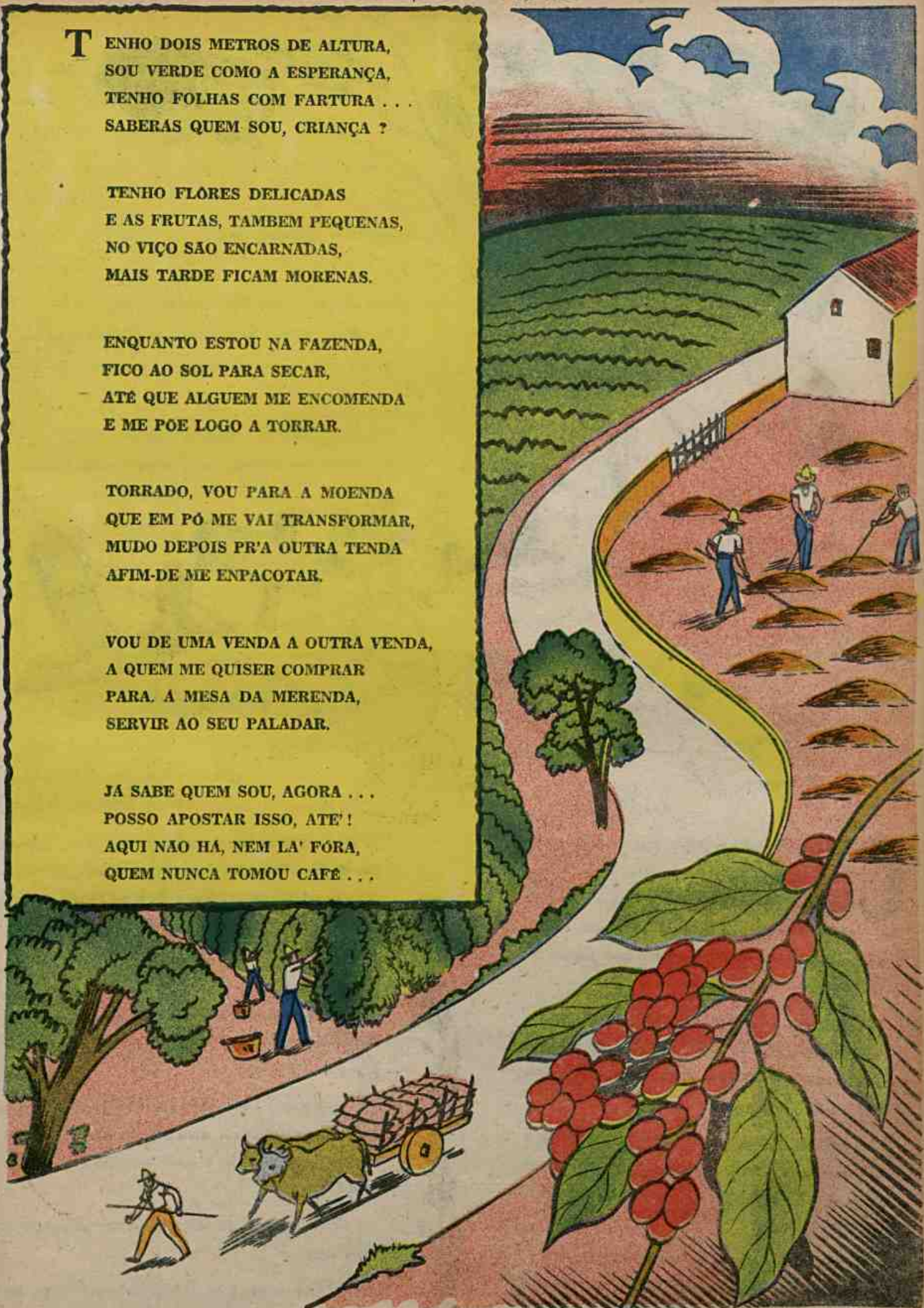
TENHO DOIS METROS DE ALTURA,
SOU VERDE COMO A ESPERANÇA,
TENHO FOLHAS COM FARTURA . . .
SABERÁS QUEM SOU, CRIANÇA ?

TENHO FLÔRES DELICADAS
E AS FRUTAS, TAMBEM PEQUENAS,
NO VIÇO SÃO ENCARNADAS,
MAIS TARDE FICAM MORENAS.

ENQUANTO ESTOU NA FAZENDA,
FICO AO SOL PARA SECAR,
ATÉ QUE ALGUEM ME ENCOMENDA
E ME POE LOGO A TORRAR.

TORRADO, VOU PARA A MOENDA
QUE EM PÓ ME VAI TRANSFORMAR,
MUDO DEPOIS PR'A OUTRA TENDA
AFIM-DE ME ENPACOTAR.

VOU DE UMA VENDA A OUTRA VENDA,
A QUEM ME QUISER COMPRAR
PARA A MESA DA MERENDA,
SERVIR AO SEU PALADAR.

JÁ SABE QUEM SOU, AGORA . . .
POSSO APOSTAR ISSO, ATE'!
AQUI NÃO HÁ, NEM LA' FÓRA,
QUEM NUNCA TOMOU CAFÉ . . .

CONTA-NOS esta história que um lobo andava doente e esfaimado, pois já fazia muitos dias que não encontrava nem um osso para roer. Estava tão magro, o pobre coitado, que as costelas quase lhe furavam a pele, e era com alguma dificuldade que conseguia andar.

Certo dia, não suportando mais a fome que se tornara grande, saíu da toca à procura de comida, disposto mesmo a perder a vida, se preciso fosse, para ver satisfeito seu desejo.

Caminhou durante muito tempo, por prados e matas, sem nada encontrar que pudesse ao menos enganar um pouco o estomago que, nesta altura, já roncava como que.

O cansaço já começava a tomar conta dêle e, então, pensou em descansar um pouco, à sombra de frondosa árvore, à beira da estrada. Deitou-se na relva macia e estava quase pegando no sono, quando uns latidos alegres lhe despertaram a atenção. Abriu mais que depressa os olhos e viu à sua frente um belo cão que, demonstrando alegria, ladrava e saltava como se o convidasse a brincar.

Pelo aspecto, o lobo viu logo ser aquêle um animal que vivia regaladamente e, apesar de feroz, acamaradou-se com êle, dizendo-lhe na linguagem dos animais:

— Como a sorte é adversa, amigo cão! Por que eu, sendo mais forte e mais valente do que tu, não encontro o que comer e quase me vejo a morrer de fome?

O cão parou de latir, tomou uns ares sérios e respondeu:

— Ora, amigo lobo, é fácil de saber: é que tenho um dono que me trata muito bem.

Dá-me pão sem que eu lhe peça, guarda-me ossos e os restos de comida e, em troca, não tenho mais o que fazer senão guardar-lhe a casa.

— Como és feliz, suspirou o lobo; como invejo a tua sorte!

O cão esteve um momento pensativo e depois retorquiu:

— Pois olha; podemos fazer uma cousa. Se quiseres ser tão feliz quanto eu, vem, comigo, ajudar-me a servir a meu amo, defendendo-lhe a casa dos ladrões.

O lobo aceitou a proposta, ficando muito contente; criou até fôrças com a idéia do seu amigo e fechou o trato dizendo:

— Está feito, caro amigo. Aceito o convite, pois me interessa mais viver debaixo de um teto a fartar-me com comida, sem ter nada que fazer, do que andar pelo mato, com chuvas e neves procurando-a sem a encontrar. Vamos já, companheiro, sem perda de tempo.

Assim dizendo, saíram os dois a caminho da casa do homem. Iam conversando alegremente e o lobo então, nem se fala, lambia os beiços, só em pensar nos petiscos que iria encontrar. Quando estavam quase chegando, o lobo que não se cansava de olhar o pelo bonito e luzidio do outro animal, estremeceu e, por fim, perguntou-lhe com surpresa nos olhos:

— Escuta aqui: por que tens tu o pescoço pelado?

O cão com a maior naturalidade satisfez-lhe a curiosidade, explicando-lhe:

— Não é nada. Meu amo, para que eu não saia de casa durante o dia, prende-me com uma corrente; à noite, porém, solta-me e ando por onde quero. O lobo, ao ouvir isto, franziu o sobrolho e continuou a indagar sem temer ser importuno:

— E, se quiseres sair antes da hora determinada, conseguem licença?

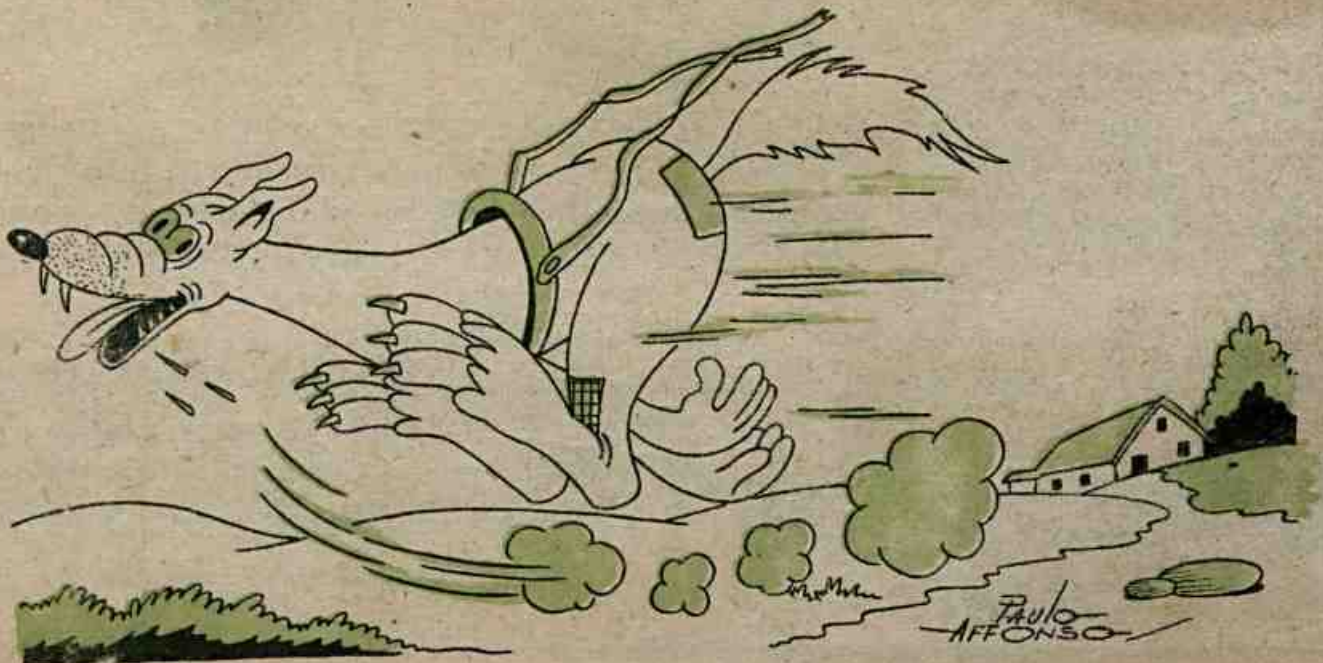
— Isso não.

Então o lobo, diante do espanto do cão, parou disposto a não prosseguir a caminhada, e preferiu usar de franqueza, enchendo-se do maior entusiasmo:

— Ah! meu caro, não és livre e aprecias tanto os bens que tens; pois continua com a tua vida que eu prefiro a minha liberdade.

Assim dizendo, virou as costas e desapareceu numa carreira, deixando uma nuvem de poeira.

Diante disso, meus amiguinhos, uma conclusão podemos tirar:

"O POBRE LIVRE É MAIS FELIZ QUE O ESCRAVO RICO, PORQUE A LIBERDADE É TÃO PRECIOSA COMO A VIDA E VALE MAIS QUE TÔDAS AS RIQUEZAS DO MUNDO".

Coisas Práticas

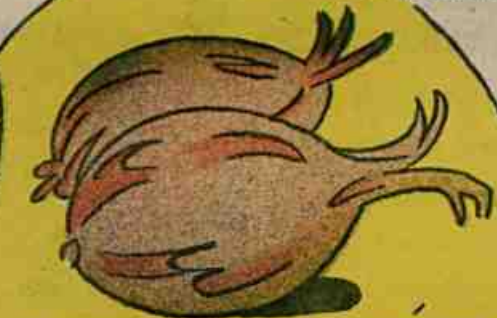
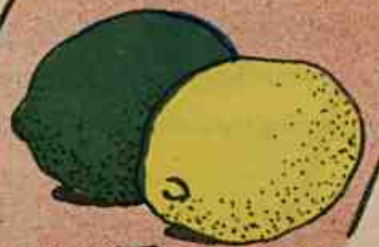
por PAULO AFFONSO

PARA QUE, AO PREGAR-SE UM PREGO EM MADEIRA DURA ESTA SE NÃO RACHE, CONVÉM MOLHAR AQUELE EM AZEITE.

CONTRA A INSÔNIA, RECOMENDA-SE ALFACE EM TODAS AS REFEIÇÕES, EM ABUNDANCIA.

DEVE SEMPRE PÔR-SE AS ESCOVAS E VASSOURAS DE ESFREGAR, A ENXUGAR COM OS PÊLOS PARA BAIXO, POIS QUE DO CONTRÁRIO A ÁGUA ESCORRE PARA A MADEIRA E APODRECE OS PIAÇABAS.

NÃO SE DEVE LIMPAR AS BANHEIRAS ESMALTADAS ESFREGANDO-SE SABÃO, POIS FAZ RACHAR O ESMALTE.

O MELHOR SISTEMA PARA SECAR OS SAPATOS MOLHADOS É ENCHÊ-LOS COM TRAPOS OU JORNAIS VELHOS CONSERVANDO ASSIM TAMBÉM A FORMA.

A CEBOLA COSIDA É RECOMENDAVEL PELO QUE CONTRIBUI PARA A DESTRUIÇÃO DE MUITOS GERMENS NOCIVOS.

O LIMÃO É INDICADO NAS ENFERMIDADES BILIOSAS, FEBRES BAIXAS E REUMATISMOS.

NÃO SE DEVE MOLHAR A ESCOVA DE DENTES ANTES DE SE LHE APLICAR A PASTA. ESTA POR SI MESMA, FAZ A ESPUMA NECESSARIA.

FÔLHAS FRIAS DO BULE DE CHÁ APLICADAS SÔBRE UMA QUEIMADURA DÃO IMEDIATO ALIVIO.

O LOBO TORNA-SE PASTOR

Adaptação de
Antônio Rangel Bandeira

1

ERA uma vez, um lobo mau, que estava pondo olhos grandes, mas muito grandes mesmo, sôbre um rebanho de carneirinhos. O lobo olhava de longe o rebanho descançando sob a sombra amiga das grandes árvores. Mas, como lobo é lobo e como carneiro tem mêdo de lobo, o feroz animal preparou um plano para aproximar-se dos mansos cordeiros, sem intimidá-los. Assim, envolveu-se com um manto e pôs um bastão às costas, querendo passar por um pastor que bem apascenta as suas ovelhas. Tão ardiloso era o lobo que até pensou em pôr sôbre o seu chapéu, um cartaz com os seguintes dizeres:

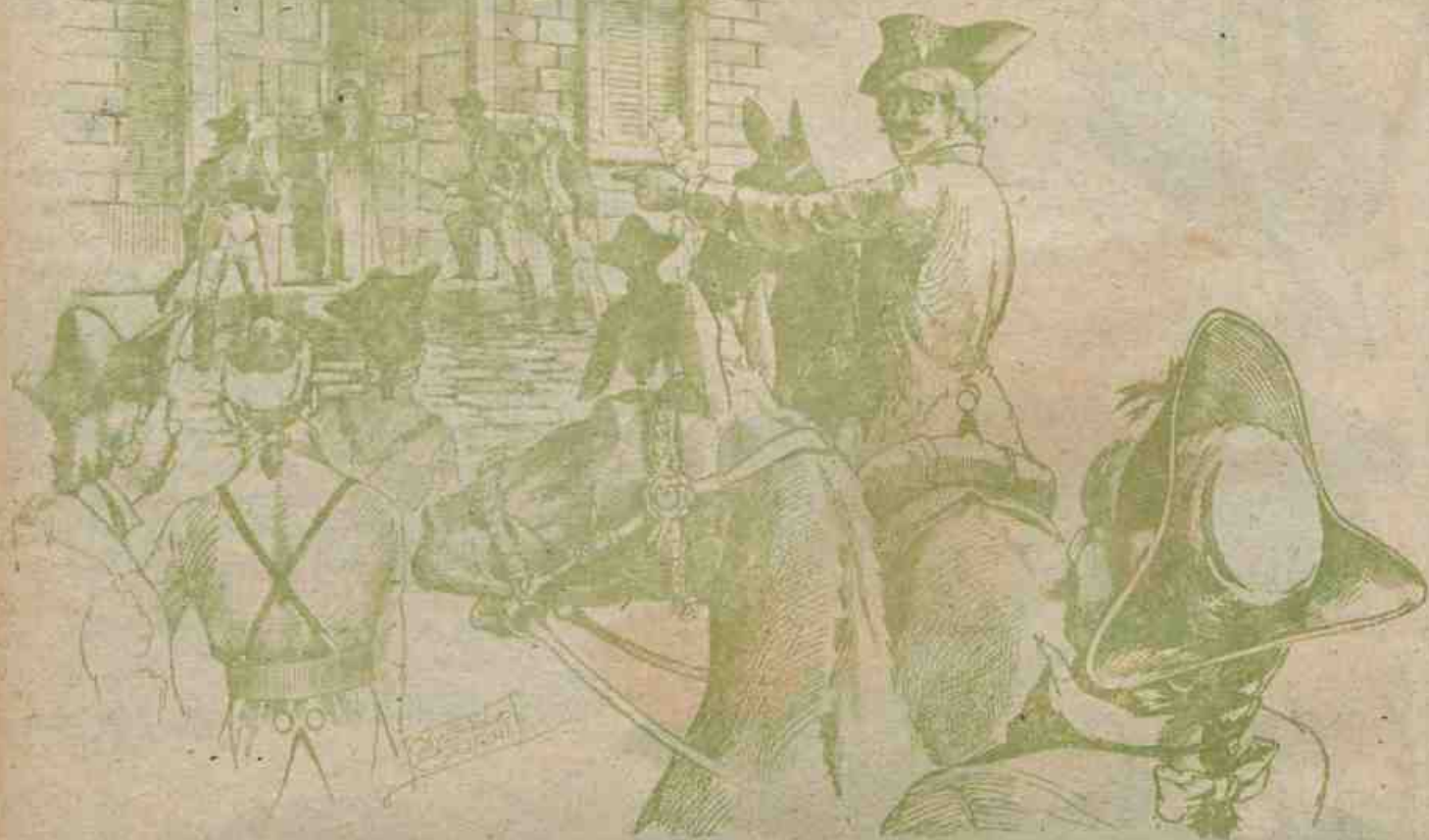
"Meus carneirinhos, eu sou Pedro, o pastor de vocês todos."

Era muito sabido mesmo, êsse lobo.

2

(de uma fábula de La Fontaine)

Pé ante pé, o falso Pedro foi se aproximando do rebanho. Todo mundo estava dormindo no rebanho, dormindo profundamente. E o lobo foi se aproximando, foi se aproximando mais, até estar bem pertinho dos carneirinhos. Mas, ainda não deu o "bote" de uma vez, porque resolveu falar imitando também a voz do pastor. Foi o que perdeu! A voz saiu horrenda e cavernosa, voz de lobo-mau que apavora o mundo tôdo. O pastor e os carneirinhos acordaram todos, atemorizados. Descoberto no seu ardil, o lobo malvado não poude fugir, nem se defender, atrapalhado p los disfarces. E teve o merecido castigo. Há sempre um pequeno imprevisto que põe a perder um mentiroso.

HEROÍNAS BRASILEIRAS

EMBORA o gesto de revolta do principe Dom Pedro de Alcantara contra as imposições das côrtes de Lisboa,—do qual resultou o brado de "Independência ou morte,"—fosse a 7 de Setembro de 1822, sòmente quase um ano depois—a 2 de Julho de 1823—o Brasil se viu livre da opressão que as tropas portuguesas lhe faziam.

Foi nesse dia que as fôrças dos "independentes"—, na Baía expulsaram da cidade o general lusitano Madeira de Melo com as suas hostes, assim como a nossa armada—se bem que em inferioridade numérica—perseguiu os navios lusos, desalojando-os do Maranhão e ainda lhes dando caça até ãs proximidades do Tejo.

Por êsses motivos o dia 2 do mês de Julho, não deve ser grato sòmente ao coração dos baianos pela recordação das lutas sustentadas contra os que não queriam permitir um Brasil livre e independente.

O 2 de Julho deve ser festejado por todos os brasileiros dignos desse nome, porque marca uma data que foi o complemento do 7 de Setembro.

Durante a guerra desenrolada no decorrer de quase dez meses, entre brasileiros e portugueses na Baía, não foram poucos os lances heróicos que

se sucederam, não sòmente da parte dos homens, como das mulheres, que auxiliaram nos árduos trabalhos da campanha com o maior denodo, arcando com os mais ingentes sacrifícios, sem queixas nem desfalecimentos, tão próprios da delicadeza e fragilidade do seu sexo.

Aliás a Historia pátria está cheia desses exemplos de heroismo da mulher brasileira, sejam as valorosas defensoras de Tejucapapo, lutando contra o holandês invasor, seja Maria Quitéria de armas em punho, combatendo nos campos do Paraguai, sejam Barbara Heliodora, Anita Garibaldi e tantas outras de igual espírito forte e varonil. Em várias escaramuças havidas na Baía durante o fim do ano de 1822 e o primeiro semestre de 1823, ficou patente a pugnacidade das baianas no Recôncavo e onde quer que fosse preciso defender os princípios de liberdade e independência proclamados na gloriosa tarde de 7 de Setembro às margens placidas do Ipiranga.

Êsse desassombro da mulher baiana culminou na resistência heróica da veneravel abadessa Soror Joana Angélica, superiora do convento da Lapa na capital baiana.

A 18 de Fevereiro travaram combate as forças brasileiras do General Labatut com as tropas lusas do General Madeira de Melo, sofrendo aquelas um revés pela superioridade numérica dos seus inimigos.

Dominada cidade, entregou-se a soldadesca, no dia seguinte, ao assalto e ao saque das casas de comércio e residências, edifícios públicos, igrejas, etc., com os intuitos de profanação e pilhagem. Assim, soldados em tropél, atacaram o convento de religiosas carmelitas na Lapa.

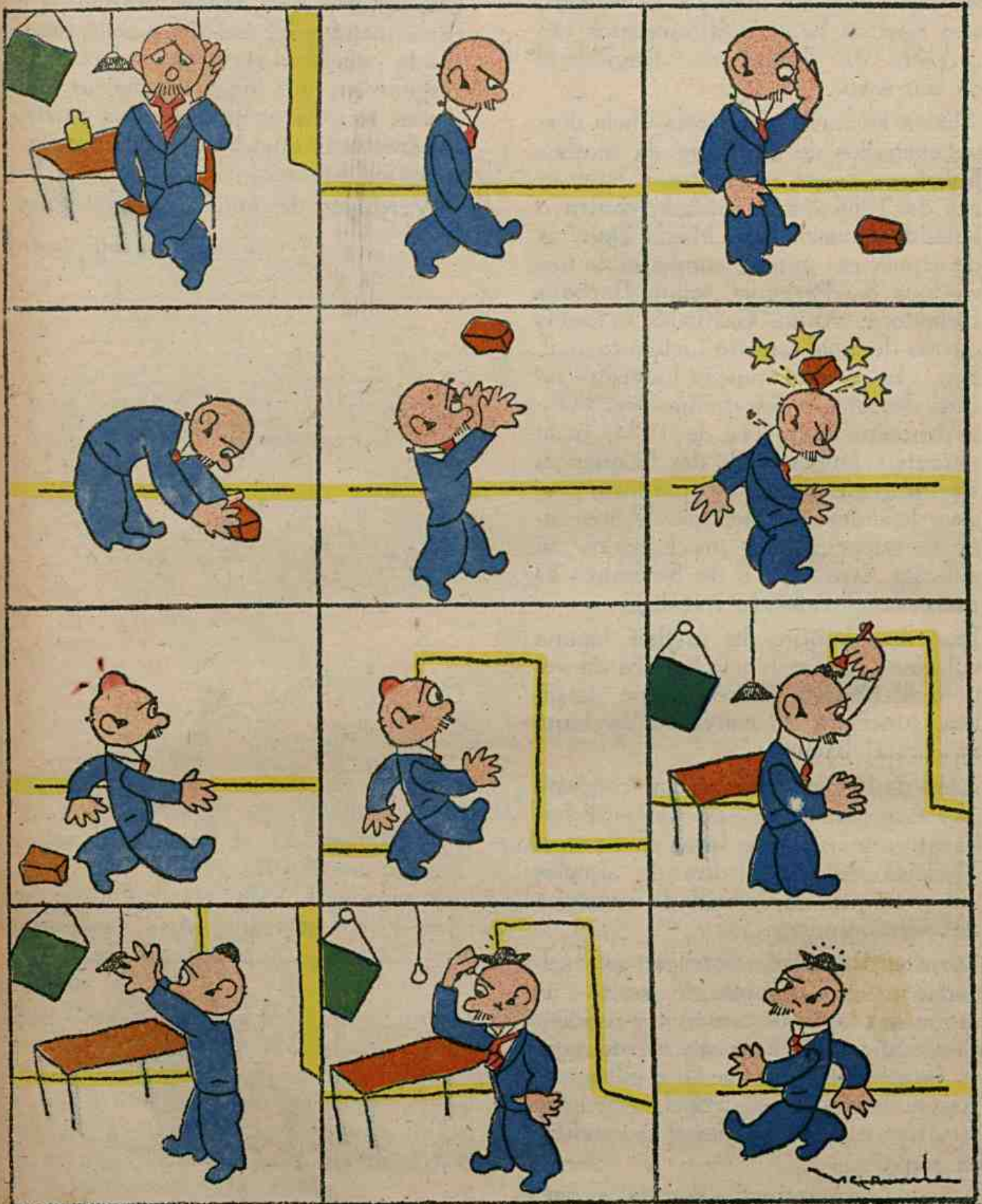
A horda de amotinados forceja a porta resistente do acolhimento na intenção de deital-a a baixo.

A irmã superiora da comunidade, que se achava orando com as demais irmãs pela vitória das armas brasileiras e consequente paz, assistidas pelo venerando capelão do convento, depois de resguardar, em lugar seguro, as religiosas, foi, ela própria abrir a porta, em frente da qual ficou, de braços estendidos em cruz, exclamando :

— Verdugos de minha pátria ! Para

(*Conclue em outro local.*)

EUSTORGIO WANDERLEY

PACHECO O CHAPÉU PERDEU...

...MAS O CASO RESOLVEU

POR QUE OS OLHOS DE ALGUNS RETRATOS

seguem quem os observa?

Se um pintor fizer um retrato com os olhos da pessoa que se vai retratar olhando para a frente, parecerá a quem o olhar de qualquer ponto, que o retratado o segue com os olhos. Este mesmo efeito se obtem quando, em fotografia, a pessoa que se deixa fotografar olha diretamente para a lente da câmara.

Entretanto, se os olhos de um retrato — pintado ou fotografado — não olham dirétamente o observador, não o farão a menos que êste se coloque no ponto para onde os olhos do retrato parecem dirigir-se. Isto acontece porque o retrato está sôbre uma superficie plana e tem só duas dimensões. Vejamos um caso para exemplo: suponhamos que o retrato representa uma pessoa com o rosto ligeiramente voltado para a direita do observador, e com os olhos diretamente fixos neste. Se o observador se move para a esquerda nem por isso obterá uma vista diferente do retrato, isto é, não poderá êle ver, como acontece na vida real, o perfil do rosto. O que verá será simplesmente o mesmo rosto, um pouco mais fino pela perspectiva. O retrato, ainda que aumentado em proporção ao angulo do qual é visto, possue as mesmas linhas que quando é observado de frente e os olhos seguem olhando diretamente para a frente, isto é, para o observador. Em ou-

tras palavras, se os olhos de um retrato executado sôbre uma superficie plana são apresentados dirigindo-se diretamente para a frente, seguirão o observador, esteja este onde estiver, e se os olhos são apresentados dirigindo-se a qualquer outra direção o observador não poderá colocar-se em uma posição mediante a qual êsse olhar se dirija até êle.

ÓCULOS ESCUROS

AS MARÉS

O fenomeno das marés é uma das impressionantes demonstrações da complexidade das fôrças da natureza e de sua incessante atividade. Quais são suas causas e como agem? Se a Terra não girasse sôbre si mesma e se o Sol e a Lua permanecessem sôbre o mesmo meridiano não haveria marés. Isto é, haveria sempre em setores opostos da Terra maré alta e maré baixa. Mas a Terra gira e as marés são causadas sucessivamente pela atração da Lua e do Sol. Este é maior, mas está a distância tão superior que sua influência se faz sentir em menores proporções. A diferença entre a ação do Sol e a da Lua, nêsse sentido, é de 4 para 9.

Mais do dobro.

..Como a Terra gira em tôrno do Sol, girando ao mesmo tempo sôbre si mesma e a Lua gira, por sua vez, em tôrno da Terra, a influência do Sol e a da Lua se fazem sentir sucessivamente em torno do Equador. Mas as posições do astro-rei e do nosso satelite em tôrno da Terra são sincronizadas; daí resultam para as marés as seguintes variantes: quando a calendario nos anuncia Lua Nova, sabemos que o Sol e a Lua passam ao mesmo tempo, sôbre o mesmo meridiano terrestre. Então, sua ação sôbre o mar é conjunta e a agua, levada a seu maximo de altura, produz o que se chama "maré viva". Quatorze dias depois, as folhinhas anunciam — Lua Cheia A Lua cruza o meridiano doze horas depois do Sol, a meia-noite — por isso, em vez de atrair a massa do oceano na mesma direção, cada qual atrái em direção oposta. O resultado é praticamente o mesmo — há também "maré viva". Sete dias depois ou sete dias antes — quando há Quarto Minguante ou Quarto Crescente — a diferença entre a passagem do Sol e a da Lua é de seis horas apenas; de modo que os dois corpos celestes atraem em angulo reto — um em relação ao outro — produzindo-se então o que se chama "maré morta". A Lua, estando mais proxima de nós, vence a fôrça de atração do Sol.

A GULA

COMEDIA DE
MAURICIO B. GUIMARÃES

PERSONAGENS:

Mamãe .... 27 anos
Carlinhos .... 9 anos
Mariazinha .... 7 anos

(A cena representa uma sala, onde estão brincando, no chão, Carlinhos e Mariazinha. Porta, à esquerda, para um terraço, e à direita, para a cozinha. Móveis: mesa no centro, um armário alto ao fundo, algumas cadeiras).

CENA I

MAMÃE (da cozinha):

Carlinhos! Mariazinha!
Venham ambos à cozinha
Ver o que fiz p'ra vocês!

MARIAZINHA (erguendo-se do chão):

Mamãe nos chama. Talvez...

CARLINHOS:

'Stá pensando, com certeza,
Que nos faz uma surpresa,
Mas eu, cá, que não sou tolo,
Já sei que ela fez um bolo,
Pois bem que a estive a espreitar.

(ergue-se também).

MARIAZINHA:

Você não se há de emendar
De ser assim curioso?

(cheira o ar, para o lado da cozinha):

De fato, êle está cheiroso...

(dirigindo-se para esta):

Já vamos, Mamãe querida!

CARLINHOS (passando à frente):

Já vamos! e de corrida!

(vão sair pela porta da D. mas encontram-se com Mamãe, que entra).

QUE MENINO BÔBO!

CENA II

MAMÃE (entrando alegremente, trazendo num prato um lindo bolo):

"Olhem aquí o que lhes fiz;
Que diz, Carlinhos? que diz?
Saído agora do forno...

(dirige-se para a mesa, onde coloca o bolo).

CARLINHOS (fitando o prato, de olhos arregalados e narinas dilatadas):

Hum! hum!

MARIAZINHA (tocando o bolo com o dedo):

Ainda está morno!

MAMÃE (partindo com uma faca):

Bem fôfinho e caprichado...

(dando um tapa na mão de Carlinhos, que quer apoderar-se do pedaço que ela cortou):

Não seja precipitado!

(a Mariazinha):

Aquí tem a sua fatia.

(a Carlinhos, que quer ainda apanhar a fatia para si):

Primeiro "dona" Maria!
Você não é cavalheiro?
As senhoras são primeiro.

(partindo outra fatia, maior, e dando-lhe):

Agora, seu fatião,
"Senhor Don Carlos Glutão"!...

MARIAZINHA (comendo polidamente):

'Stá ótimo!

CARLINHOS (com a bôca cheia):

Bom "a bessa"!

MAMÃE (a Carlinhos):

Não coma com tanta pressa
Porque se pode engasgar.

(a ambos, impelindo-os carinhosamente para a porta da E.):

Cuidado p'ra não sujar
O chão aquí. P'ra o terraço,
Cada um com seu pedaço.

CARLINHOS (sem parar de comer):

"Okei", mamãezinha, "okey"!

MARIAZINHA (sorrindo para ela):

Não diga, porque eu já sei.

(Sáem ambos pela porta da E. Mamãe olha-os ainda, de longe, satisfeita; depois guarda o bolo na prateleira de cima do armário, que deixa entreaberto, dá uma vista d'olhos na sala e sai pela porta da D.)

CENA III

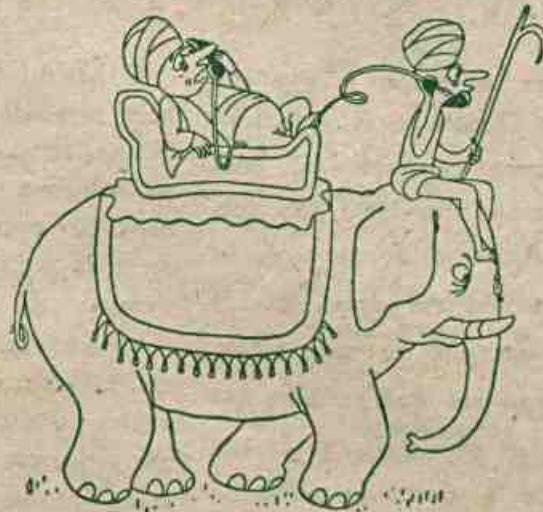
(Após decorridos alguns instantes)

CARLINHOS (entrando pela E. cautelosamente e cantarolando para disfarçar):

Tra... lá-lá-lá... lá... lá-lá...

(olhando pela sala)

Êsse bolo, onde estará?
Ah! lá está, na prateleira.
Vejamos, uma cadeira...
E a faca, onde está? Aquí...

MODERNISMO...

— Moandas, dobre à direita!

(Aproxima uma cadeira do armário, apanha a faca sôbre a mesa, sobe à cadeira e faz menção de cortar o bolo).

CENA IV

MARIAZINHA (surgindo na porta da E. ainda com um pedaço de bolo na mão):

Que é que você faz aí?

CARLINHOS (pulando da cadeira assustado e deixando cair a faca):

Eu?... nada...

MARIAZINHA (aproximando-se dele, sisuda e compenetrada):

Que está fazendo?
Em que é que estava mexendo?
No bolo? Se mamãe visse,
Carlinhos! Porque não disse
Que queria mais? Por que?
Tome o meu para você...
Tenho inda mais da metade
E já não sinto vontade...
Estou com o estômago cheio...
E, depois, furtar é feio,
Mamãe nos tem ensinado...

CARLINHOS (vexado, de olhos baixos, repelindo-lhe mansamente a mão):

Não... não... não... muito obrigado.

(fitando-o com ternura):

Se você não me seguisse,
Maninha, por gulodice,
Por êsse feio defeito,
Agora eu teria feito
Um ato mais feio ainda.

(tomando-lhe a mão):

Foi você, com sua vinda,
Que me impediu de roubar
E de a mamãe desgostar.

(abraçando-a e beijando-a):

Nunca mais em minha vida
Serei guloso, querida!

A CANA DE AÇÚCAR

A cana de açucar é originária do Oriente e foi introduzida na Europa em plena Idade Média. Para o Brasil ela veio com Martim Afonso de Souza.

Não tardou que daqui fosse o açucar exportado, em larga escala, tornando-se um dos produtos que contribuiram para a riqueza da metrópole e o desenvolvimento do nosso país.

O Estado de Pernambuco é até hoje o maior produtor de açucar. Foi nos arredores de Olinda que se estabeleceram os primeiros engenhos, no tempo em que era donatário da capitania Duarte Coelho Pereira.

O nosso país ocupa atualmente um dos primeiros lugares entre as nações do mundo, quanto à produção do açucar de cana. A Europa apenas produz o açucar de beterraba.

É curioso que, sendo a Ilha de Cuba cerca de 75 vezes menor que o Brasil, seja o maior produtor de tão importante artigo. Em todo caso a nossa posição é ótima.

Os maiores Estados açucareiros são Pernambuco, São Paulo, cujo engenho de Igarapava é o maior e o mais importante da América do Sul; Minas Gerais, Alagoas, Baia, Rio de Janeiro e Sergipe.

A tartaruga apressada

ATE' QUE...

...ENFIM...

... UM

DIA...

A ORIGEM DO ALFABETO

NINGUEM sabe, ao certo, como nasceu o alfabeto pois êle se foi formando pouco a pouco e muito lentamente, assim como vão crescendo as crianças e como vai se formando tudo de grande e bom que há no mundo. O que sabemos perfeitamente, é que nenhum sábio se sentou, um dia, à sua mesa de trabalho, para compor o alfabeto, e sabemos, sim, que o alfabeto começou sob a forma de desenhos.

Do mesmo modo que as crianças, que já podem distinguir as coisas, e que leem por meio de imagens muito antes de saber ler as letras, assim, também o homem começou a ler e escrever por meio de desenhos. Depois, pouco a pouco, êsses desenhos se foram simplificando até o momento em que puderam ser utilizados em todas as circunstâncias e para todas as necessidades, como fazemos, agora, com as letras. Sabe-se que no começo a letra O era representada por um olho, e que gradualmente os homens foram simplificando o desenho, até chegar ao nosso sinal O.

Há muitos séculos, os habitantes do Egito utilizavam duas maneiras de escrever. Os sacerdotes eram fieis à maneira antiga, que constava de desenhos. Era a chamada escrita sagrada. Até há pouco tempo o homem procurou, em vão, decifrar a escrita sagrada dos egípcios. Nunca desanimou até que um dia foi descoberta a pedra maravilhosa, sôbre a qual uma mesma coisa se achava escrita três vezes, em desenhos uma, e duas em letras. Foi assim que o homem moderno achou a chave do alfabeto em desenhos, o que chamamos hieroglifos.

NUNCA ESQUEÇA ISTO

E' preciso usar sempre roupa limpa. As pessoas sujas, no corpo ou no vestuário, tornam-se desagradaveis à vista, e causam repugnancia às pessoas limpas.

O asseio não é incompativel com a pobreza. Pode-se ser pobre, mas usar roupa limpa, embora remendada.

O asseio é a primeira virtude do pobre.

HISTÓRIA DE UM Tesouro Egipcio

FAZ mais de trinta anos que investigações arqueolólicas feitas por uma comissão cientifica inglesa, guiadas pelo professor Flinders Petrie, descobriram um rico tesouro, talvez o mais importante de todos encontrados até então nos túmulos egípcios.

O tesouro em referência foi encontrado na câmara funerária de uma princesa, na pirâmide de Fayum, a uns cem quilômetros ao sul do Cairo.

Êste descobrimento encerra uma história sensacional. Desde os tempos remotos de Amenemhat III da décima dinastia, que reinou nos países do Nilo, dezenove séculos antes da Era Cristã, a pirâmide de Senusert II sofreu numerosos ataques dos homens.

Êstes, levados pela cobiça, revolveram várias vezes as câmaras funerárias da pirâmide e profanaram as tumbas, arrancando das múmias carcomidas as joias com que enfeitavam os cadáveres a piedade de seus parentes. Este túmulo já havia perdido tôdas as suas riquezas. As tumbas reais não guardavam nem siquer vestígios das cinzas que haviam encerrado.

Porém, a pouca distância de um dos sarcófagos meio destruídos, pertencente a certa princesa da Casa Real de Amenemhat III em uma concavidade do muro oculta por espêssa camada de musgo, o instinto do professor Flinders pressentiu o precioso achado. E, afastando as vegetações que encobriam o ladrilho da cripta, fez surgir diante dos olhos maravilhados dos exploradores enorme montão de joias misturadas com residuos de lôdo e imundicies ali atirados pelas inundações. Os arqueológos ingleses admitiram a hipótese de que os profanadores do túmulo teriam sido surpreendidos na ocasião do furto por algum transbordamento do Nilo.

Apavorados pela imprevista catástrofe, a qual lhes pareceu castigo dos Deuses, esconderam sua preciosa carga na concavidade do muro, pensando em voltar quando o perigo houvesse desaparecido.

Osiris devia ter-se vingado, afogando os sacrílegos nas águas barrentas do Rio sagrado, e ali, no fundo da tumba, ficaram esquecidas durante dois mil anos as remotas reliquias, as quais o tempo piedosamente cobriu com uma capa de terra e lôdo. As joias, depois de limpas, mostraram uma avançada fase da civilização e um progresso realmente admiravel na arte de ourivesaria.

A Ordem dos Cavaleiros de Malta

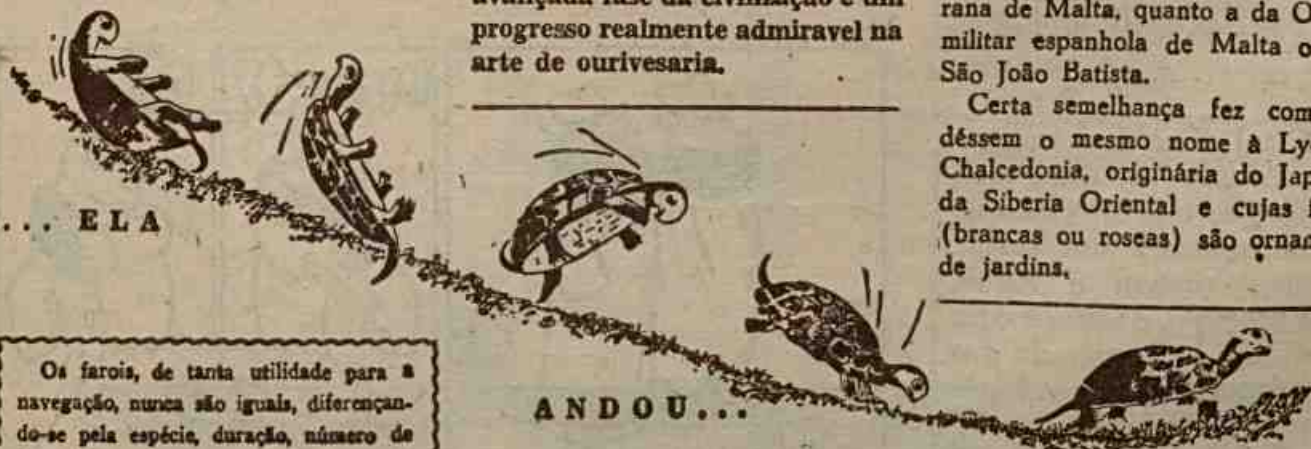
A primeira cruz — como é sabido — foi a Swastika. Era a representação simbolica do fogo, da vida, do sol, emblema do *panteon* e da civilização dos arianos. Teve depois diversas fórmas pre-cristãs (centro ocupado por um ponto, por varios circulos) como, tambem, outras fórmas cristãs, posto que a cruz só se fez simbolo da Paixão depois de ter sido seu principal instrumento.

A primeira cruz que encimou edificio religioso, deve ter sido a cruz em Tau, com a qual S. Zenon de Verona coroou a basilica da mesma cidade. Em seguida apareceram as variantes: a decussata, em fórma de X (tambem chamada cruz de Sto. André), a comissa, cruz grega de braços iguais, a imissa, com a parte inferior maior do que as tres outras e que ficou sendo, definitivamente, a cruz latina.

Sôbre essas variantes gerais foram feitas, finalmente, modificações ornamentais particulares. Todas têm a sua história. Muitas foram inventadas pelos Cruzados, que as pintaram em diferentes côres sôbre escudos e cotas de armas. Daí a origem da cruz de Malta, de pano branco, com oito pontas, que os cavaleiros de Malta trocaram entre si, em Jerusalem, para serem usadas em seus mantos ou em seus peitilhos de malha. Êsse nome ficou sendo o de toda cruz da mesma fórma, tanto a da Ordem soberana de Malta, quanto a da Ordem militar espanhola de Malta ou de São João Batista.

Certa semelhança fez com que dêssem o mesmo nome à Lychnis Chalcedonia, originária do Japão e da Siberia Oriental e cujas flores (brancas ou roseas) são ornamento de jardins.

... ELA

ANDOU...

... LIGEIRO!

Os farois, de tanta utilidade para a navegação, nunca são iguais, diferençando-se pela espécie, duração, número de lampejos e côr de suas luzes.

O BRASIL E SUAS BAÍAS E ENSEADAS

O Brasil possue algumas das mais vastas e mais belas baías do mundo.

A mais notavel é a *Guanabara* que reune todos os elementos para ser admirada: vastidão, profundidade, contornos e ilhas que lhe dão um conjunto verdadeiramente maravilhoso.

Mas além da *Guanabara*, muitas outras baías destacam-se pela sua extensão e beleza, ou somente por esse ultimo aspecto; a de Vitória, por exemplo, que, sem ter a vastidão das grandes baías do Brasil, pois é notavelmente estreita, embora profunda, exibe nas caprichosas margens esplendidos e originalissimos quadros, representativos do engenho da natureza brasileira e de sua força gigantesca.

Entre outras baías que devem ser citadas pela magestade de seu conjunto, ocupam logar de relevo a de *Todos os Santos*, que banha a cidade de Salvador, capital do Estado da Bahia, a de *Paranaguá*, junto a essa cidade, no Estado do Paraná; a *Babitonga* ou de *São Francisco*, em cuja margem oriental se eleva a cidade do mesmo nome, no Estado de Santa Catarina.

Afóra essas, temos ainda outras baías e enseadas nos seguintes Estados da Republica:

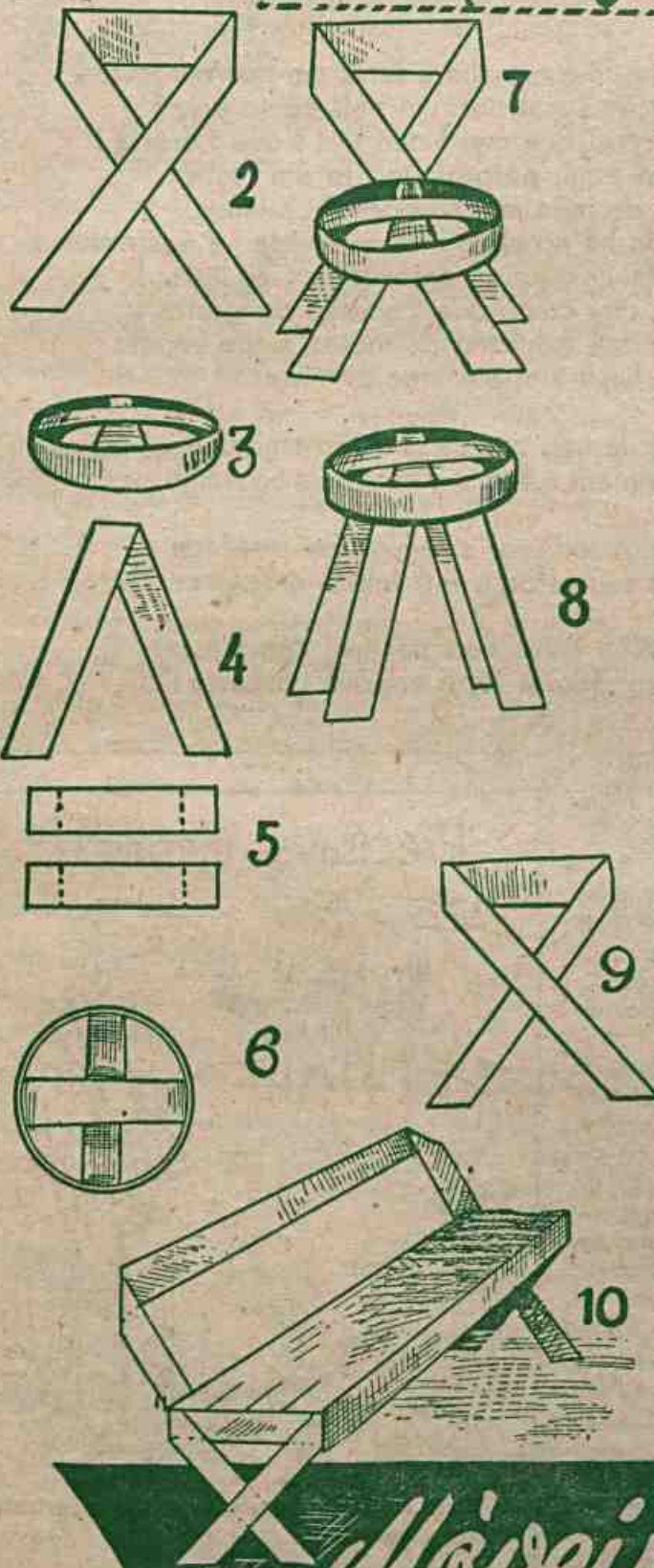
PARA	*Marajó, Guajará, Sol* e *Unga*
MARANHAO	*São Marcos, Turiassú, Tutoia* e *São José*
PIAUI	*Amarração*
CEARA	*Mucuripe* e *Barra do Jaguaribe*
R. G. DO NORTE	*Macau, Mossoró, Formosa* e *Touros.*
PARAIBA	*Traição, Varadouro* e *Lucena.*
PERNAMBUCO .	*Tamandaré* e *Maria Farinha.*
ALAGOAS	*Jaraguá* e *Cururipe.*
SERGIPE	*Irapiranga.*
BAIA	*Porto Seguro, Cabrália, Camamú, Ilhéus, Canavieiras* e *Caravelas.*
ESPIRITO SANTO	*Guarapari* e *Benevente.*
RIO DE JANEIRO	*Cabo Frio, Macaé* e *Sepetiba. Angra dos Reis, Mangaratiba, Parati* e *Jacuecanga.*
SAO PAULO .. .	*Santos, São Sebastião, Cananéa* e *Iguape.*
PARANA	*Antonina, Quaraquessava, Laranjeira* e *Guaratuba.*
STA. CATARINA	*Itapocori, Tijucas, Sta. Catarina, Laguna* e *Imbituba.*

As estrêlas mais brilhantes

O sol não é, como se poderia supôr, o astro mais brilhante. Há estrêlas que o ultrapassam em brilho. Sirius, Procyon e Altair, por exemplo, o ultrapassam São mais brilhantes do que o Astro-Rei de sete a trinta vezes!

E' a pura verdade.

AS APARÊNCIAS ENGANAM

PARA armar nos dias de chuva

A CADEIRA

CORTEM em papel mais ou menos grosso uma tira igual à fig. 1 (na margem do desenho) e dobrem-n'a como a fig. 2; terão as costas e os pés de traz.

O n. 3 é um anel que servirá de assento.

O n. 4 é uma tira dobrada para os pés da frente.

O n. 5, duas pequenas tiras, colocada em cruz sôbre o anel terminam o assento (fig. 6).

O n. 7 é a cadeira pronta.

O TAMBORETE

É feito com um anel de tiras em cruz semelhantes àquelas da cadeira e duas vezes a fig. 4. para os pés da frente e duas para os de traz.

O BANCO

A fig. 10 — Faz-se com três tiras de papel coladas contra os pés (fig 9) e o assento é feito como indica o desenho.

Como vêm, podemos com pouco mobiliar uma casa com todo o luxo e até pôr alguns bancos no jardim...

Móveis de papel

O índio bonzinho

NEM todos os indios são ferozes xavantes, capazes de atacar a gente a borduna e a tacape ...

Se você gosta de lidar com indios — dos outros, dos mansinhos — aqui tem uma sugestão para fazer um indiozinho de brinquedo.

É fácil e o material é dos mais simples. Tome duas rolhas de cortiça, de tamanhos diferentes e mais duas rodelas cortadas de outras duas rolhas (para serem iguais).

Com as partes duras de 2 penas de galinha, fazem-se as pernas, tirando as pêlos de um dos lados. Os braços podem ser feitos com o mesmo material das pernas, tirando os pêlos de ambos os lados. Igualmente o pescoço.

Com pequenas penas se faz o cocar, a que se dá colorido depois, com tinta de anilina ou com aquarela. O machado é feito de cartolina.

Umas pinceladas, arte, gosto, e o indio estará pronto para dansar *zicunati* ou correr atraz dos "mocinhos" ...

Fazendo-se vários deles, tem-se uma tribo, com a qual se podem fazer brinquedos formidáveis.

Nossa Terra

OLAVO BILAC

(POETA CARIOCA)

AMA com fé e orgulho a terra em que nasceste!
Criança! Não verás nenhum país como êste!
Olha que céu! que mar! que rios! que floresta!
A Natureza aquí, perpetuamente em festa,
E' um seio de mãe, a transbordar carinhos.
Vê que vida há no chão! Vê que vida há nos ninhos!
Que se balançam no ar, entre ramos inquietos!
Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!
Vê que grande extensão de matas, onde impera
Fecunda e luminosa, a eterna primavera!

Boa terra! Jamais negou a quem trabalha
O pão que mata a fome, o teto que agasalha ..

Quem com o seu suor a fecunda e umidece
Vê pago o seu esforço e é feliz e enriquece!

Criança! Não verás país nenhum como êste:
Imita na grandeza a terra em que nasceste!

O cravo da India afugenta a traça.

●

Não deixe seu relógio de pulso sôbre a pedra mármore. O frio da pedra prejudica o maquinismo do relógio.

●

O melhor meio de se tratar uma queimadura é aplicar em cima uma "solução de ácido picrico saturada". Vende-se em qualquer Farmácia. Tira a dor imediatamente e evita a formação de bôlhas.

(Lembre isto à Mamãe).

●

Não vá para a mesa sem pentear os cabêlos e sem lavar as mãos.

Precisava mesmo!!

— Você, aí! Quér fazer o favor de podar também meu castelo?

O TIGRE E A RAPOSA

(FABULA CHINESA DE ZEB)

O tigre, havia muito tempo, andava desejoso de conhecer o sabor da carne de raposa. Já tinha provado carne de muitos outros animais, e só aquela experiência lhe afltava.

Um dia, apresentando-se ocasião favorável, a raposa lhe fez, entretanto, esta advertência:

— Toma cuidado e não me faças mal algum! Um decreto superior fez de mim o rei dos animais. Se me comeres, desrespeitando essa disposição divina, isso te custará muito mais caro do que pensas!

— Ora, deixa-te de bobagens! — vociferou o tigre, mas num tom de voz que revelava certa apreensão, coisa que não passou despercebida à argúcia da finissima raposa. — Vamos, prepara-te, pois te vou comer!

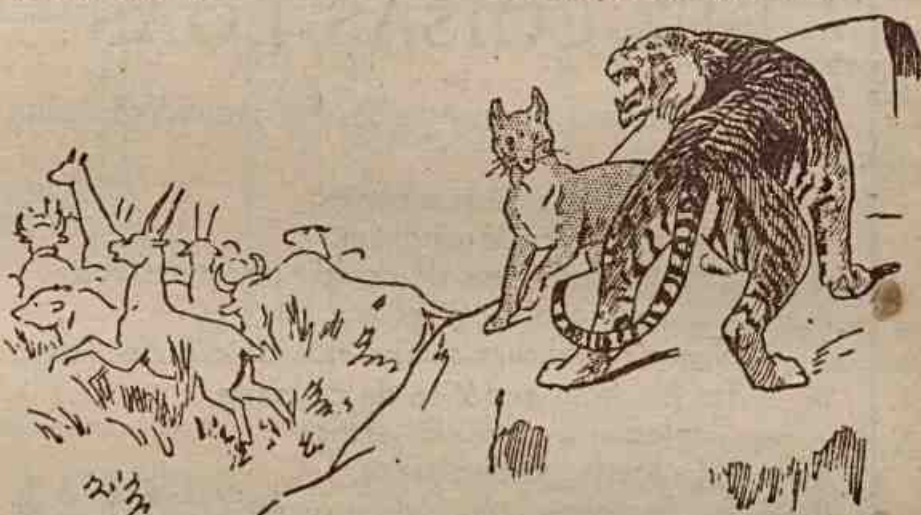
— Um minuto! — continuou a raposa, imperturbável. — Nada de pressa! Vamos verificar se estou mentindo. Estou falando para teu

bem! Se é mentira minha, logo descobrirás. Vem andando atraz de mim e observa cuidadosamente

todos os animais que formos encontrando. Poderás constatar de que modo todos me respeitam e temem. Verás como, à minha passagem, um por um se afastará respeitosamente ...

O tigre, dominado por um vago temor que não podia vencer, concordou e puseram-se ambos a andar. O que acontceu foi que todos os animais, vendo-o atraz da raposa, afatavam-se silenciosos, com aspecto amedrontado.

A impressão foi tão forte que o tigre ficou confuso, cada vez mais nervoso, e acabou por acreditar piamente nas palavras da raposa.

Esta, então, vendo que estava ganha a partida, pelo menos por aquela vez, tratou de ir dando o fóra muito depressa, deixando o bôbo do tigre sem jantar ...

Experiências que duram anos

MUITA gente ainda ignora que para um avião ser considerado em condições de entrar em serviço é antes submetido às mais rigorosas e minuciosas provas, as quais duram muitíssimas horas. Há casos em que a preocupação da segurança vai tão longe que surpreende até mesmo os que não são alheios aos meios aeronáuticos. O Constelation, por exemplo, voou durante três anos, antes que fosse considerado pronto para entrar no serviço regular. Os pilotos do Exército e da Lockheed submeteram o avião aos mais duros "testes", sob as mais variadas condições do tempo e no decorrer de milhares de horas. Muitas coisas tiveram que ser provadas sobejamente, sendo que uma das primeiras foi a que aquêle grande avião é capaz de subir, conduzindo carga completa, até à altura de 2.650 metros, com apenas dois dos seus quatros motores funcionando.

BUM!!

UM conspirador que lidava com a bomba atômica distraiu-se e ela explodiu. Ele foi parar lá em cima, no planeta Marte, à esquerda. Quando "acordou", ficou bôbo! Não sabia por onde tinha "viajado'..

Você será capaz de, partindo, de baixo, ir até Marte, sem cruzar linha nenhuma?

Apanhe o seu lapis e verifique. Se acertar, parabens!

SALVE BRASIL

AFONSO CELSO

Possuis grandeza e formusura,
Preclaros dons, egrégios bens;
Nobreza mostras, que fulgura
Já na raiz donde provêns.

No seio teu se exalam hinos;
A fé no bem teu solo induz;
Deu-te a expressão de teus destinos
Teu nome outrora: Vera Cruz.

O teu passado é todo honroso,
O teu presente orgulho faz;
E que futuro portentoso,
Terra de luz, terra de paz!...

Lar da Igualdade e do Direito;
Hospitaleiro e liberal,
Seja a quem for, logo o teu peito
Depara abrigo maternal.

Ninguém em ti foge à verdade,
Amas lutar do justo em pról,
Sòmente o sol da liberdade
Será teu puro, eterno sol.

É permanente o teu sorriso,
Queres tranquilo trabalhar,
Sabes, porém, quando preciso,
Galhardas armas manejar.

Para venceres empecilhos,
Basta-te um pouco de labor,
E que da parte de teus filhos
Haja por ti sincero amor.

Amor da Pátria, como ardentes
Tiveram sempre nossos pais
Temos, — e os nossos descendentes
Terão também, cada vez mais.

Salve, nação predestinada
Ao nobre, ao grande, ao senhoril,
Bendita, Pátria idolatrada,
Salve, Brasil! Salve, Brasil!...

DEZ COISAS BOAS

Há dez coisas de que nunca se arrependerá quem as praticar.

1 — Fazer a bem a tôda a gente.
2 — Não falar mal de ninguém.
3 — Refletir bem antes de decidir uma questão.
4 — Calar quando sentir cólera.
5 — Nunca recusar um serviço quando o puder fazer.
6 — Ter por base a prática da caridade.
7 — Confessar os próprios erros.
8 — Não azedar as discussões.
9 — Ter paciência com tôda a gente.
10 — Desconfiar do que dizem os murmuradores.

Esta é a posição predileta do açougueiro acostumado a viajar no "bonitão".

O ardor que se sente na pele, ao tocar em um pé de urtiga, deve-se a um liquido que existe nos pêlos das folhas dessa planta. Em algumas espécies tropicais, êsse liquido tem tal poder que produz feridas dolorosas que custam a cicatrizar e sendo mal tratadas podem mesmo causar a morte.

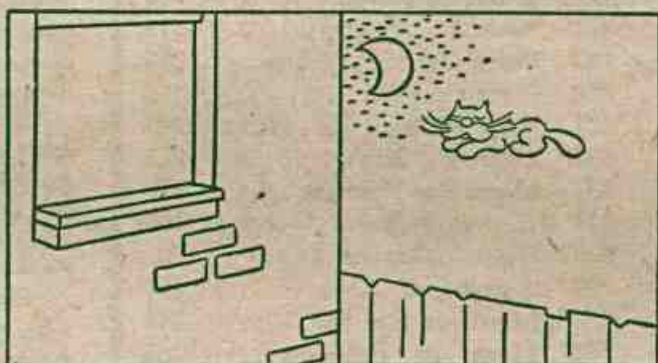
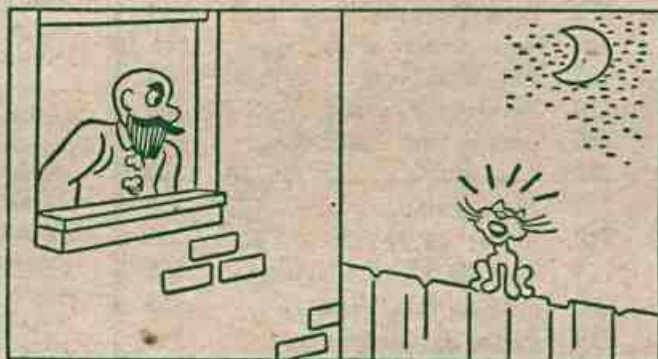
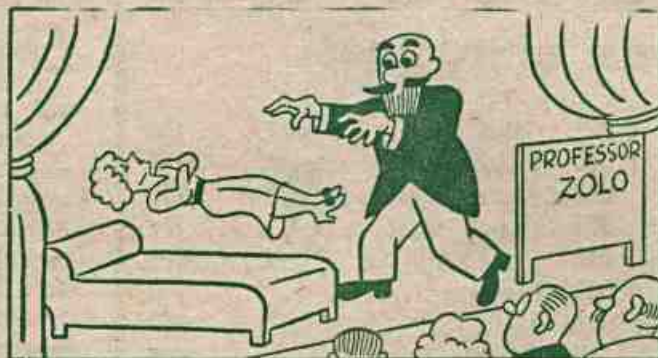
A palavra "omnibus" é de origem latina e significa "para todos".

Fazer as orações deitado na cama é falta de respeito. Só quando se está doente é permitido.

Excetuando a China e Japão, os paises onde se consome mais chá, são a Inglaterra e os Estados Unidos.

Há quem pense que o termometro "tira" a febre do doente. E' erro pensar assim. O termômetro marca a temperatura do corpo da pessoa. De acordo com esta, a coluna de mercúrio sóbe, mais ou menos, e a gente vê quantos graus subiu, na escala impressa no vidro.

O nome oficial do nosso pais não é apenas Brasil, e sim Estados Unidos do Brasil. Também a Venezuela se chama Estados Unidos da Venezuela, oficialmente.

Usou o poder hipnótico...

Corfu é uma ilha Grega de 100.000 habitantes.

"Na familia como no Estado, a economia é a melhor fonte de riqueza" — Cicero.

Quando se escreve para jornal ou revista, não se usa os dois lados do papel.

Uma frase curiosa é esta: "Roma me tem amor". Lida de traz para diante, dá na mesma. Experimente . . .

Antes de prometer alguma cousa, pensa bem se poderás cumpri-la. Uma promessa é uma obrigação moral à qual não devemos faltar nunca.

Entre todos os felinos, o leão é o único que não póde trepar em arvores.

A COBRA Cascavel

A cobra cascavel é considerada pertencente ao grupo das que "avisam" antes de atacar a vítima e é por esta razão denominada "cavalheiro".

Todavia, não é muito certo que êste reptil seja em verdade um cavalheiro. Seus chocalhos são simplesmente anéis de pele sêca e dura, que não cáem quando ela se transporta de um lado para outro devido a um "botão" que ela tem na ponta da cauda. Quando o réptil se zanga e se dispõe a morder, move nervosamente a cauda e faz com que os anéis da pele velha e sêca chocalhem.

Os naturalistas não estão de acôrdo com a crença comum de que este som constitúa um *anúncio* ou *aviso* provocado deliberadamente pela cobra. Acreditam mais que seja uma reação nervosa sôbre a qual o referido animal não tem contróle. De qualquer modo, todo o cuidado com essa cobra, venenosíssima, é sempre pouco. Quem anda no mato deve estar sempre atento para onde pisa. E em toda fazenda deve haver sempre ampôlas de sôro anti- ofidico, por causa das cobras.

— Já disse que não podem ir!!

Montanhas do Distrito Federal e suas altitudes

Pedra Branca	1.023	Salto Alto	486
Pico da Tijuca	1.021	Pedra Rosilha	486
Morro da Pocanha	996	Morro Ignacio Dias	451
Bico do Papagaio	986	Passaúna	476
Lameirão	985	Paineiras	464
Arrozal	968	Matheus	450
Pedra João Antonio	919	Caeté	450
Pico do Gericinó	887	Perdido	446
S. Barbara	871	Fóca Pequena	444
Pico do Andaraí	863	Santa Luzia	411
Morro do Archer	815	Pão de Açucar	395
Morro da Jaguara	810	Sacarrão Pequeno	388
Pico da Carioca	786	Morro dos Cabritos	384
Pedra da Gavea	780	Cascatinha	383
Pedra do Quilombo	767	Marimbeira	382
Morro do Guandú	742	Açude da Solidão	366
Pano da Pedra	718	Pico da Dona Marta	365
Pedra do Sacarrão	715	Alto da Bôa Vista	355
Pedra do Conde	714	Pedra da Curicica	340
Queimado	714	Morro do Misante	340
Corcovado	714	Alambá	319
Caboclos	687	Pedra de São Francisco	316
Poço dos Quatro	680	Mata Cavalo	316
Nogueira	661	Vista Chinesa	300
Formiga	632	Morro da Bica	273
Marapicú	631	Morro dos Prazeres	270
Excelsior	611	Morro da Nova Cintra	260
Cockrane	600	Dois Irmãos em Jacarépaguá	251
Pedra Bonita	600	Morro de São José	241
Dois Irmãos do Leblon (o maior)	596	Morro da Babilonia	238
Paulo e Virginia	561	Morro da Urca	224
Cabucú	551	Tanhangá	238
Mesa do Imperador	500	Morro do Cantagalo	201
Silvestre	500	Rua Aqueducto	200

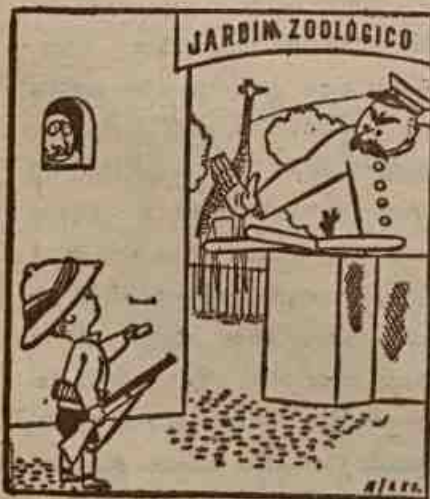
Bandeira, coração da pátria

DISSE, falando da bandeira, que ela é o coração da pátria. Torno ao que disse.

Quando Latour d'Auvergne, o primeiro granadeiro da República, caiu, ferido de morte, diante da 46.ª Brigada, os soldados, chorando sobre o seu corpo, pediram em vozes altas que lhes fosse concedido o coração daquêle que sempre os levara à vitória. Obtendo-o, encerraram a adorada relíquia em uma caixa de prata, que era levada à frente do regimento, tal como a arca, nas grandes marchas, precedia o povo israelita.

Pois bem, meus jovens patrícios, o que aqui tendes é o próprio coração da Pátria, não morta, como o granadeiro heróico, viva e bela, como o sol que nos alumia, que também se multiplica em claridade, como a Pátria se multiplica em bandeiras, sendo o mesmo sol no espaço infinito, na terra imensa, no mar vasto e no brilho em que esplende uma gota de água.

Ei-la, patrícios, a vossa bandeira, tomai-a, levantai-a bem alto no punho e, quando a virdes panejando triunfalmente ao sol ou adormecida, sobre as baionetas, como flor entre espinhos, que a defendem, lembrai-vos do dia em que a recebestes e, recordando este momento augusto, vereis o quadro imponente que tendes ante os olhos e nêle o farol do exemplo, de onde partiu aquêle raio de luz que flamejou em incêndio nos navios e nas barrancas paraguaias e que se abriu em radioso clarão na História, rutilando com o brilho das palavras, que devem ser a divisa de todos os verdadeiros patriotas, tanto na paz como na guerra: "O Brasil espera que cada um cupra o seu dever".

COELHO NETO

Não! Aqui é proibido caçar!!

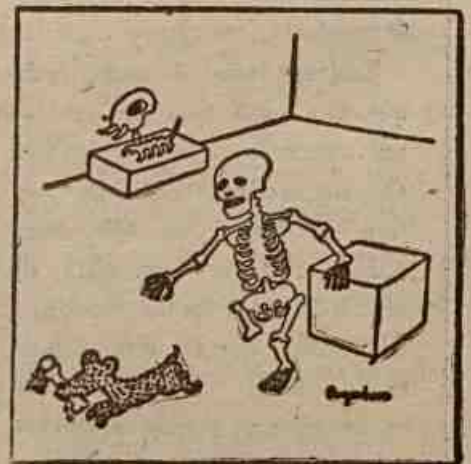
AS LUAS

NA lua nova, a lua aparece e desaparece quase ao mesmo tempo que o sol; não reflete ela para nós nenhum raio luminoso.

No quarto-crescente aparece ao meio dia; mostra uma parte do hemisferio lunar iluminado.

A lua-cheia, aparece quando o sol se esconde, e mostra tôda a sua face iluminada.

No quarto-minguante, aparece à meia noite, apresenta uma parte do seu hemisferio iluminado.

NO MUSEU

Eh! Me dá minha perna!

Gutenberg

E' a João Gutenberg (Hans Gensfleisch von Surgenloch), o famoso impressor alemão, no seculo XV, que se atribui, com grande fundamento a invenção da Tipografia.

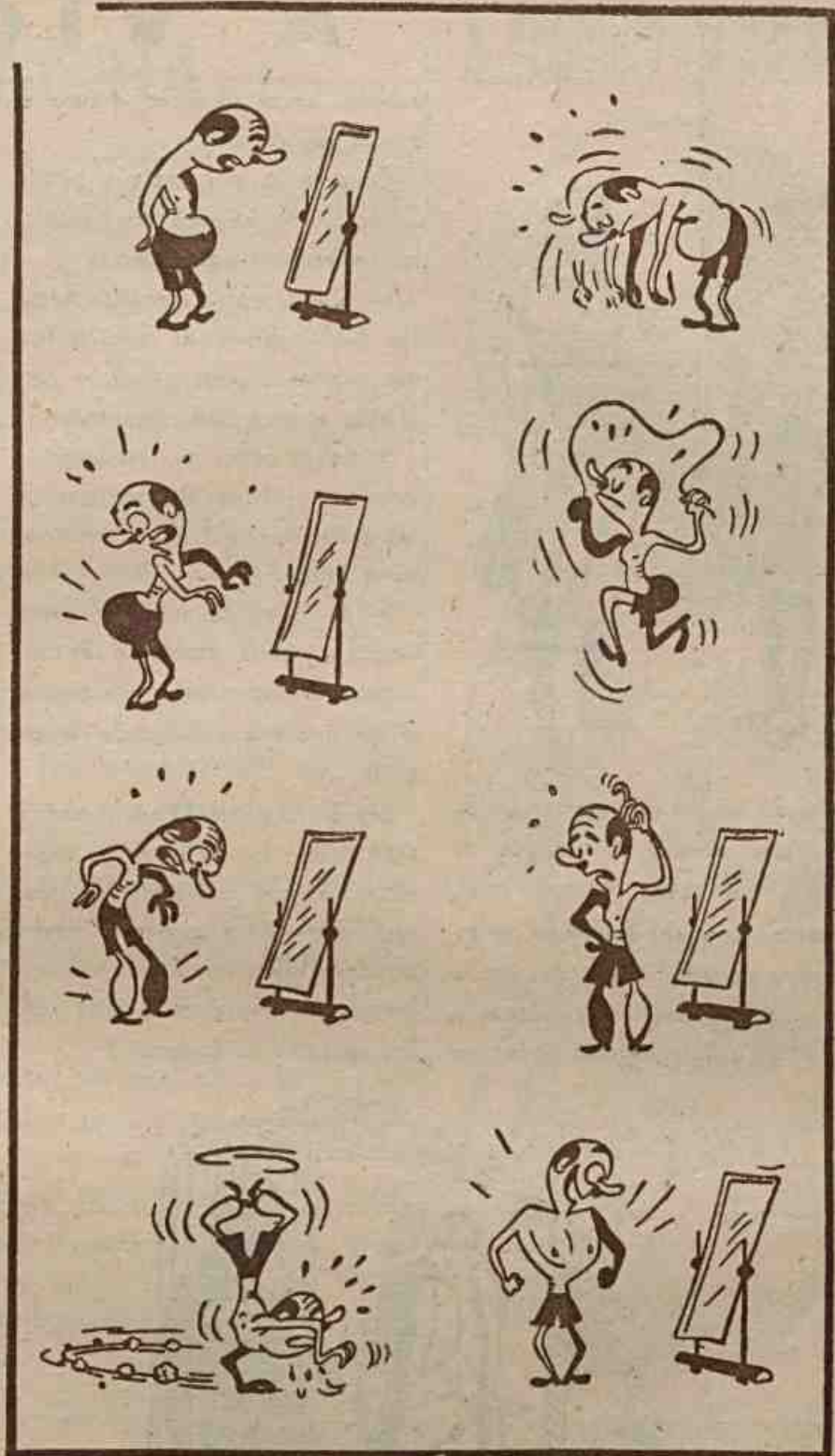
É desconhecida a data de seu nascimento, mas sabe-se de sua morte em Moguncia, sua cidade natal, em 1468, data pela qual os biografos calculam que ele deve ter nascido no começo do seculo XV.

São muito escassas as noticias sobre sua vida. A maior parte, senão as unicas, corespondem ao periodo da invenção da imprensa. Os dados de carater documental comprovam que foi descendente de uma familia patricia e que em 1420 Gutenberg teve de transferir sua residencia, com muitos outros conterraneos, em virtude de profundas transformações politicas ocorridas em sua terra naquela epoca.

Cinco anos mais tarde Gutenberg exercia a profissão de impressor (provavelmente xilógrafo), pois consta que possuia varios moldes e uma prensa e devia ser o único impressor de então.

No registro de contribuintes de Estrasburgo, correspondente ao ano de 1444, está incluido o nome de João Gutenberg, que pertencia ao "Gremio de Plateros e Batedores de Ouro". Daí se conclui que o Pai da imprensa iniciou seus ensaios gravando textos e ilustrações em laminas de metal, sistema muito usado na epoca e praticado por muitos outros.

Em 1448,voltou a Moguncia, onde continuou suas pesquisas.

Perpetuando a memoria de Gutenberg, varias cidades erigiram monumentos em sua honra, como o de Estrasburgo, por David d'Angers; Moguncia, por Thorwaldsen; o de Viena, por Bitterlich, etc.

Fazer ginástica, qualquer pessoa faz. Mas... vejam como lutou o Bernardino, para perder a barriga e se tornar verdadeiramente elegante...

História triste

UMA barata e um mosquito conversavam num canto da cozinha.

— De que foi que teu pai morreu? — perguntou a barata.

— De tapa... E o teu? — perguntou o mosquito.

— De chinelada... —

E os dois começaram a chorar.

A VIGÍLIA

ISTO aconteceu durante a nefasta retirada napoleônica da Russia, em 1812. Muitas vezes, durante a noite, Napoleão se levantava do leito, presa de viva e dolorosa inquietação, e começava a percorrer o acampamento onde, sob extenso lençol de neve, dormia e morria um exército.

Certa noite, por entre a gelada cerração, êle percebeu um pequenino clarão, uma luzinha acesa.

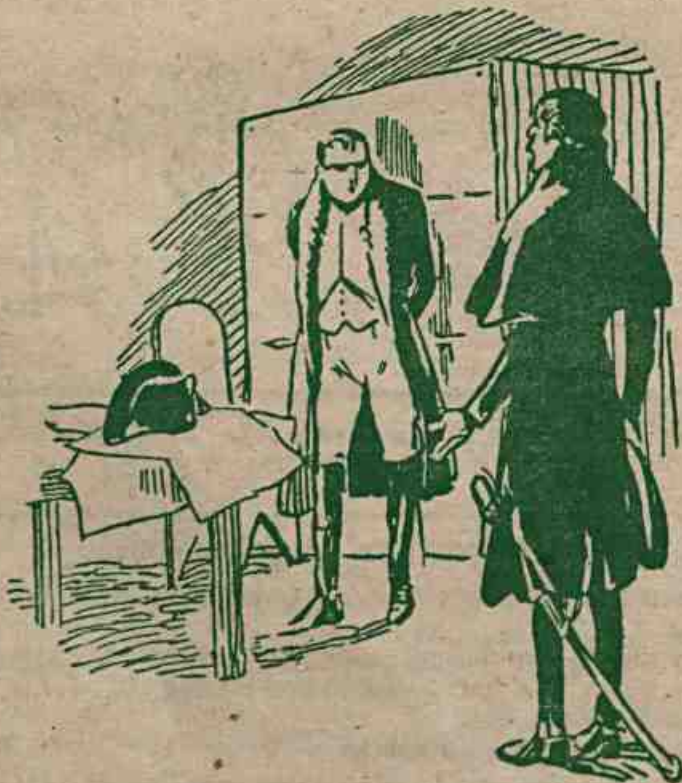
— Quem estará acordado a estas horas, depois da terrivel luta que tivemos durante o dia? — perguntou a si mesmo, espantado.

Interroga então as sentinelas e manda um oficial do seu serviço até à barraca onde a luz continuava a brilhar.

— *Sire* — veio informar pouco depois o oficial, depois de ter executado a ordem — é o coronel Druot que está trabalhando e rezando ...

No dia seguinte Druot combateu todo o dia, sob os olhos do imperador, que não deu sinais de reparar nele. Mas, pouco depois, mandava chamá-lo à sua presença, promovia-o a general e fazia dêle seu ajudante de campo.

— Sois um homem enérgico, Druot — respondeu Napoleão aos agradecimentos do novo general.

— Majestade — retrucou êste — Não temo a morte, nem a pobreza. Temo ùnicamente Deus. Eis aí a minha força, a fonte de tôda a minha energia!

O álcool

PELA fermentação, isto é, transformação devida a certos sêres infinitamente pequenos, o açúcar se transforma em líquido chamado álcool.

Êsse líquido, puro ou com água, tem muitos empregos úteis em medicina e na indústria. Entretanto, misturado com outras substâncias, é base das chamadas bebidas alcoólicas, que constituem um dos maiores flagelos da humanidade.

A aguardente é proveniente de fermentação do açúcar de cana e da destilação dêsse produto. Nas camadas inferiores do povo e na roça é a aguardente ou pinga o maior inimigo do homem, embrutecendo-o, tornando-o irresponsável e lesando os seus órgãos.

A MINIATURA

A palavra miniatura significa pintura com minium. Primitivamente a miniatura não foi senão um processo usado pelos ilustradores para traçar sôbre os manuscritos, com o auxilio do *minium*, as letras e os adornos vermelhos com que costumavam começar os capitulos dos livros.

Depois, estas letras e estes adornos dos manuscritos, geralmente vermelhos, foram dando lugar aos ornatos de variadas cores, aparecendo então belissimos manuscritos cujas margens eram adornadas com maravilhosos desenhos dourados, com flores, frutos, pássaros e animais mitológicos.

A arte dos ilustradores sofrem muito com a descoberta da imprensa no século XV, pois multiplicando a confecção dos livros e tornando-o objeto de comércio comum, havia a necessidade de perder o luxo da sua ornamentação, porque esta encarecia o livro, tornando-o inacessivel à maioria dos leitores.

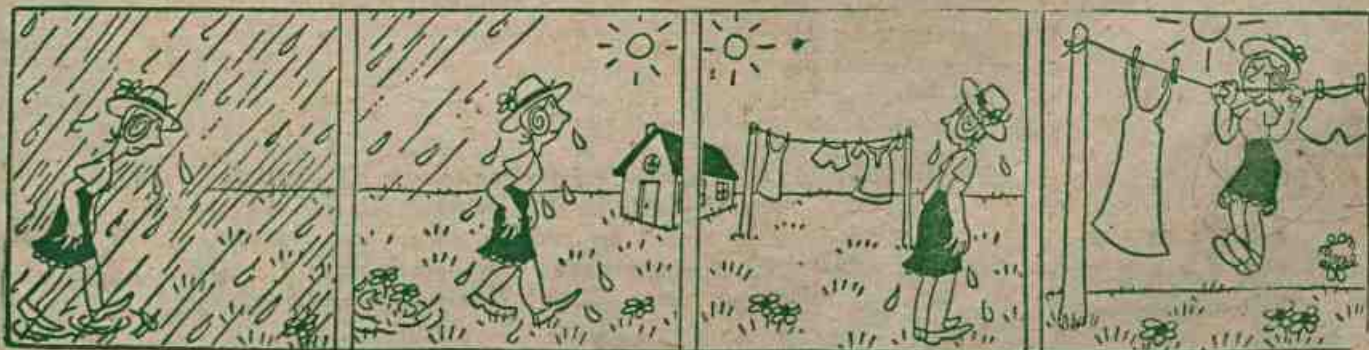
Assim, a miniatura vai deixando pouco a pouco a arte de escrever e começa uma vida independente, renovando sua gloria passada, tornando-se, dai por diante, irmã e émula da pintura propriamente dita. Desta maneira, ela tomou a seu encargo adornar uma infinidade de pequenos objetos de madeira, marfim e esmalte, tais como: caixas, cigarreiras, medalhões, etc., servindo para consagrar recordações de afeições intimas. Foi muito procurada para o retrato até o dia em que apareceu a fotografia, como aconteceu com o aparecimento da imprensa, três seculos antes, tirando-lhe mais uma vez o seu novo dominio.

O mestre mais celebre na arte da minatura, na época do Renascimento, foi o monge italiano Giulio Clovio, que soube reunir em seus trabalhos microscópicos a riqueza do colorido mais brilhante ao mais preciso traço do desenho.

Muitos nomes poderiamos mencionar que se destacaram nesta dificil e delicada arte. Agora, porém, só citaremos um artista do século XVIII, de grande talento: a veneziana Rosalba Carrera, que se radicou em Paris em 1720. Entre suas notáveis obras encontra-se o admiravel retrato de Luiz XV quando era menino.

A cegonha camarada

HISTORIETA SEM PALAVRAS

O MILAGRE DA APARECIDA

OS homens não tinham peixe
para o Conde de Assumar.

Os barcos desciam as águas escuras
do rio deserto ... E os barcos subiam
nas águas escuras do rio deserto ...
Tornavam subindo ... descendo ... a tentar!
Lançavam as rêdes ... Puxavam as rêdes
e as rêdes vazias! Sem nada a pescar!

E os homens não tinham peixe
para o Conde de Assumar.

Domingos Garcia, caboclo valente,
com os braços de ferro, tocava a empurrar
a triste canôa, sem nada pescar.
Pedroso gritava para os companheiros,
que longe cortavam as águas escuras do rio deserto:
"Oh, lá, companheiros!
Oh, lá, canoeiros! ...

Que novas a dar? Que novas a dar?"
E a mesma resposta caia na noite,
nos barcos vazios, sem nada pescar ...

Os homens não tinham peixe
para o Conde de Assumar.

João Alves, aflito, já sem esperança,
olhando as estrêlas, se pôs a rezar:

"Santissima Virgem! Tem pena de mim! ...
Rainha celeste! Tem pena de mim! ...
És dona dos peixes que moram nas águas!
Ordena que venham encher nossos barcos! ...
Que um só dos teus gestos nos pode salvar! ...

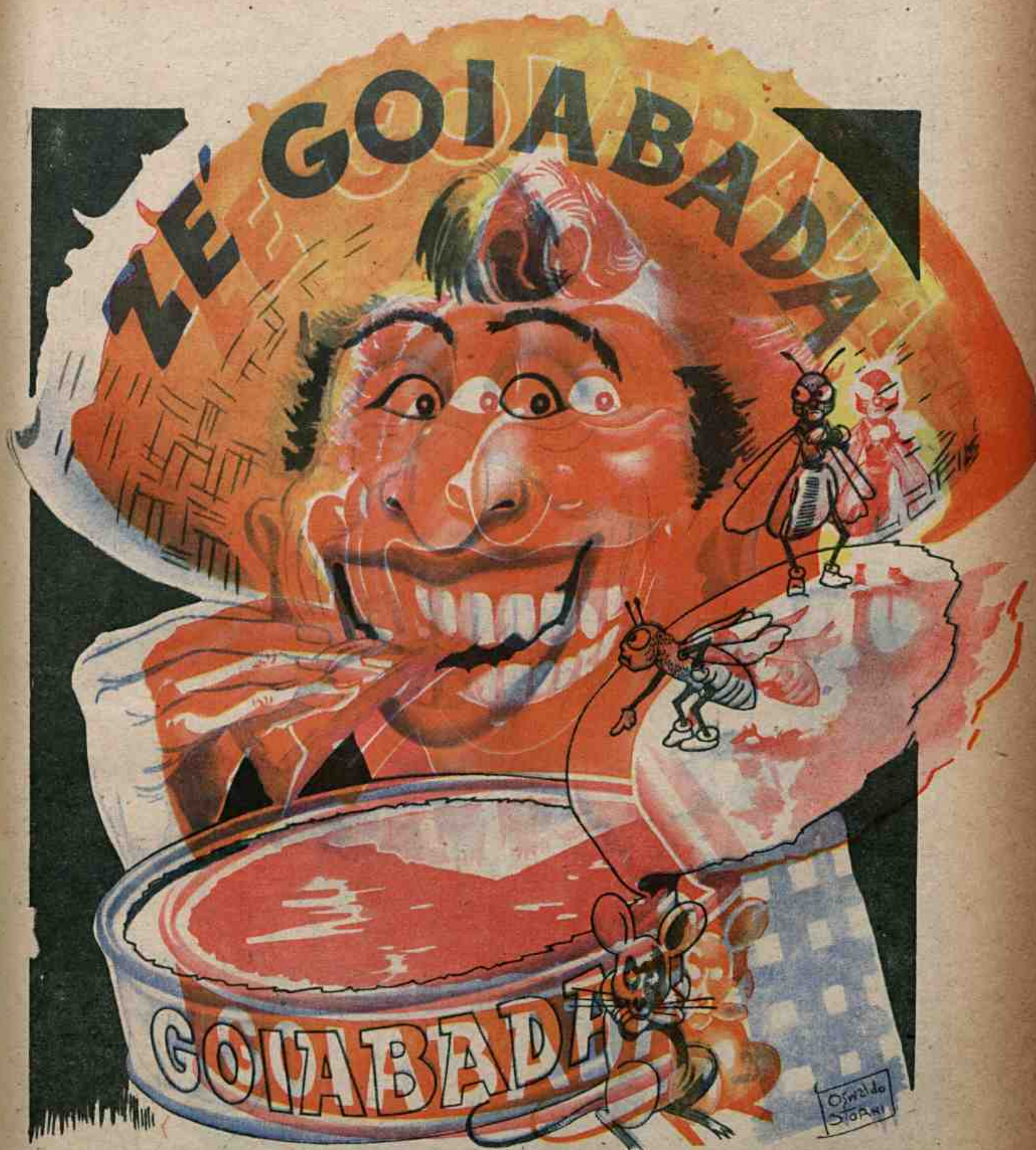
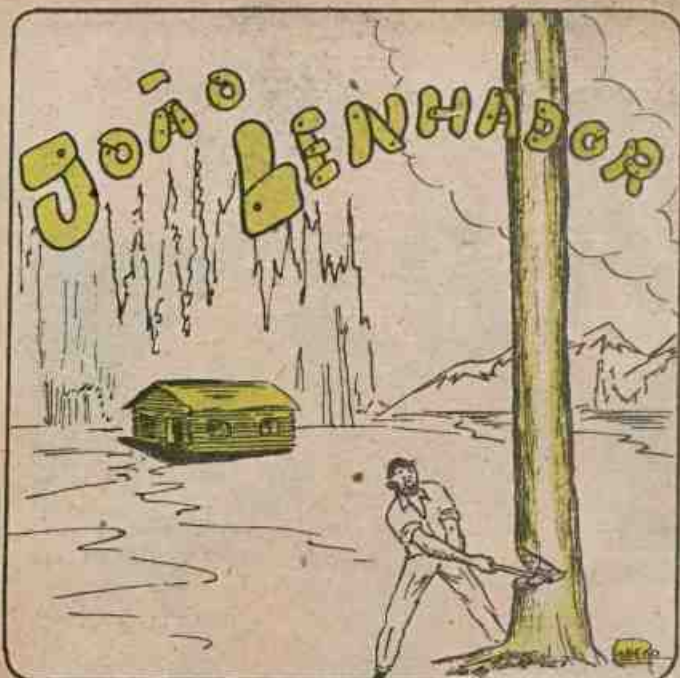
Dá-nos peixe para Dom Pedro
Para o Conde de Assumar!"

E a rêde atirando, com punho de mestre,
a rêde nas águas se abriu em estrêlas.
Caiu ... Foi ao fundo ... (João Alves chorava).
Puxou de mansinho, que a rêde pesava ...
"São peixes! — dizia — São peixes, enfim!
Que Nossa Senhora tem pena de mim ..."

Mas, oh, luz extranha vem dentro da rêde!
É Nossa Senhora que vem dentro à rêde
do pobre, do humilde, feliz pescador,
que louco de alegre se põe a gritar:
"Oh, lá, canoeiros! ...
Oh, lá, companheiros! ...
Oh, lá, pescadores, que estais a pescar!
Milagre! Milagre! Fazei vossos lanços,
Que Nossa Senhora já me apareceu!

E os homens todos, tocados
de uma alegria sem par,
encheram barcos de peixe,
para o Conde de Assumar!

Oh! Nossa Senhora que ouviste o barqueiro,
que o ouviste há dois séculos! De nós, não te vás!
Nem mesmo um instante, sequer, nos esqueças!
Tu, que apareceste! Não desapareças
daqui, desta Pátria! Jamais! Nunca mais!

ADELMAR
TAVARES
(Da Academia Brasileira)

CARLOS DE BRITO & CIA.- Fabricas em Recife-Bezerros-Areias-Pesqueira-Rio-S Paulo

João Lenhador era um homem pobre, que vivia do seu trabalho, derrubando árvores para fazer lenha que vendia na cidade. Mas não estava satisfeito com a sua sorte.

Seu sonho maior era ter muito dinheiro, ser riquíssimo. Pensava, erradamente, que só quem tem muito dinheiro é feliz. Por isso, não pensava em outra cousa. Já era quase mania.

Imaginava-se morando em rico palácio, com escadaria de mármore, lindos tapetes, vasos finíssimos, criados, lacaios . . .

Um dia, quando derrubava uma árvore, ouviu um ruído estranho . . .

. . . e no mesmo instante apareceu ao seu lado uma fada com asas verdes que lhe disse. — João Lenhador, sei que desejas ser possuidor de ouro, muito ouro . . . Pois aqui estou para satisfazer o teu grande desejo!

"A partir de hoje, João Lenhador, tudo aquilo em que tocares, se transformará em ouro. Já uma vez isso sucedeu a um rei, que se tornou famoso."
E a fada tocou-o com a sua varinha de condão e desapareceu.

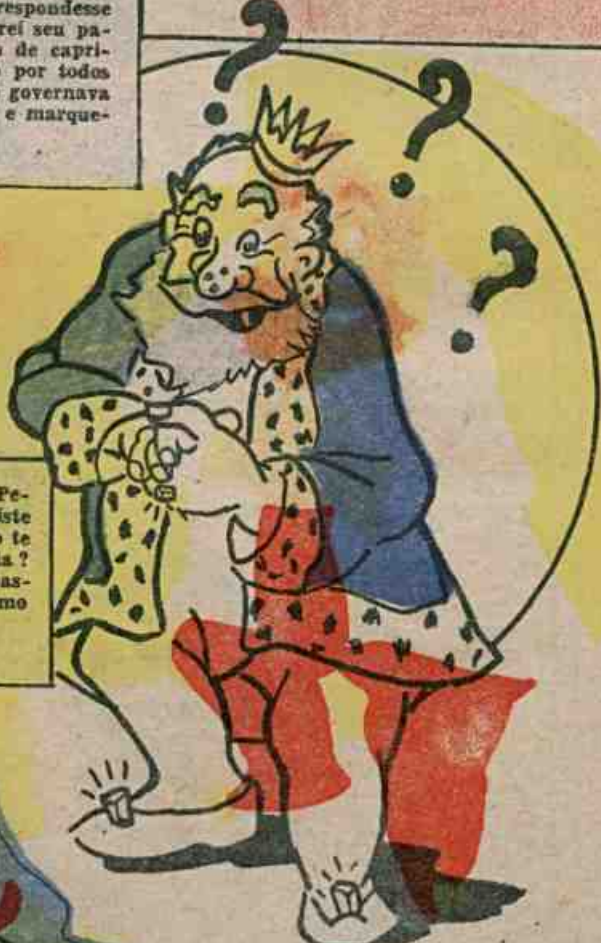
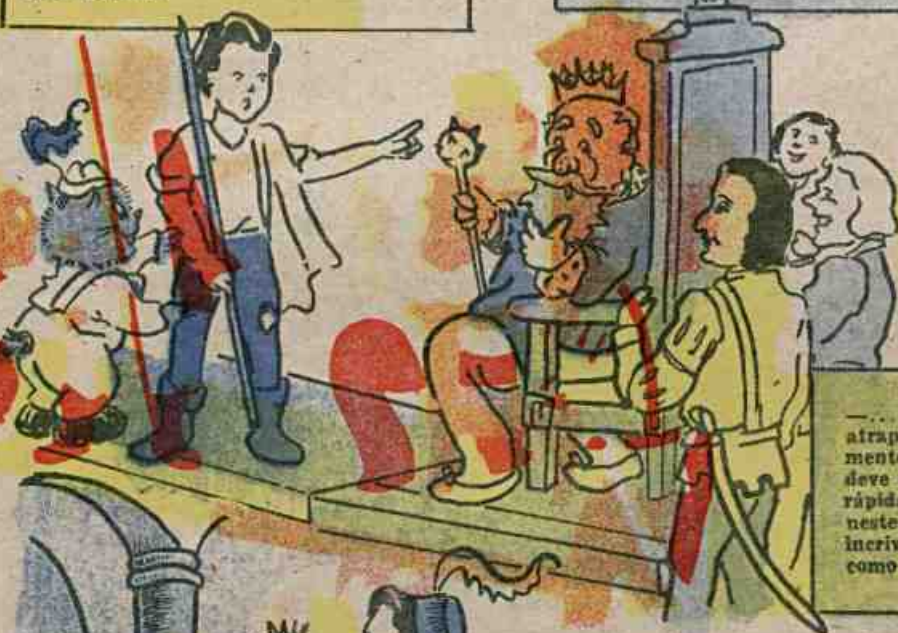
— Assim que a fada desapareceu, João Lenhador viu, com assombro, que o seu machado estava reluzindo: virára ouro! Um galho de árvore, em que segurava, tambem!

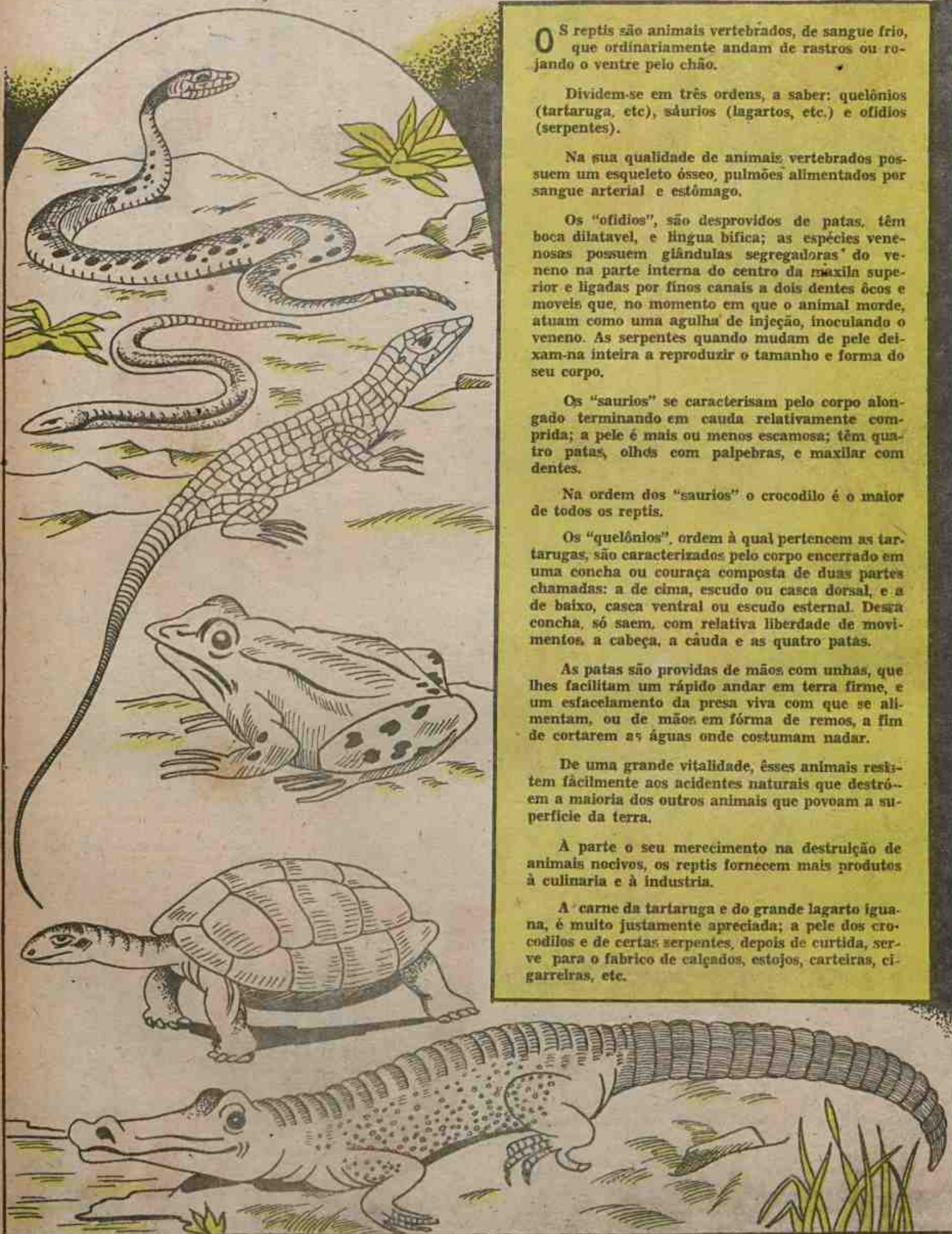
O ambicioso homem saiu correndo para a sua cabana, contente, porque pensava que não mais precisaria trabalhar uma vez que era rico. Lá chegando ...

... foi apanhar água para lavar o rosto e ... a vasilha e a água se transformaram em ouro! Não se poude lavar, mas ficou cada vez mais contente. Aquilo era uma coisa maravilhosa!

Logo depois, porém, sentiu fome. Era a hora de almoçar. Quando, entretanto, agarrou um pão para levá-lo à bôca, quase quebrou todos os dentes, porque o pão se transformou no precioso metal.
Naquele dia, e nos que se seguiram ...

... João Lenhador não comeu nada, pois tudo em que tocava virava ouro. O pobre homem ficou fraco, doente, e acabou morrendo. Foi êsse o castigo da sua enorme sêde de ouro, da sua desmedida ambição.

PECHINCHA
Por Giselda Melo
em
as 3 perguntas do rei
No reino da Mitolândia havia um castelo no pico de uma montanha, onde vivia uma princesa linda como o dia... mas triste como a noite. Chamava-se Mirtes. Essa princesa amava um pastorzinho da aldeia que ficava no vale, porém só seria dada...
... em casamento a quem respondesse a três perguntas feitas pelo rei seu padrasto — um soberano cheio de caprichos, muito feio e detestado por todos os habitantes do país que êle governava muito mal. Príncipes, duques e marqueses já haviam tentado...
... responder com acêrto às perguntas do rei, porém elas pareciam tão difíceis que, com receio de se tornarem ridículos, todos desistiam. O rei divertia-se a valer com sua idéia, e a princezinha continuava em leilão.
Quem se casaria com ela?
Um dia o Pechincha encontrou Pedro, o pastor, e vendo-o muito triste perguntou-lhe: — Afinal, por que não te casas com a moça, se gostas tanto dela?
— Mas... como? — gemeu o pastor. — E as três perguntas do rei? Como saberia eu...
— ... responder àquilo que fidalgos não souberam?
— Deixa tudo por minha conta, disse o Pechincha. Êsse rei precisa de uma lição: — Responderei por ti. E assim, no dia seguinte...
... lá foram os dois para o castelo. O rei, sentado no trono e tendo ao lado três juizes, recebeu o pastor e o Pechincha com um risinho de mofa. E a primeira pergunta foi feita: Para que lado gira o mundo?
A resposta, soprada pelo...

... Pechincha foi repetida pelo pastor: — Proceda Vossa Majestade com justiça e acêrto governando e verá que êle gira "direito". O rei teve um riso amarelo e fez a segunda pergunta: Qual vale mais — um saco de feijões ou um saco de ouro?
E o pastor, soprado pelo Pechincha respondeu. — Isso depende, majestade. Num castelo como êste e num lugar como o de Vossa Magestade, vale mais o saco de ouro, sem dúvida... mas numa aldeia como a minha, onde há muito impôsto e...
—... pouco pão... o de feijão com certeza. O rei pigarreou atrapalhado, olhou de viés para os juízes que sorriam discretamente e fez a última e mais difícil das perguntas: Quanto deve pesar a montanha mais alta do mundo? A resposta foi rápida: — Tanto quanto a consciencia de Vossa Majestade neste instante. O rei "embatucou". Pois não era aquêle rapaz incrivelmente corajoso? Que audácia dizer aquilo a um rei como êle! Poderia mandar matá-lo...
—... mas a verdade é que o velho ficou pensativo... e como, afinal, não era mau de todo, reconheceu nas respostas grande sabedoria... e deu-se por vencido! Uma semana depois realizou-se, assim, o casamento da princesa, Mirtes — agora alegre e ditosa — com o pastor Pedro.
Gisetta
— A festa foi maravilhosa e durou dias. Pechincha foi o padrinho, segurando a cauda do vestido da noiva. Afinal fôra ele quem respondera às três perguntas do rei, e o velho parecia agora tão disposto a bem governar o país, que o nosso Pechicha deu-se por bem pago e feliz.

OS REPTIS

por PAULO AFFONSO

OS reptis são animais vertebrados, de sangue frio, que ordinariamente andam de rastros ou rojando o ventre pelo chão.

Dividem-se em três ordens, a saber: quelônios (tartaruga, etc), sáurios (lagartos, etc.) e ofídios (serpentes).

Na sua qualidade de animais vertebrados possuem um esqueleto ósseo, pulmões alimentados por sangue arterial e estômago.

Os "ofídios", são desprovidos de patas, têm boca dilatavel, e lingua bifica; as espécies venenosas possuem glândulas segregadoras do veneno na parte interna do centro da maxila superior e ligadas por finos canais a dois dentes ôcos e moveis que, no momento em que o animal morde, atuam como uma agulha de injeção, inoculando o veneno. As serpentes quando mudam de pele deixam-na inteira a reproduzir o tamanho e forma do seu corpo.

Os "saurios" se caracterisam pelo corpo alongado terminando em cauda relativamente comprida; a pele é mais ou menos escamosa; têm quatro patas, olhos com palpebras, e maxilar com dentes.

Na ordem dos "saurios" o crocodilo é o maior de todos os reptis.

Os "quelônios", ordem à qual pertencem as tartarugas, são caracterizados pelo corpo encerrado em uma concha ou couraça composta de duas partes chamadas: a de cima, escudo ou casca dorsal, e a de baixo, casca ventral ou escudo esternal. Dessa concha, só saem, com relativa liberdade de movimentos, a cabeça, a cauda e as quatro patas.

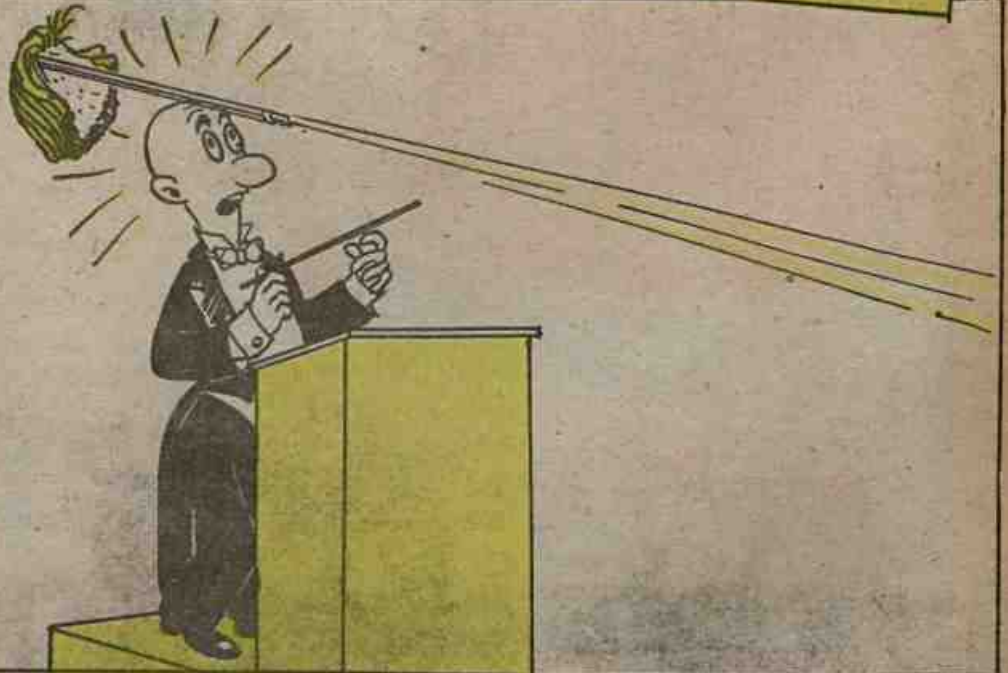
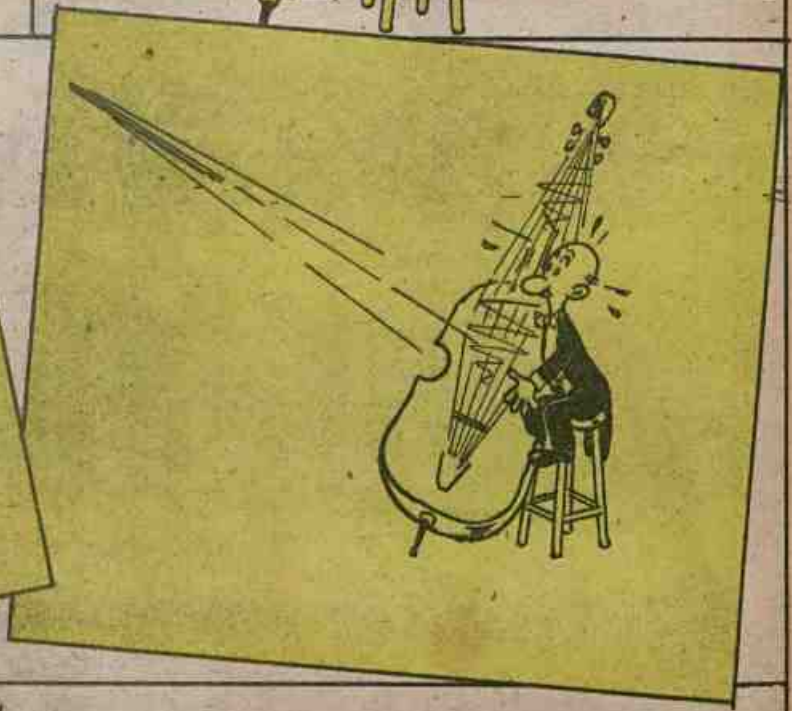
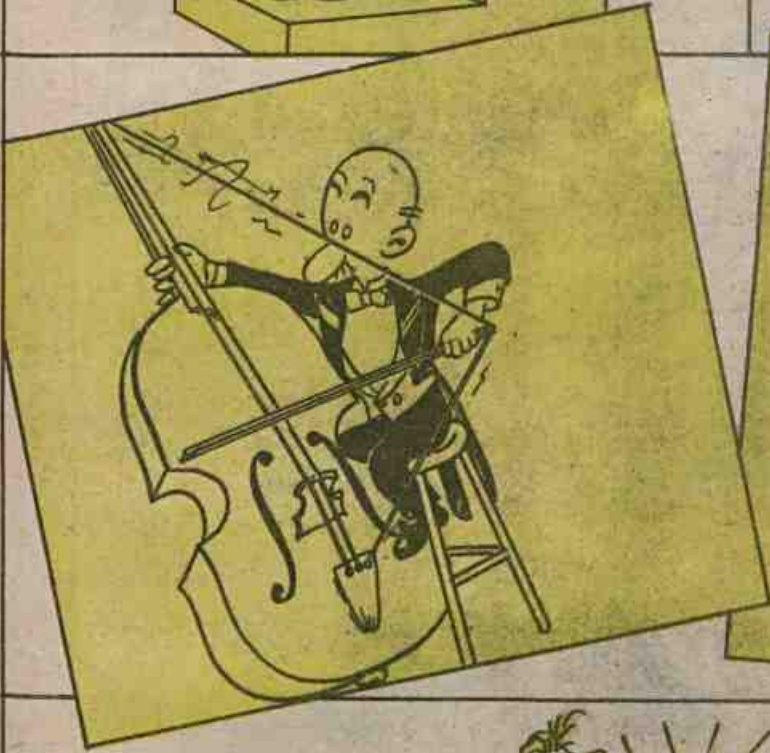
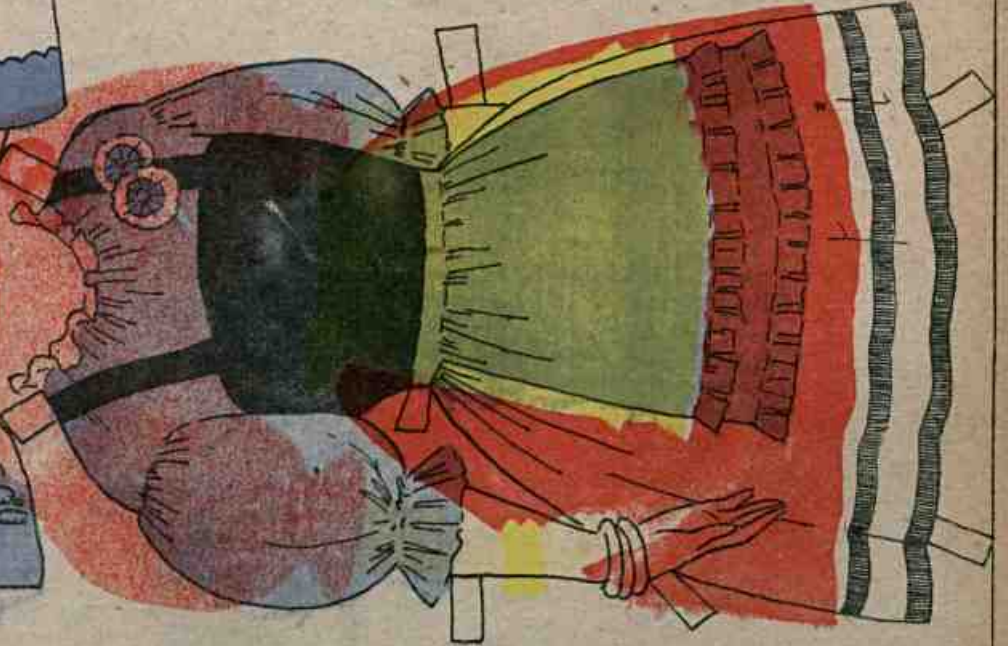
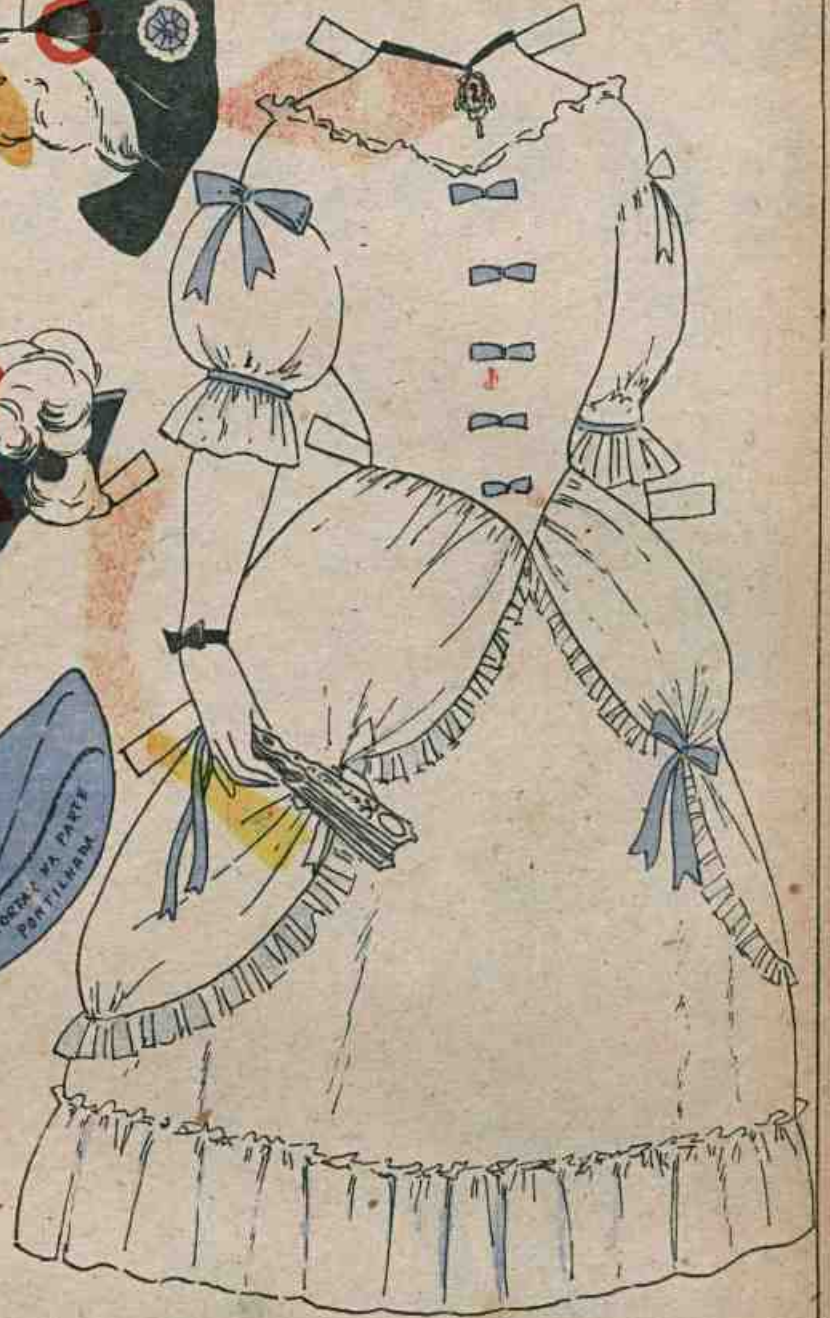
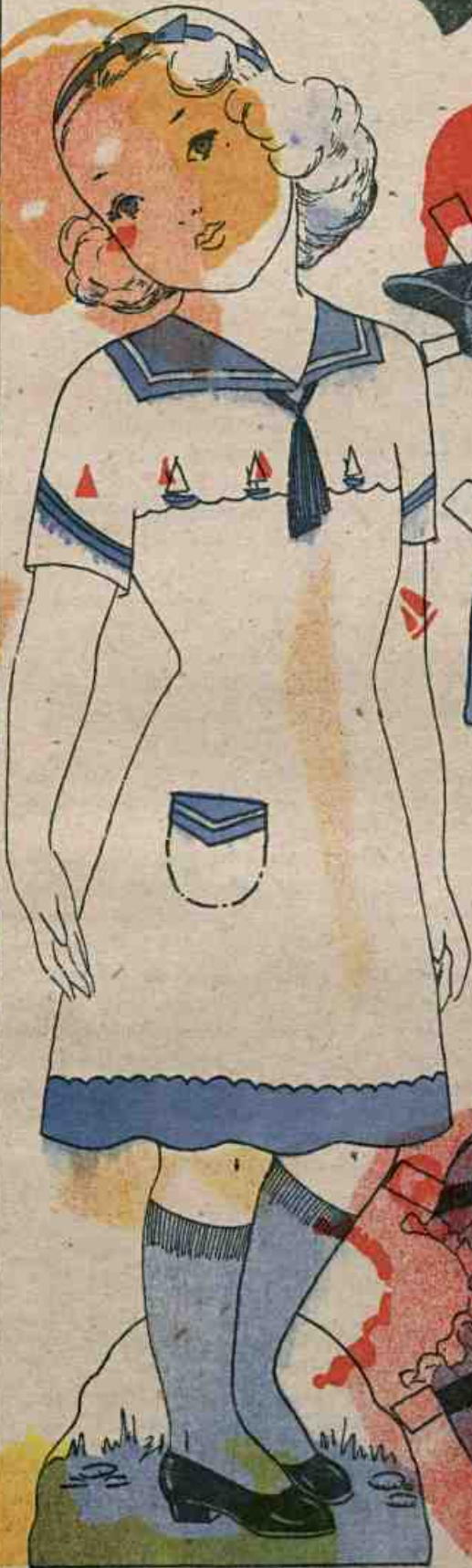
As patas são providas de mãos com unhas, que lhes facilitam um rápido andar em terra firme, e um esfacelamento da presa viva com que se alimentam, ou de mãos em fórma de remos, a fim de cortarem as águas onde costumam nadar.

De uma grande vitalidade, êsses animais resistem fàcilmente aos acidentes naturais que destróem a maioria dos outros animais que povoam a superficie da terra.

À parte o seu merecimento na destruição de animais nocivos, os reptis fornecem mais produtos à culinaria e à industria.

A carne da tartaruga e do grande lagarto iguana, é muito justamente apreciada; a pele dos crocodilos e de certas serpentes, depois de curtida, serve para o fabrico de calçados, estojos, carteiras, cigarreiras, etc.

CIPIÃO E O MAESTRO
POR VALDIR MOURA

PARA RECORTAR
E ARMAR
1
CALOMBRERO.

2
RECORTAR NA PARTE
PONTILHADA
CALOMBRERO.

O ASTRO ERRANTE

Tradução de M. M. EME

ANTIGAMENTE o senhor Sol e a senhora Lua eram muito amigos. O Sol era bom, amavel e expansivo para com suas amizades, apesar de sua elevada posição, enquanto que a Lua era uma senhorita pálida gorda e sentimental.

Tôdas as manhãs, quando o Sol saía e a Lua se recolhia para descançar, costumavam encontrar-se para conversar um pouco e trocarem impressões sôbre os últimos acontecimentos da noite.

O senhor Sol tinha uma filha chamada Aurora, muito bonita e um pouco orgulhosa. Estava muito acostumada a que todos elogiassem sua gentileza e seus dedos de rosa.

Aurora era mais ativa e diligente do que seu pai e sempre se levantava antes dêle para abrir as portas do palácio do Oriente e regar suas flôres. Também, gostava mais do progresso do que seu pai e até já havia desejado para sua carreira diária um avião ou mesmo um automovel, mas o bom senhor ainda muito agarrado aos costumes antigos continuava utilizando seu velho carro secular.

A senhora Lua tinha um sobrinho, uma estrela importante e que outra não era senão a Estrela d'Alva. Bonito, elegante e um tanto distraido.

Um dia, o Sol resolveu casar sua filha e para que a moça pudesse escolher um marido a seu gosto organizou um grande baile e convidou os astros mais importantes do firmamento e tôdas as suas amizades.

A Lua ficou muito contente, pois tinha esperanças de casar o seu sobrinho Estrela d'Alva com Aurorinha e, desta maneira, tornar-se parente de um personagem tão importante como o Rei Sol.

Chamou seu sobrinho e recomendou-lhe que fosse muito amavel para com a filha do Sol a fim de conquistá-la. O jovem, a principio, não gostou muito, pois a tal Aurora parecia-lhe insuportavel com sua poesia e sua presunção. Mas a tia convenceu-o com estas palavras:

— Vocês foram feitos um para o outro. Não vê que os dois levantam-se à mesma hora?

Então, o jovem prometeu conquistar Aurora, coisa que, levando-se em conta sua raça distinta e seus naturais atrativos, ser-lhe-ia facílima.

Chegou, afinal, o dia da festa. A Via Latea estava feericamente iluminada. Em seu palácio o rei Sol, sentado em seu trono de ouro, recebia os convidados com tôda amabilidade. Todos os raios da côrte ostentavam tochas muito vivas, iluminando assim à distancia a "giorno".

A festa — e como não? — esteve brilhantissima.

Aurora, vestida de rosa, estava muito bonita; a senhorita Neve chamou a atenção pela beleza delicada e pálida, mas, como era uma moça pouco alegre e expansiva em pouco seus admiradores e deixaram só com sua reserva glacial.

A senhorita Brisa, sempre amavel, agitava, graciosamente, seu leque de tule para refrescar sensivelmente a temperatura. As irmãs Nuvens estavam primorosamente vestidas de gase verde malva, branca e cinza pérola. As estrelas, deslumbravam de joias.

A senhorita chuva destoou um pouco da alegria geral, pois passou a noite tôda chorando muito e até lhe advertiram que se estava ouvindo seus lamentos como quem ouve

chover; refugiou-se então num canto com sua amiga e senhora Neblina, uma viuva inconsolavel, envolta em veus escuros.

O senhor Vento, um homem gordo e asmático, chegou resfolegando, como sempre, por haver subido tão alto e voltou voando porque tinha muita pressa.

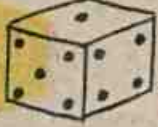
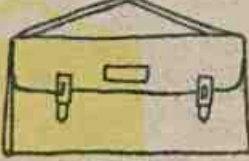
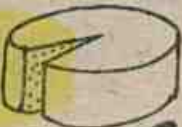
A entrada dos irmãos Tempo — o Bom e o Mau — causou enorme sensação, pois êles se davam tão mal que era raro vê-los juntos. O Bom Tempo esteve, segundo seu costume, amavel, risonho e um pouco sonso; enquanto que o Mau Tempo, pessimamente educado, cometeu até a imperdoavel grosseria de entrar coberto.

Desde o inicio da festa Aurora tinha postos os olhos num certo Astro de beleza e arrogância sem par e passou a noite "flirtando" com êle. No momento em que a orquestra, muito bem dirigida pelo ilustre Trovão, tocou os primeiros acordes do Rigodão de Honra, o sobrinho da Lua encaminhou-se para tirar a filha do Sol para dançar, mas, ficou muito desapontado, quando Aurora, desculpando-se delicadamente, saiu dançando com o Astro que, com razão, sentiu-se envaidecido com tal preferência.

O terminar a festa, Aurora chegou perto do seu pai e declarou-lhe que já havia escolhido um esposo; queria casar-se com o Astro; renunciaria ao firmamento e se encerraria para toda vida no convento das Trevas Negras, que é um dos maiores.

O Sol apressou-se a tomar informações do escolhido por sua filha e soube que êle era um principe estrangeiro de grande fortuna e que vivia em suntuoso hotel da Ursa Maior. Era um perfeito cavalheiro a quem nada se podia reprovar.

Então, o Rei Sol, reunindo todos os convidados, colocou a mão de sua filha na do seu futuro genro e anunciou para breve o casamento dos dois jovens. Aurora não cabia em si de contente e naquela hora não se teria trocado por ninguem.

Os presentes prorromperam em calorosos aplausos. Os relampagos, para comemorarem tão boa noticia improvisaram fogos de artificio, de côres variadas e muito lindas, causando admiração aos que assistiam a tão maravilhoso espetáculo.

Mas, no meio de tanta alegria só um convidado não tomava parte na satisfação geral — era a senhora Lua — Palida de raiva e de despeito apressou-se em desaparecer levando seu sobrinho, que também ficara desconcertado e que de bom grado teria lançado chispas de indignação, pelo que lhe tinha acontecido na festa.

Decidida a vingar-se e a impedir a realização daquelas bôdas, a Lua passou vários dias em claro, sem poder pregar olhos e quando chegava a noite estava tão cansada que tinha mais vontade de se recostar do que de percorrer o Firmamento.

Uma noite, teve uma idéia luminosa: pediu a uma nuvem que a ocultasse e, secretamente, foi ver um velho chamado Saturno, que tinha fama de feiticeiro e prometeu-lhe boa recompensa se conseguisse vingá-la e impedir que

(Conclue no fim do Almanaque)

Texto Enigmático

(Solução no fim da revista)

História de um Caracol

CONTO DE LAUSIMAR LAUS GOMES

O senhor Caracol, era uma dessas criaturas exquisitas que nunca se deixam mostrar de verdade. Como todos os habitantes do Jardim Botanico passeava ao sol, saia ás vezes para ver o céu azul nos dias luminosos e entretinha sempre alguma palestra com dona lagarta, sua vizinha mais chegada e mais conhecida. Dona Lagarta, magra, magra de fazer dó, tinha uma admiração profunda pelo senhor Caracol e lhe contava todos os seus planos. Um belo dia de primavera, quando os canteiros de violetas estavam exhalando o mais doce perfume, os dois se encontraram numa das alamedas do grande jardim.

— Bom dia, "sêo" Caracol. Vinha pensando, logo que o vi de longe, em combinar um plano com o senhor, para esta tarde.

— Bom dia, dona Lagarta. A senhora sempre encantadora e gentil...

— Qual! Isso é lá por sua conta! Ouça. Ia convidar a amiga para irmos aos canteiros de violetas, deliciar-mo-nos um pouco, com aquelas folhinhas macias.

O senhor Caracol, espichou-se um pouco e espiou em redor, para ver se, por acaso, o jardineiro andava por alí. Depois olhou para dona Lagarta e disse:

— Está combinado. Passaremos a noite num magnífico banquete!

— E assim fizeram. No dia seguinte pela manhã, muito cedinho, o guarda do Jardim Botânico ficou espantado quando viu as lindas folhas dos canteiros de violetas transformadas em folhinhas rendadas.

Foi depressa chamar o jardineiro, que veio correndo para dar um castigo a quem tivesse feito tamanha maldade.

Antes, porém, o senhor Caracol, que se fingia tão amigo de dona Lagarta, saiu por entre as folhinhas, muito de mansinho, enfiou-se dentro de sua carapaça e lá se foi, deixando dona Lagarta quase estourando de tanto comer.

Quando o jardineiro chegou, não encontrou mais ninguem, a não ser dona Lagarta, espichada em cima de uma folhinha nova.

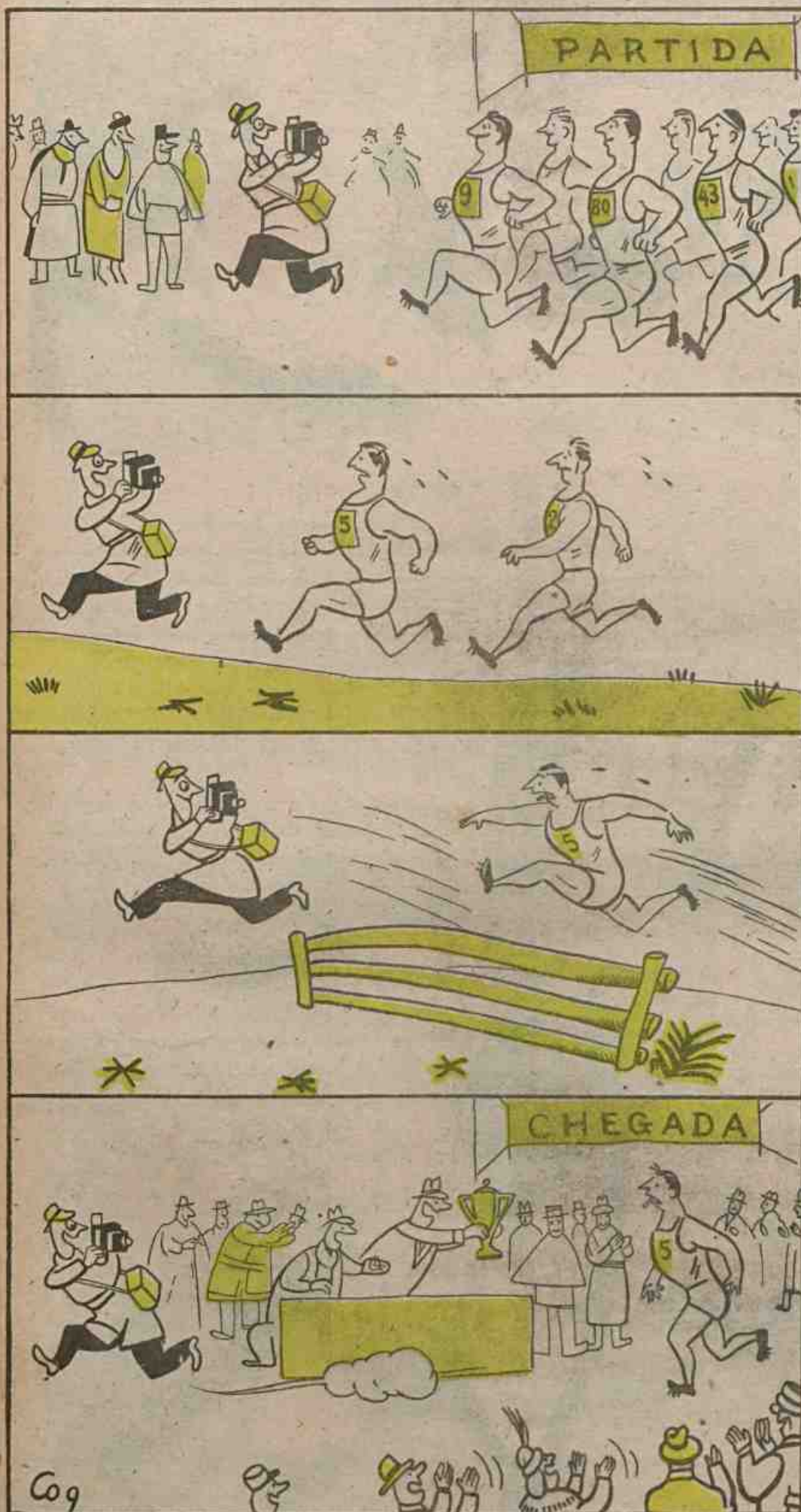
Cortou-a ao meio e enfiou-a na terra preta. O senhor Caracol, lá de longe, vendo o jardineiro abaixado sôbre o canteiro, ria, ria sòzinho, advinhando o fim da companheira de banquete.

ASSIM como êsse Caracol, meninos, existem companheiros que inventam peraltices perigosas e fogem depois, deixando o colega ser castigado sòzinho. São os maus companheiros, que devemos saber distinguir dos bons, a fim de os evitar. As más companhias são sempre perigosas.

W. B. MAIA

O FOTÓGRAFO e o CAMPEÃO

SIMBOLO AURI-VERDE

MARTINS FONTES

EM sua comitiva ao Alto Purús, para estabelecer as linhas, limitrofes entre o Brasil e o Perú, foi forçado o grande Euclides da Cunha a cortar relações pessoais com o engenheiro-chefe da missão peruana.

De relações cortadas viajavam e trabalhavam. E assim alcançaram a vila que, nas cabeceiras do Purús, é o ponto divisório entre os dois paises. A comissão peruana, para festejar a chegada ao seu território, resolveu dar uma recepção confraternizante. Euclides, convidado oficialmente, desde logo, com espanto e desagrado, notou a falta da bandeira brasileira, única entre todos os pavilhões sul-americanos, não existente ali. Unindo, porem, as bandeiras, como adorno, realçava-se uma palma, conhecida na Amazônia pelo nome de Independência, por ser verde de um lado da folha e amarela do outro. Essa formosa planta ornamental era um enfeite apenas Mas o grande Euclides da Cunha, percebendo a desconsideração, dirigiu-se imediatamente à mesa central e, empunhando um copo dágua, disse aos peruanos estas palavras cálidas e altivas:

— Agradeço, Senhores, a homenagem que prestais ao Brasil, colocando a sua bandeira nesta sala, como traço de união entre todos os paises sul-americanos. Não! Obrigado! Fostes buscá-la no seio da floresta americana, numa palma gloriosa, unma to rasga, que o tempo destrói. Não. Obrigado. Fostes buscá-la no seio da floresta americana, numa palma gloriosa, numa planta imortal, porque o Brasil é bem como a Palmeira, o simbolo da retidão e da altura.

O DR. PROVATUDO

DEPOIS DE TANTOS ESTUDOS ACHO QUE É TEMPO DE FAZER EXPERIENCIAS

COMPREI UM LABORATÓRIO COMPLETO. VAMOS, AGORA, À OBRA

JUNTEMOS H²O + HG OX / KO². QUE MISTURA DARÁ?

ISTO É UM BOCADO PERIGOSO

VAMOS TENTAR UM NOVO GENERO DE EXPERIENCIAS

HM! SERÁ QUE DESCOBRI UM NOVO MICRÓBIO?

QUERO VER SE DESCUBRO O ÁTOMO

MISERÁVEL! NÓS OS ÁTOMOS VIVIAMOS TÃO BEM JUNTOS E AGORA QUEREM NOS SEPARAR
VAMOS BOMBARDEAR O PROFESSOR

ELETRONS
Hjantok

O CACHORRO ELÉTRICO

Coleção Seth
LIVROS E ÁLBUNS QUE ENSINAM POR MEIO DO DESENHO
Para crianças e jovens
HISTÓRIA PÁTRIA
GEOGRAFIA
DESENHO
ARITMÉTICA
ETC.
NOSSO MUNDO
MEU BRASIL
COLEÇÃO SETH
PRIMEIRAS LETRAS
PRIMEIROS TRAÇOS
DESENHO
SETH
NOSSO MUNDO
Um lindo volume de 46 páginas, com ensinamentos sôbre Geografia elementar. Sétima edição. Noções seguras de Cosmografia, Geografia humana, produções, divisão politica da Terra. Várias páginas sôbre o Brasil. PREÇO CR$ 7,00
MEU BRASIL
Album fartamente ilustrado focalizando homens e fatos de nossa Pátria. Resumo dos principais eventos históricos, do Descobrimento até os dias atuais. 7a. Edição. PREÇO CR$ 8,00
PRIMEIRAS LETRAS
Cartilha para principiante, com 300 desenhos, método altamente prático e elucidativo para ensinar a lêr. 17a edição. PREÇO CR$ 4,50
JOÃO E MARIA
Primeiro livro de leitura gradativa, cheio de interêsse para a criança. Fartamente ilustrado, com sólida encadernação. PREÇO CR$ 6,00
PRIMEIROS TRAÇOS
Ensino racional e prático do desenho, com orientação no texto. Otimo auxiliar para as escolas profissionais. Desenho decorativo e ornamental. 13a edição. PREÇO CR$ 3,50
PRIMEIRAS REGRAS DO DESENHO
Um conjunto de conselhos práticos, sôbre a arte de desenhar, aos iniciantes do curso secundário e aos jovens com pendor especial para arte. 2a. edição. Farto texto explicativo e numerosos exemplos práticos. PREÇO CR$ 8,00
DISTRIBUIDORES
S. A. "O MALHO"
Rua Senador Dantas, 15 – 5º — andar — RIO
ATENDEMOS A PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Os Dois Porteirinhos

BOB e Tom eram dois *grooms*, ou porteirinhos do *Nectar-Restaurant*.

Na realidade, chamavam-se êles Pedro e Paulo, mas tinham adotado aqueles nomes, mais simples, por ser mais fácil a um hóspede guardar um nomezinho curto do que outro mais comprido.

O serviço de ambos era o mesmo: abrir as portinholas dos carros, segurar as bandas das portas do restaurante e retirar os sobretudos e capas dos fregueses.

Bob trabalhava pela manhã, até às duas horas, quando chegava Tom, para substituí-lo, indo até ao fim do dia de trabalho.

Ora, aconteceu que, um dia, Tom, muito excitado, veio pedir ao colega que lhe prestasse um favor:

— Escuta, Bob — disse êle — quero-te pedir um grande obséquio. Queres-me ceder o teu posto, a tua hora de trabalho depois de amanhã pela manhã? Eu precisava tanto estar livre à tarde ... És um bom camarada ...

— Por que? Podes me dizer? — indagou o outro. Foste, acaso convidado para alguma reunião sensacional?

— Justamente — confessou Tom. Ganhei de presente uma cadeira para um Circo, onde trabalham acrobatas formidáveis. Foi um deles, justamente, quem me deu a entrada, porque eu lhe restituí uma cigarreira que tinha perdido aqui. Para me recompensar êle me deu uma boa gorgeta e um ingresso ...

— Bem! Estás com sorte! — exclamou Bob, sacudindo a cabeça.

— A mim nunca acontecem coisas assim!

— Então? Conto contigo? — insistiu Tom, ansioso.

— E o patrão? Que dirá êle?

— Ora! O que êle quer é que haja aqui um porteiro de plantão,

A Salamandra

Segundo crença muito difundida, o animal chamado salamandra resiste à ação do fogo e não se queima. Entretanto, isto é absolutamente falso; o que acontece é que, se uma salamandra cai dentro do fogo, brota do seu corpo um liquido esbranquiçado, o qual lhe permite resistir por algum tempo à ação das chamas.

e nem vai reparar se és tu ou sou eu!

— Pois bem: está dito, concordou o menino, com um gesto largo. — Não vás depois dizer que não sou camarada!

Graças à complacência de seu camarada, Tom passou uma tarde divertida. Mas, como não era um menino egoísta, apesar de se estar divertindo sentia certo remorso, por gozar sòzinho aquela oportunidade.

— Ah! — pensava êle — Que pena Bob não estar também aqui!

Logo, porém, descobriu um meio de arranjar tudo. Tendo reconhecido, entre os clientes do restaurante, o famoso artista circense que lhe tinha dado a entrada gratuita, correu a agradecer-lhe, com o mais vivo entusiasmo, elogiando muito o espetáculo visto.

— Muito bem! — fez o interlocutor. — Quer dizer, então, que gostaste devéras? Ficaste completamente satisfeito?

— Bem ... Quanto a isso ... não ... — retrucou Tom, balançando a cabeça lentamente, com ar triste. — Gostei, apreciei muito, mas senti muito remorso ...

— Remorso?! — interrogou o artista, ao mesmo tempo divertido e intrigado.

— Pois é ... — explicou o *groom*. — Enquanto eu ria, bem acomodado na poltrona, pensava cá para mim no meu pobre colega Bob, que me substituiu, e estava trabalhando por mim ... E isso me tirava metade do prazer!

— Vejamos, vejamos! — replicou o acrobata, rindo. — Estou vendo onde é que queres chegar ... Pois bem: aqui tens outra entrada, para o teu colega, e espero que ela te aplaque os remorsos todos ...

É fácil de compreender a alegria dos dois meninos.

Mas não é fácil dizer qual dos dois ficou mais contente, se o que teve assegurada a sua vez de ir ao Circo ou o outro, que conseguira a entrada para o amigo.

O que é certo é que, a partir de então, os dois garotos se fizeram amigos ainda mais dedicados, para o resto da vida. Porque a verdade é que os belos gestos solidificam verdadeiras amisades.

VOCÊ SABIA?

A ave do paraiso era desconhecida na Europa até o ano de 1863, quando o explorador inglês Wallace depois de sua última viagem à Nova Guiné, levou para o velho continente dois exemplares dessas aves, que muito chamaram a atenção por sua magnifica plumagem.

•

Segundo Casteret, que realizou estudos sôbre a matéria, as cavidades subterraneas maiores do mundo são: a do Mamute, nos Estados Unidos, com 100 quilômetros de extensão; a de Carlsbad, com 50 quilômetros; a de Eisriestwelt, na Alemanha, 30 kms; e a de Postunia, na Italia, 23 kms.

•

Cada religião dá nome diverso aos templos onde se celebra seu culto. Assim, os israelitas o chamam sinagoga; os budistas, pagode; os muçulmanos, mesquita; e os cristãos, catedral, igreja, basilica, oratorio, capela, ermida e santuario.

•

A primeira pessoa que atravessou o Canal da Mancha a nado foi o capitão Webb, que realizou essa façanha em 24 de Agosto de 1875.

Peixes vermelhos

ASSIM como existe o rei do aço, do carvão e do petróleo, também existiu em São Francisco, há muitos anos, o rei dos peixes vermelhos. Era este um japonês chamado Murata, que ganhava mais de 50.000 dolares por ano vendendo peixes vermelhos, no mundo inteiro, pois possuia cerca de ... 80.000 peixes dessa qualidade.

O Calvario

EM hebreu Calvário é Gólgota e quer dizer *cabeça calva*. A origem deste nome tem sido muito discutida. Uns dizem que esta montanha foi chamada assim porque o seu cume é arido e sem vegetação. Outros dizem que é por ter a forma redonda de uma cabeça de homem e outros finalmente, dizem que é porque ali eram vistos crâneos embranquecidos de criminosos que tinham sido condenados à morte. Qualquer que seja a origem deste nome, Gólgota era o lugar comum onde a Justiça judia executava suas sentenças.

Depois do dia da Redenção, êsse lugar de torturas passou a ser para os cristãos objeto de veneração.

UM PEDAÇO DE PÃO

GUSTAVO KUHLMANN

QUEM diria que, sobre um pedaço de pão,
Nos desse o professor tão sublime lição!

À hora da merenda, um colega peralta,
Em cuja casa pão, com certeza, não falta,
Bateu na mão de um outro... e o pão que este comia
(Um pedaço de pão sêco, já de outro dia)
Lá foi parar no chão, sujando-se de pó...
— Sorria o malfeitor sem ter ao menos dó...
Do pobre coleguinha... — O professor, passando
Ali, viu o incidente e foi-se aproximando
Seguido, logo após, de uma curiosa escolta
Que, chegando ao local, postou-se toda em volta.
O mestre disse então: — "Bastante me constristo
Porque um aluno meu chegasse a fazer isto;
Aluno é, para mim, como se fosse filho;
Grande mágua, se alguem deixa o correto trilho!"
Parando de falar, então, olhou o pão...
E prosseguiu, depois de uma pequena pausa:

— "Meus filhos, este pão vai vos servir de causa
De uma lição, talvez, p'ra vossa vida inteira...
Este pão representa a condição primeira
De toda a vida humana: — alimento e trabalho!
Este pão nos sustenta e já deu agasalho
Primeiro ao lavrador que cultivou o trigo;
Ao moleiro, depois, que tem o seu abrigo
Fabricando a farinha. Em seguida ao padeiro
Que amassa e faz o pão. Vem ainda o forneiro,
E mais o lenhador que a lenha lhe fornece,
Com a qual, a queima o forno logo aquece...
E tantos outros mais, de papéis secundarios,
No fabrico do pão! Oh! quantos operarios,
Lutando contra a fome, em trabalho constante,
Gastaram, do seu corpo, a energia possante
— Banhados em suor, caidos de cansaço —
Para fazer, enfim, este simples pedaço
De pão! Ai! bem cruel é quem o deita fora.
No seu peito decerto a gratidão não mora!
Ah! meu filho! bem vês que a tua irreflexão
Foi ingrata e cruel para com êste pão!
Não faças isso mais, este menino é pobre!
Não lhe deves tirar o pão que o escasso cobre
Lhe concedeu" — Assim falou o professor,
Cheio de reflexão e de calma e de amor.

E o menino peralta, a lhe pedir perdão,
Jurou que nunca mais desprezaria o pão!

O PICA-PAU E A ARAPONGA

POUCO tempo depois da formação do mundo, no tempo em que os bichos falavam, certa araponga teve vontade de aprender música.

Ela invejava o sabiá, o rei cantor; a patativa; o curiol e todos os pássaros cantadores da mataria. Com que prazer ficava, horas esquecidas, debaixo de algum ipê florido, ouvindo gorgêios ou trinados de passarinhos!

— "Hei de aprender música" — dizia ela e, um dia, depois de ter guardado num ninho abandonado algumas economias, resolveu procurar quem lhe ensinasse cantigas ligeiras e doces canções.

Aí é que surgiu o problema: pensou no sabiá, mas o sabiá era um sábio! Morava em apartamento — pousava nos ramos altos das árvores — e, por certo, cobraria um dinheirão por algumas aulas.

— Não! Não serviria!

E o canário?

O canário também não serviria. Era um estrangeiro, um exquisitão que só vivia em gaiola. Como poderia ela estudar vendo o professor prêso?

— Dá-me uma tremura, quando vejo gaiola! — suspirava a pobre.

A araponga levou muitos dias, passando pela memória os possíveis explicadores. Não conseguiu, porém, chegar a um acôrdo consigo mesma. Recorreu aos amigos, aconselharam-lhe os mesmos, mas, já desanimada, encontrando-se com um jaburú perguntou, só por perguntar ...

O jaburú, como grande pensador, enfiou a cabeça debaixo da asa e começou a pensar, a pensar ...

A araponga esperou e, vendo que a resposta demorava, foi tratando de encher seu papinho com uns mosquitos que voavam ali por perto e com umas larvinhas de páu pôdre.

Passado muito tempo o Jaburú lhe disse que um bom mestre de música devia ser o Pica-Pâu. Ritmo com êle era ali! Nada de sair do compasso: tau ..., tau ...

A Araponga encheu-se de alegria! Tinha se esquecido daquele e êle serviria.

Dali mesmo, dirigiu-se à casa do seu futuro professor, que não ficava longe — era logo ali perto de um pau-darco no tronco de uma velha árvore tôda furada.

Lá chegando, encontrou o mestre compondo uma música daquelas que só êle mesmo sabe fazer.

Foi convidada a entrar, aceitou, e, quando saiu, era aluna do grande maestro. No dia seguinte, à tardinha, deveria tomar a primeira lição.

Na hora exata a Araponga lá estava e levou muitos dias e meses frequentando, pontualmente, as aulas.

Quando o verão chegou, já solfejava bem: era o sol esquentar, a lição começava e ela ficava tôda embalada diante da batuta — o nariz do explicador — e da música:

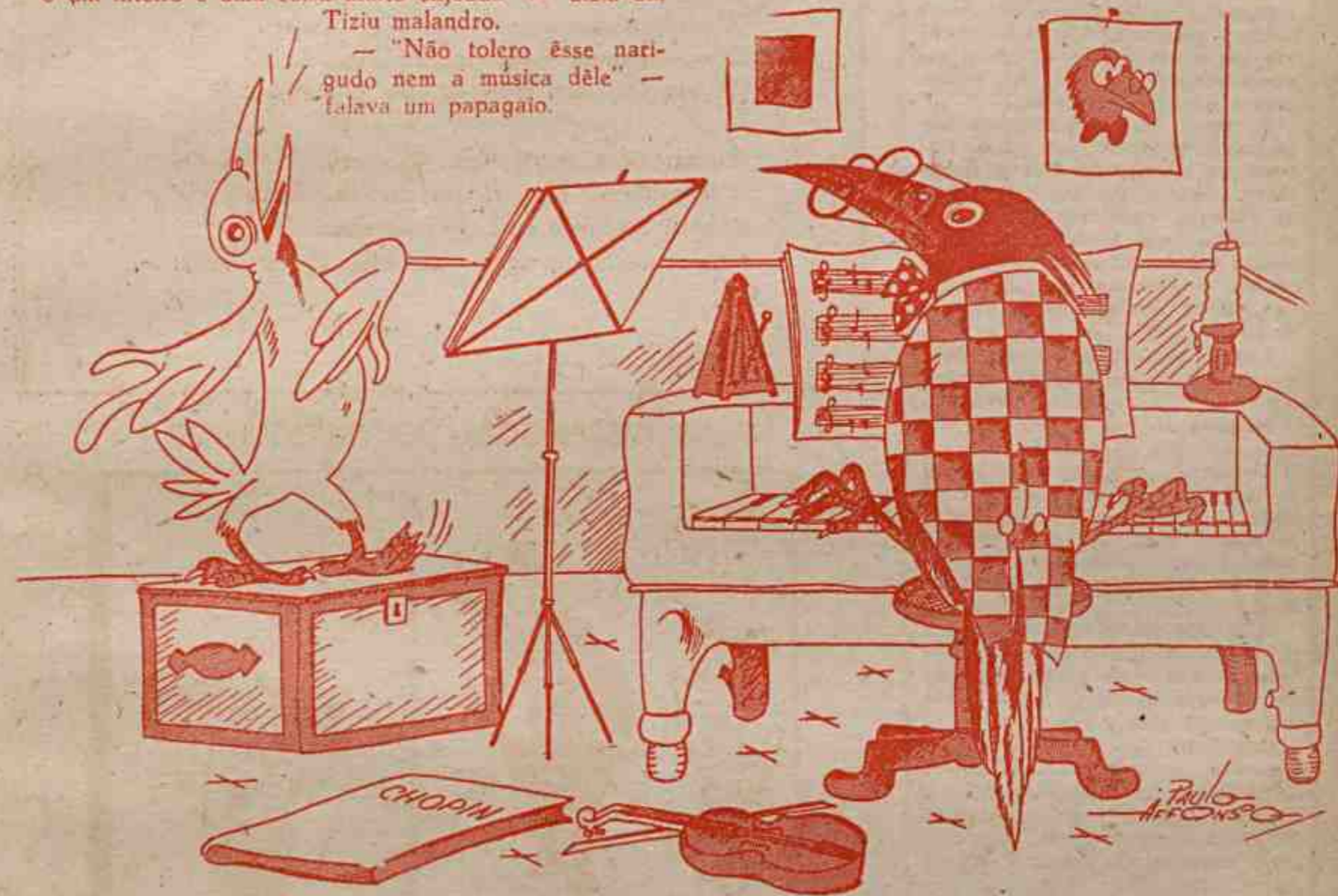
dó, ré, mi, fá, sol, mi, fá, dó ... dó ... dó ...

Dentro de pouco tempo a Araponga cantaria qualquer cousa e, quem sabe não comporia algumas canções para um recital que daria no teatro da mata, todo cheio de camarotes de veludo? ... Oh! quero dizer ... de musgo.

Seria uma maravilha!

Acontece, porém, que a vizinhança, antes mesmo do Pica-Pâu tomar a Araponga por aluna, não o tolerava!

— "Esse negócio de pica páu, pica páu, pica páu, o dia inteiro é uma coisa muito enjoada" — dizia um Tiziu malandro.

— "Não tolero êsse narigudo nem a música dêle" — falava um papagaio.

Esses ainda eram bons, porque só se queixavam ... O pior para o mestre e para a aluna é que, entre os vizinhos mais próximos, estava um macaco esperto e inteligente como ninguém, com uma filharada! Ele suportava o maestro, porque tinha aprendido aquêle ditado: "Macaco, olha o teu rabo" e tolerava, por isso, os defeitos dos outros. Mas, quando viu que o Pica-pâu começara a arranjar alunos exclamou:

"Também isto é demais! Não se contenta com o incômodo que nos dá e arranja mais!

Assim não pode ficar!"

Daí por diante o nosso macaco começou a matutar como poderia dar uma lição no vizinho importuno.

Pensou, pensou e descobriu.

Uma tarde ... dessas em que pega fogo até no mar, a Araponga bem repimpada com o maestro no tronco ôco da árvore em que êste morava, dava a sua lição. E o som, saindo pelos inúmeros buracos do tronco furado era como se saísse de uma gruta dessas que fazendo eco.

Sol, si, sol, si, si ... — solfejava a cantora.

Ah! Não foi nada! o macaco chamou dez ou doze filhos e, explicando a cada um, com muitos jeitos e trejeitos, o que deviam fazer, agarrou um cipó e lançou-se no espaço, rumo à árvore onde se alojavam os cantadores. Os filhos o acompanharam.

Cada um tapava os buracos que podia, com cascas de páu, de modo a não sair som nenhum e o mais velho, levando uma pedra de mais de quilo e uma enxada velha, aproximou-se da entrada.

Ali, quando todos os buracos já estavam fechados, esperou êle que a Araponga, reiniciasse a xaropada. Daí a pouco, lá veio: sol, si, si, si, ... Foi uma vez só!

O macaco deu uma pancada tão forte na chapa de ferro que esta rachou-se ao meio.

A aluna e o mestre voaram atordoados, fugiram e tão atordoados ficaram que perderam a fala. Perderam, não! Ainda dizem alguma coisa: o Pica-pâu marca, da manhã à noite, o compasso que marcava, naquele dia — pau ..., pau ... e a Araponga conta, tantas vezes quantas pode, a história:

Eu solfejava "sol, si, sol, si, si ..." quando ouvi uma pancada "tan!!!"

ARTUR DE CASTRO BORGES

FARADAY

O humilde inicio da sua carreira de sábio

Ignoramos, meus amiguinhos, si se poderá compreender bem toda a amarga tragedia da anedota — tão insignificante, tão logica na opinião de muitos — que rasgou o horizonte cientifico de Faraday.

Faraday era filho de familia pobre. Sua vocação se fez sentir com extraordinaria precocidade. E com a vocação se deixava sentir tambem, cruelmente, a falta de recursos para alimentá-la.

Faraday se julgava a si mesmo nobre e generoso, "Penso — escrevia ele a um amigo — que a ciencia deve fazer generosos e nobres a quantos a cultivam".

E nessa época, quem, na Inglaterra, passava por mais homem de ciencia do que o fisico Davy, diretor do Instituto Real da Ciencia, cumulado de honras, solicitado pela aristocracia, enaltecido pelos centros cientificos do mundo inteiro, ao mesmo tempo homem de laboratorio e homem de sociedade?

Não havia dúvida: Davy seria a salvação de Faraday como, anos antes, em análoga situação, D'Alambert o havia sido do jovem Laplace. Como Laplace a D'Alambert, sem conhecê-lo, o jovem Faraday escreveria uma carta — como seria eloquente e persuasiva essa carta! — ao onipotente Davy, pedindo-lhe um lugar no laboratorio do Instituto Real.

Si a ciencia torna generosos e nobres a quantos a cultivam, Faraday devia pensar com suavidade evangélica: quem mais nobre e generoso do que Davy?

Pois bem: Davy leu desdenhosamente a carta de Faraday. Quando um seu ajudante foi lhe anunciar que o jovem signatario da carta esperava pela resposta, Davy esperou um pouco e depois assim falou:

— Bem. Ponha-o a lavar as vasilhas do laboratorio. Mais tarde veremos...

Eis como o descobridor das leis da indução eletro-magnetica, que, tempos após devia ser o sucessor do grande fisico Davy, entrou para o Instituto Real de Ciencia.

Davy, é verdade, compreendeu (porém já muito tarde) a envergadura do rapazinho a quem primeiro mandára lavar vasilhas, tarefa essa que Faraday, sem duvida, desempenhou com o entusiasmo e a perfeição que os sabios sabem pôr em tudo quanto fazem.

Entretanto, conta Dumas, quando Faraday falava de Davy, suas palavras denotavam sempre um preito de comovida admiração.

Como Faraday era nobre e generoso, meus amiguinhos!

PARA DECLAMAR:

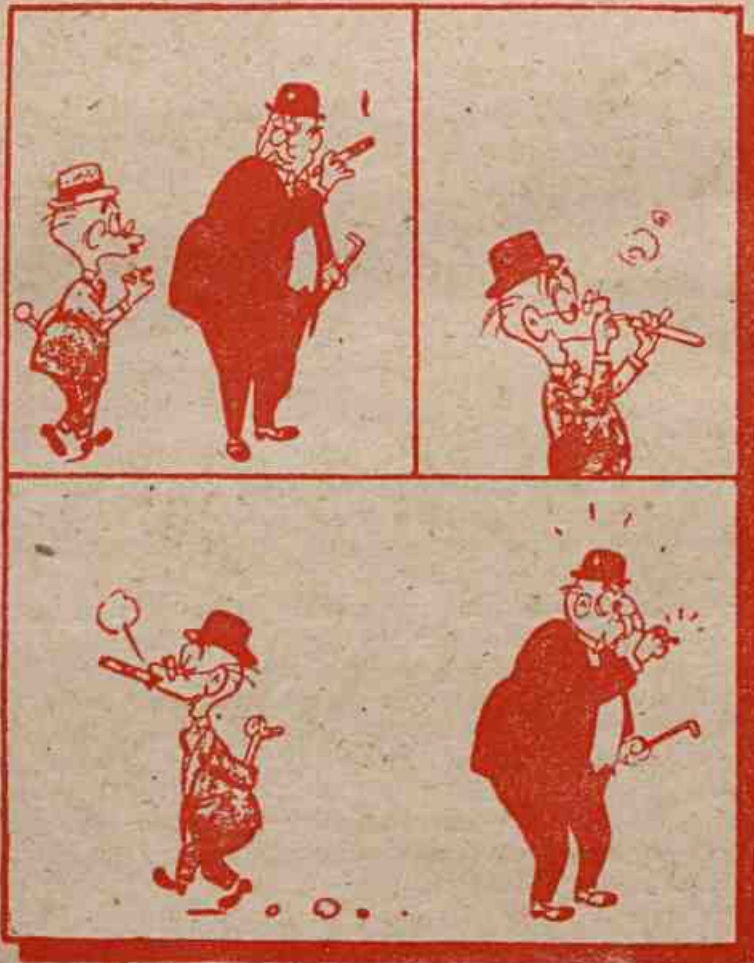
DEUS

Eu me lembro! Eu me lembro! Era pequeno
E brincava na praia; o mar bramia
E, erguendo o dorso altivo, sacudia
A branca espuma para o céu sereno.

E eu disse a minha mãe nesse momento:
"Que dura orquestra! Que furor insano!
Que póde haver maior que o oceano,
Ou que sêja mais forte do que o vento?!"

Minha mãe, a sorrir, olhou pr'os céus,
E respondeu: "Um ser que nós não vemos
E maior do que o mar que nós tememos,
Mais forte que o tufão, meu filho... E Deus!"

Casimiro de Abreu.

AS DISTRAÇÕES DO PURESTENSO

— Bonito!! Levou-me o havana!!

Historieta muda

Rowland Hill e o sêlo postal

SIR. Rowland Hill nasceu na Inglaterra em 3 de Dezembro de 1795 e, filho de pais pobres, desde cedo se entregou ao estudo de problemas que trouxessem o engrandecimento de sua pátria. Aos trinta anos, estabeleceu-se nos arredors de Londres, fundando uma escola de estudos comerciais e aí fez publicar três trabalhos, frutos do desejo de ser útil à humanidade: — um plano para extinção da pobresa, outro para a diminuição do índice criminal e, finalmente uma memória sobre a colonização da Austrália Meridional.

A organização postal da Inglaterra, nêsse tempo, prendeu a atenção de Rowland Hill.

No seu país, os serviços postais eram deficientes, como no resto do mundo, aliás.

As taxas do correio eram exorbitantes e cada carta pagava de porte, no destino, uma importância elevada, que variava de acôrdo não só com a distância a percorrer como com o número de folhas que contivesse.

O pêso da correspondência não era levado em consideração. Isso induziu Rowland Hill a publicar um plano de reforma postal, cuja base era a instituição do — porte único — para todas as cartas, regulado pelo pêso de cada uma e independente da distância que tivesse a percorrer.

A idéia do porte único determinou o pagamento prévio desse porte e, como consequência, a criação do sêlo ou estampilha postal. Os resultados da idéia de Rowland Hill, logo que aplicada, foram imediatos. Dentro de pouco tempo todos os países do mundo adotaram o sêlo postal.

Dizem que a idéia da reforma postal inglêsa proposta por Rowland Hill teve origem no seguinte fato: — Estava Rowland Hill de visita numa casa dos arredores de Londres quando ali chegou um estafeta do correio com uma carta dirigida a uma empregada da casa. A empregada, tomando a carta das mãos do carteiro, mirou-a demoradamente, devolvendo-a, em seguida ao estafeta e dizendo a êste não a querer receber por não possuir a importância que devia pagar pelo transporte. Rowland Hill, que a tudo assistira, compadecido, fez o pagamento do transporte, embora a destinatária várias vezes lhe dissesse não ser preciso o favor. Quando o estafeta se retirou, a criada explicou a Rowland Hill que a carta só continha um pedaço de papel em branco, **pois, dado o preço excessivo do porte, havia ela combinado prèviamente com o irmão que lhe mandara a carta, fizesse sinais convencionais no envelope, informando-a do seu estado de saúde.**

Vamos desenhar

A Ignorancia de Pasteur

PRESSINTO a indignação dos meus pequeninos leitores ao lerem êste título. Como se atreve a chamar de ignorante o sábio Luiz Pasteur, o homem que nos deu a vacina contra a raiva, o homem que nos ensinou a pasteurizar o leite, o celebérrimo químico francês, pai da soroterapia moderna?

Eh! esperem, meus meninos e meninas. Eu não pus dúvida na sabedoria dêsse admirável e grande pastor da ciência.

Foi um outro sábio francês chamado João Henrique Fabre, um naturalista que não necessitava, como eu, de copiar textos para escrever sôbre as observações que o mesmo fazia. Fabre chamou Pasteur de ignorante, mas não com intenção de insultá-lo e sim no sentido carinhoso e laudatório.

Agora vejamos a anedota:

Os bichos da sêda de Provença morriam aos milhares, sem remédio, vitimados por terrivel praga. As autoridades chamaram Pasteur urgentemente, pois já se tornara famoso com suas descobertas. E Fabre, o ameno entomologo (entomologia é a parte da Zoologia que se ocupa dos insetos) foi o encarregado de guiar Pasteur e fazer-lhe as honras da casa.

Conta Fabre, em um capitulo de sua admiravel obra "Recordações Entomológicas" que quando Pasteur pegou um casulo do bicho da sêda, disse em quanto o agitava na mão: "Mas, isto tem algo dentro!" Esse "algo" era, nem mais nem menos, como vocês sabem, o cadaver da crisálida. Vocês já sabem o bicho da sêda é a larva ou lagarta da borboleta chamada bombix, bicho que fabrica o casulo e se metamorfoseia em crisalida e depois em borboleta. Antes da lagarta romper o casulo e sair os criadores sacrificam o animalzinho metendo-o em água fervendo.

Pois bem, Pasteur não tinha conhecimento de tal cadaver ou já o havia esquecido. Fabre comenta a ignorância do genial biologo e diz que antes de completar um mês já tinham encontrado o remédio contra a enfermidade dos bichos da sêda. Estava assim salva a rica indústria da sêda francesa.

Pasteur, como todos os sábios que se dedicam inteiramente aos seus estudos e estão sempre pensando nas suas invenções, era muito distraido.

Contam que êle, certa vez, numa refeição, depois de falar sôbre os micróbios que havia na água em que tinha lavado as uvas, bebeu essa mesma água.

Assim, a ignorância acêrca da vida e da metamorfose do bicho da sêda uniram-se à habitual distração de Pasteur.

E.S.

QUADROS DA HISTÓRIA PÁTRIA

POR LEONOR POSADA

(Continuação do Almanaque para 1948)

OS JESUITAS

O trabalho dos jesuitas
foi um trabalho de amor;
eram sábios catequistas;
eram servos do Senhor.

Para o indio embrutecido
tinham o nome de Deus;
e a um gesto desabrido,
o perdão, olhando os céus . . .

Estudaram do selvagem
a vida, a lingua tupi . . .
Rezavam nessa linguagem:
nhengatu ou guarani.

Suas palavras, direito,
iam sempre ao coração

do indio esquivo, imperfeito,
a que chamavam de — irmão!

Tomavam sempre a desfesa
do selvagem. Muita vez
exprobaram a crueza
do colono português.

As crianças ensinavam
com muito carinho e amor;
os enfermos consolavam
sempre em nome do Senhor.

Nas lutas com os invasores
serviram té de refem . . .
Se sofreram muitas dores
sofreram fome também . . .

Foram muitos: Anchieta,
Manuel da Nobrega . . . mais
o estudioso Aspilcueta . . .
Por que os nomear, se tais

foram os bens que fizeram
à nossa terra louçã,
que só eles mereceram
a glória dessa manhã,

em que, pela vez primeira,
na mais doce e pura unção,
veio a infancia brasileira
à mesa da Comunhão?!

OS BANDEIRANTES

Seguindo a própria ambição,
foram os bandeirantes
os primeiros desbravantes
do nosso sertão.

Para o Norte, à direção,
uns, em grandes grupos iam . . .
Os indios domar queriam
pela escravidão.

Outros, em pós o filão
das pedras o ouro sonhados,
ao Sul seguiam ousados
numa outra missão.

A frente ia um pavilhão
que tinha: ou da pátria as côres,
ou na fé, os resplendores
do emblema cristão.

De espigão em espigão
iam os fracos deixando
e êstes ficavam formando
uma povoação.

E assim, seguindo a ambição,
foram os bandeirantes
os primeiros desbravantes
do nosso sertão.

FERNÃO DIAS PAIS LEME

Foi Fernão Dias Pais Leme
bandeirante pertinaz.
Penetrou, velho, nas selvas
seguindo um sonho falaz . . .

Sonhara que tinha achado,
forte, grande, varonil,
toda a riqueza escondida
nas montanhaas do Brasil.

E sete anos gastou êle
perdido pelo sertão,
à frente de uma bandeira
e atrás de grande ilusão.

Bravo, de serra em serra, ia
sondando-lhe as verdes faldas . . .
E acabou enchendo um saco
de luzentes esmeraldas,

Mas, essas pedras brilhantes,
da mais pura e verde côr,
não eram as esmeraldas . . .
— eram pedras sem valor!

Felizmente, o bandeirante
morreu sem disso saber . . .
Se o soubera, nesse instante,
de dor, devia morrer . . .

BARTOLOMEU BUENO

Bartolomeu Bueno Silva
— outro ousado bandeirante —
penetrou fundo Goiás;
As minas de ouro queria;
interrogou o gentio,
nada alcançando . . . Mas

uma idéia luminosa
pelo cérebro de Bueno,
como centelha, passou:

Junto ao rio, em frente aos indios,
uma porção de aguardente,
rubro de raiva, inflamou!

Com receio de, com as águas
que fecundavam as terras,
quisesse o mesmo dizer,
o gentio amendrontado,
chamou Bueno de Anhanguéra
prometendo obedecer.

Poude assim o astucioso
que, de volta do Araguaia,
penetrou fundo Goiás;
tomar conta das riquezas
desse canto brasileiro
e viver, depois, em paz!

VOCÊ SABIA?
POR PAULO AFFONSO
NENHUM SER HUMANO PODE RESPIRAR A MAIS DE NOVE QUILÔMETROS ACIMA DO NIVEL DO MAR.
NO INVERNO, CERTAS PLANTAS DEIXAM DE CRESCER.
O NILO É, NO MUNDO, O RIO QUE CONTÉM A MAIOR VARIEDADE DE PEIXES DE ÁGUA DOCE.
AS ASAS DAS VÉSPAS FAZEM 190 MOVIMENTOS POR SEGUNDO, DURANTE O VÔO.
DURANTE, O SEU CRESCIMENTO UMA ABÓBORA PODE EMPURRAR UMA PEDRA DE POUCO MENOS DE 3.000 QUILOS, TAL É SUA FORÇA.
EM ARTE, A DIFICULDADE NÃO É DESENHAR UNS OLHOS, É PINTAR O OLHAR.
OS GATOS QUE VIVEM NA ILHA DE MAN INGLATERRA, NÃO TEM CAUDA.
OS OVOS DOS PASSAROS QUE TEM OS NINHOS A DESCOBERTO SÃO GERALMENTE DE CÔR, ENQUANTO OS QUE TEM OS NINHOS COBERTOS SÃO BRANCOS.
O PINGUIM PÕE UM SÓ OVO EM CADA POSTURA.
O DEDAL É DE ORIGEM MUITO ANTIGA TENDO SIDO ENCONTRADO EM ALGUNS TÚMULOS EGÍPCIOS.
EXISTEM SERPENTES DE TÔDAS AS DIMENSÕES: DESDE 7 A 8 CENTIMETROS ATÉ MAIS DE 8 METROS DE COMPRIDO.

O Caso do Jumentinho

CERTA vez um jumentinho,
Tão novo quanto bonzinho,
Pôs-se num canto a chorar,
E ninguém tinha piedade.
Vendo ali tão pouca idade,
Para na vida pensar.

As lágrimas eram tantas,
Que em corrente, quantas,
quantas.
Inundavam-lhe o focinho.
Dois anos tinha de idade.
Quanta espécie de maldade,
Já sentira o pobrezinho!

Enquanto êle ali chorava,
Num outro canto brincava
"Mimi", um lindo gatinho,
Que, contando a mesma idade,
Não conhecia a maldade
Como o triste jumentinho.

Brincava de dar tapinhas,
No rosto das criancinhas,
No gramado do jardim.
Quadro aquêle interessante,
Mimi alegre, galante,
No mais completo festim.

Era interessante, oh! — era,
Nas manhãs de primavera
Ver o gatinho pular.

Os garotinhos brincando,
No jumentinho montando,
Num alegre cavalgar.

Mas um dia o pobrezinho,
Inocente animalzinho,
Pensou também de brincar,
De pular e dar tapinhas,
No rosto das criancinhas,
Para rir até chorar!

Triste idéia! Triste sorte!
Quase que lhe trouxe a morte
Pela surra que levou!

Vendo as crianças pulando,
também se pôs imitando,
Até que uma protestou.

Machucou a petizada,
Que brincava descuidada,
Sem esperar tal perigo.
Mas eis que surge o criado,
Um homem grande e malvado,
Para lhe dar um castigo.

Apanhou tanto, o bichinho,
Quando estava inocentinho,
Pelo mal que fez ali,
O coitado deu pinotes,
Coices, patadas e trotes,
Querendo imitar Mimi!

Depois de muito apanhar,
Fizeram-no então puxar,
Uma carroça sòzinho!
E naquela pouca idade,
Quanta espécie de maldade,
Já sofria o pobrezinho!

NABOR FERNANDES

NAO CUSTA SABER

Não custa saber a origem de certas palavras:

A palavra "tafetá" vem do persa taftah, particípio passado dum verbo que significa "tecer".

As palavras "seda" e "cetim" (em latim seta) derivam do nome duma província da Africa — Serica — onde se fabricavam esses tecidos.

A "gaze" provem da cidade de Gaza, na Palestina.

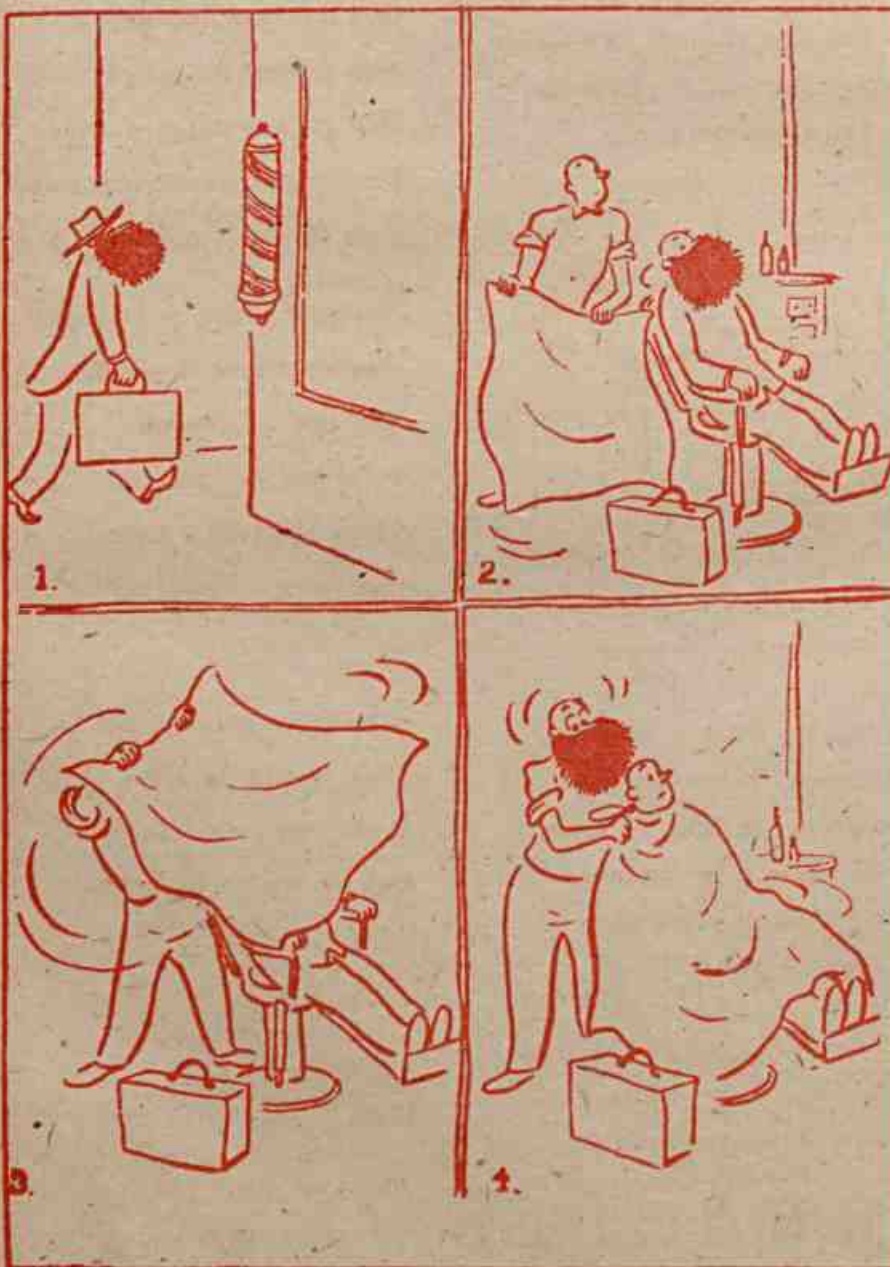
A "mousseline" deve o seu nome a Mossul (Turquia Asiatica).

Da palavra "mo", que designa uma cabra selvagem da Asia Menor, e da palabra "hais", que designa o pêlo do mesmo animal, se compoz o termo francês que, como tantos outros em materia de tecidos e modas, correntemente nós empregamos: "moiré".

O "faille" é fabricado na Flandres, o termo flamengo é "falie"

Do Oriente veio o chale: em árabe, schál.

E a "alpaca" tira o nome dum ruminante da América do Sul, famoso pelo comprimento e maciez do pêlo.

O MÁGICO E O BARBEIRO

O REI E A FORMIGA

PEDRO CARAITA

Júlio, orgulhoso rei da uma belíssima cidade, almoçava tranquilamente, quando viu sôbre a mesa uma pequena formiga.

No salão, os criados haviam se retirado, estando Júlio inteiramente só. Como se falasse ao mais humilde servo, exclamou:

— Como ousas, desprezivel formiga, andar sôbre a mesa de Júlio, o Grande Rei?

O inseto nem siquer tomou conhecimento das palavras reais, ocupado como estava em carregar sôbre as costas um minúsculo pedaço de pão.

— Então não paras? Não me obedeces? Pois então morrerás!

Dizendo isto ergueu o braço para esmagá-la, mas com tal infelicidade que, ao levantá-lo, derrubou uma terrina da sopa quente. Furioso pôs-se a procurar a formiga. Não a encontrando, dominado pela ira, virou a mesa, espalhando sôbre-o chão tôdas as iguarias.

Atraídos pelo barulho alguns criados tentaram detê-lo, mas o rei, em resposta, atirou sôbre êles um enorme castiçal. Êste, porém, atingiu uma cortina, inflamando-a.

Tentaram extinguir o fogo, mas êle se propagou ràpidamente devido a ser a sala forrada com tapetes persas e veludos da Turquia.

Em uma hora todo o palácio estava em chamas.

Como houvesse uma grande ventania o fogo se alastrou aos prédios vizinhos.

Uma cidade inimiga sabendo do ocorrido, mobilizou seu exército o qual, depois de um pequeno cêrco, dominou a cidade de Júlio, o Grande Rei; pois o povo só pensava em fugir do incêndio que tudo devorava e destruia.

O rei conseguiu escapar, mas tornou-se um mendigo. E todos o julgam louco, porque ao perguntarem a causa da sua desgraça êle responde laconicamente:

— Uma formiga ... uma formiga destruiu todo o meu império!

As corridas de MARATONA

O rei persa Dario I, conquistador da India, da Tracia e Macedônia, queria apoderar-se de todo o mundo antigo, ali pelos anos 492 a 490, antes de Jesus Cristo.

Mas, como há sempre uma Providência que é inimiga dos déspotas, Dario encontrou no seu caminho um obstaculo que lhe enfraqueceu a máquina bélica e, êsse obstaculo foi Atenas. Ainda existe essa cidade admirável enquanto que do império persa só existem ruinas. Em meados do ano 490 o exército e a armada que Dario enviou contra os atenienses chegaram à planicie e às praias de Maratona Eram, mais ou menos, uns cem mil lanceiras e arqueiros, dez mil ginetes e seiscentas galéras contra os quais as tropas áticas só contavam para fazer frente com 10.000 lanceiros e 1.000 soldados gregos de Platea, seus aliados. Essas tropas, eram comandadas por Milciades.

Pois bem, no dia 12 de Setembro de 490, a frota persa recuava derrotada até a Asia, levando o resto da sua brilhante tropa. Esse foi o milagre patriotico que a história conhece com o nome da batalha de Maratona. Procurem lêr num bom livro os detalhes daquela incrivel proeza.

E quem foi o heroi dessa batalha? Dizem que um soldado depois de lutar como um bravo, pôs-se a correr a caminho de Atenas. De Maratona até essa cidade havia dois caminhos, um mais curto, porém mais penoso e outro mais longo e plano. Nesse último havia uma distância entre uma cidade e outra de 48 quilometros e 840 metros que

foi percorrida pelo soldado ateniense e que ao final da carreira só poude dizer aos seus compatriotas:

— Alegrai-vos. Somos os vencedores! — E caiu morto.

Esta é uma das historias que se contam, sobre a origem das atuais corridas da maratona. A crítica histórica diz que não houve tal soldado nem tal carreira, entretanto, a lenda é interessante.

E contam ainda que houve outra carreira de maratona, antes desta.

A coisa passou-se assim: quando os atenienses souberam que os persas tinham desembarcado nas praias de Maratona enviaram um corredor de nome Fidipido a Esparta, para pedir auxilio.

Fidipido fez as 150 milhas (241 quilometros e 390 metros) num record de 48 horas.

Chegou sozinho a Esparta e sozinho voltou, muito desanimado, pois os espartanos não não lhe deram o auxilio pedido.

Havia naquele tempo uma lei que proibia aos exércitos de Esparta empreender marchas antes da lua cheia.

Como a lua estava no seu novo dia de crescente, quando as tropas espartanas de socorro chegaram a Maratona os atenienses já se achavam contando os mortos, depois de saqueá-los.

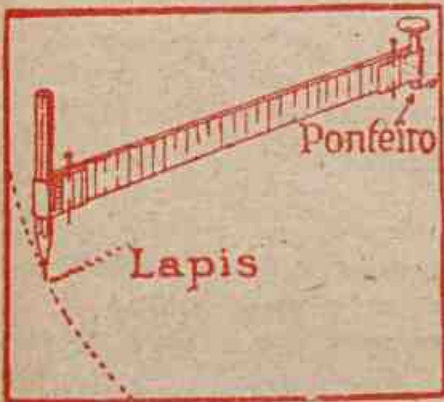
E tinham triunfado por completo.

São estas as duas corridas de maratona realizadas antes e depois da formidável batalha em que, sem um soldado, David vencia o exército de Golias.

VIROU ESTÁTUA...

Para traçar uma circunferencia

Pode-se querer traçar uma circunferência ou uma parte de circunferência dum certo tamanho, não tendo à disposição um compasso de abertura suficiente: é o que muitas vezes sucede, quando se fazem desenhos de bordados, de móveis, etc. Em geral remedeia-se a alta do compasso, servindo-se dum cordel como raio da circunferência, colocando numa extremidades um ponteiro e na outra um lápis. Mas há nesse processo um duplo inconveniente: o cordel é sempre um tanto ex-

tensivel, o que pode levar-nos, inconscientemente, a falsearmos o comprimento do raio; e, sobretudo, tem uma certa tendência para escorregar ao longo do ponteiro e do lápis. Evitam-se êstes dois percalços, substituindo o cordel por uma tira de papel.

Corta-se então num jornal uma tira feita de muitas espessuras do papel. Com duas dobras nas extremidades, tem-se resolvido o problema.

Como deviam medir-se

O grande politico inglês David Lloyd George era de baixa estatura e mais de uma vez teve que suportar brincadeiras a seu respeito, algumas até de bastante mau gosto.

Estava no Parlamento pronunciando um discurso no qual atacava severamente alguns parlamentares, acusando-os de baixeza de caracter e estreiteza de idéias, quando foi interrompido por um dos seus adversarios, o qual lhe gritou:

— Mais baixo é você, que é anão!

Lloyd George, prontamente, replicou sem se alterar:

— Os homens devem ser medidos do pescoço para cima e não do pescoço para baixo. E' no cerebro que está a verdadeira estatura de cada um!

E continuou tranquilamente o seu discurso.

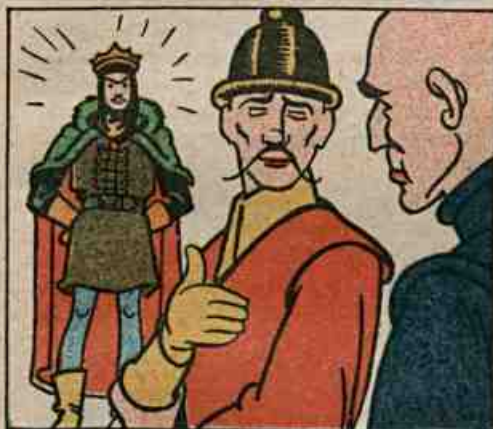
ROBERVAL... sempre vai mal

1) — Um ninho! 2) — Vou espiar... 3) — Ui! 4) — !!!?!

O Conselho da Velha Aia

Era uma vez um rei muito poderoso, dono de terras vastas e faustosos castelos, que comandava exércitos poderosos e cuja fama corria mundo.

Esse rei tinha uma filha, a princesa Zuila, inteligente, prendada, dotada dos mais belos sentimentos, mas que se sentia muito infeliz desde o dia...

...de certa festa no castelo, á qual compareceram inúmeros cavalheiros das cidades vizinhas.

Nenhum deles se animára a pedir a sua mão porque ela, sendo embora um primor de moça...

...tinha contra si um grave defeito: sua cutis, cheia de espinhas, de manchas e de cravos, o que a tornava pouco ou quase nada atraente.

Um dia, a velha aia, que a criára, como Babá, adivinhou o que a afligia.

Com a sua longa experiência da vida, tratou de remediar o mal. Trouxe, das montanhas, umas flores, chamadas Flores de Colônia, e mandou que a princeza...

...fizesse com elas uma maceração usando no rosto o leite assim obtido. O resultado foi formidável! A pele da princesa rejuvenesceu, embelezou-se!

E foi assim que a princesa Zuila conheceu o amor, casou-se, e foi muito feliz, graças ao leite de Colônia, que ainda hoje se usa para limpar e aformosear a pele.

HA' muitos anos, num castelo que erguia sua imponente torre no meio do bosque, viviam duas jovens irmãs princesas: Maura e Eliana. Eram ambas louras e tinham os olhos azues. Queriam-se muito e jamais se separavam. Tinham, entretanto, um defeito muito feio: eram preguiçosas. Não trabalhavam; só queriam brincar.

Um dia, acabaram cansando de tanta brincadeira.

Já não achavam mais graça em correr pelos espaçosos jardins do parque e por isso não sabiam o que fazer. Maura, a mais indolente das duas, ficou doente e foi obrigada a permanecer na cama. O rei e a rainha muito alarmados chamaram os melhores medicos do país.

— Doutor, salve minha filha! — pedia a rainha muito aflita.

OS maiores médicos, depois de examinarem a doente, sacudiam a cabeça dando a entender que não acertavam com a causa do mal e diziam que era impossivel curá-la. O rei e a rainha choraram muito e Eliana se desesperava. Uma tarde Maura teve um desmaio e seus pais pensaram que ela estivesse a morrer. Eliana, como louca, temendo perder a sua irmã saiu a correr para o bosque e lá se ocultou junto a uma gruta que havia bem escondida entre as rochas. Deitada sôbre a grama, com a cabeça entre as mãos, soluçava com o rosto todo molhado por sentidas lágrimas.

— Maura... Maura... Maura... — falava baixinho.

Assim esteve longo tempo, até que um ruido nas folhagens, perto, a fez virar a cabeça. Diante dela, como se tivesse surgido do chão, estava uma senhora meio idosa, de pouca altura, de olhos brilhantes e inquietos. Mantinha-se de pé, graças ao apoio que encontrava num grosso bordão. Olhou para Eliana fixamente e depois falou:

— Que tens? Porque choras assim?

— Sou muito infeliz, minha irmãzinha está a morrer.

— Já o sei replicou a velha; mas não te aflijas, eu te ajudarei a curá-la.

— Oh! como? Diga-me depressa, senhora! — falou Eliana já muito animada e pondo-se de pé, ràpidamente.

— Escuta — respondeu a velha com muito aprumo:

— E' preciso que me obedeças em tudo. Vês essas frutas vermelhas que estão naquela arvore? Terás que colher uma quantidade suficiente para encher uma cesta.

— Mas, senhora! — protestou Eliana um tanto aborrecida. — Vou magoar meus dedos todos e ferir a minha pele com os espinhos e as urtigas.

— E que importa isso! — exclamou a anciã. — Para curar tua irmã moribunda podes também sofrer um pouco. — E continuou: — Depois que tiveres enchido o cesto com as frutas, terás que pô-las a secar ao sol, no celeiro.

— No celeiro? — gemeu Eliana — Mas se eu nunca subi ao celeiro.

A velha fez que não ouviu e acrescentou:

— Enquanto as frutas secam, irás à loja e pedirás que te vendam alguns metros de fazenda, que cheguem para confeccionar um vestido simples para Maura. Tu mesma tomarás as medidas, cortarás, e costura-lo-as até terminá-lo completamente; e quanto mais depressa o fizeres, melhor.

— Sim, mas eu não sei cortar nem costurar.

— Uma menina da tua idade — replicou a senhora — deve saber fazer todas essas coisas. Quando o vestido estiver pronto apanharás as frutas que já devem estar secas e as colocarás numa vasilha com agua. A agua ficará ligeiramente rosada. E então tu mergulharás o vestido nela para que fique tinto igualmente. Deves botar o vestido para secar; enquanto isto tua irmãzinha se terá curado. Porém quero prevenir-te de uma coisa: para que o remedio faça efeito é preciso que ninguem te ajude, mas ninguem, entendeste bem? Absolutamente ninguem! Sòmente Maura poderá ajudar-te. Obedece, e tua irmã ficará curada.

Dizendo estas últimas palavras a velha desapareceu deixando Eliana pasmada e meio desanimada. Como havia ela de fazer tudo o que aquela senhora que lhe havia mandado?

— Eu gosto tanto da minha irmã — pensou, recobrando a coragem — que tentarei tudo o que me disse. Não sei se conseguirei, entretanto farei o possivel.

E pela primeira vez na sua vida Eliana pôs-se a trabalhar; apesar dos aborrecimentos, do cansaço e dos sofrimentos de tôda especie, colheu tantas frutas vermelhas que em pou-

A FADA DILIGENTE

Tradução de M. M. EME

co tempo teve a quantidade de que precisava. Logo depois, encaminhou-se ao celeiro mostrando-se maravilhada de poder subir até o alto sem sentir cansaço Quando estendeu as frutas ao sol, correu à loja, voltando com a fazenda para o vestido de Maura, a qual pagou com suas economias.

Suspirando e temendo esbarrar com uma negativa rotunda por parte da irmãzinha, subiu até o palácio onde, no quarto, a enferma não dava sinal de melhoras.

Maura dormia. Com grande tesoura, tentou cortar; era muito difícil. Tremendo de emoção, pareceu-lhe que fracassaria em seu intento. Mas tirando forças da fraqueza, cortou a fazenda conforme o modelo que tinha diante de si. Ainda bem não tinha dado cinco pontos, espetou o dedo e deu um gritinho. Maura abriu os olhos. Encarou Eliana admirada.

— Que fazes aqui? — falou debilmente.

Eliana surpreendida não teve outro remedio senão falar:

— Maura, minha querida Maura! Já falas agora?

— Quero ver o que estás fazendo. Interessa-me muito. E depois eu me sinto melhor, bem melhor.

Sem deixar de costurar Eliana contou à sua irmã o encontro com a senhora desconhecida e como ela lhe havia prometido curá-la.

— Ah! minha querida, nunca poderei agradecer-te o que agora fazes por mim. E para que vejas desde já que estou reconhecida vou ajudar-te.

Quando o rei e a rainha entraram no quarto da pequena doente, Maura, sentada na cama, costurava uma manga, enquanto Eliana fazia o mesmo na saia. As faces de Maura eram agora rosadas e seus olhos haviam recobrado a vivacidade habitual.

Trabalhava cheia de alegria, como notaram seus pais surpreendidos e alegres.

Logo que Maura se curou sua irmã disse-lhe:

— Agora, vamos agradecer àquela que te salvou.

Muito felizes as duas saíram correndo em direção ao bosque.

Por entre às árvores, Eliana reconheceu a senhora que havia curado sua irmã, si bem que transformada em formosa Fada que parecia toda bondade.

Admiradas as duas princesas prostraram-se a seus pés:

— Obrigado! Muito obrigado! senhora!...

— Minhas queridas pequenas — respondeu ela sorrindo: — Eu sou a fada Diligente. Foram vocês, graças às suas energias renascidas que ajudaram a dar caça e morte à bruxa Preguiça que quasi causava a morte de Maura. Ouçam-me sempre e serão felizes. Não esqueçam nunca os meus conselhos porque já tiveram ocasião de ver que a felicidade está no trabalho. Fóra dêle não há alegria, eu asseguro a vocês

Eliana e Maura agradeceram ainda mais uma vez e a fada Dilgente desapareceu, deixando as duas irmãs cheias de coragem e prometendo-se a si mesmas trabalharem o resto da vida.

E assim fizeram, efetivamente. A partir daquele dia não houve no reino jovens mais laboriosas do que as duas irmãs.

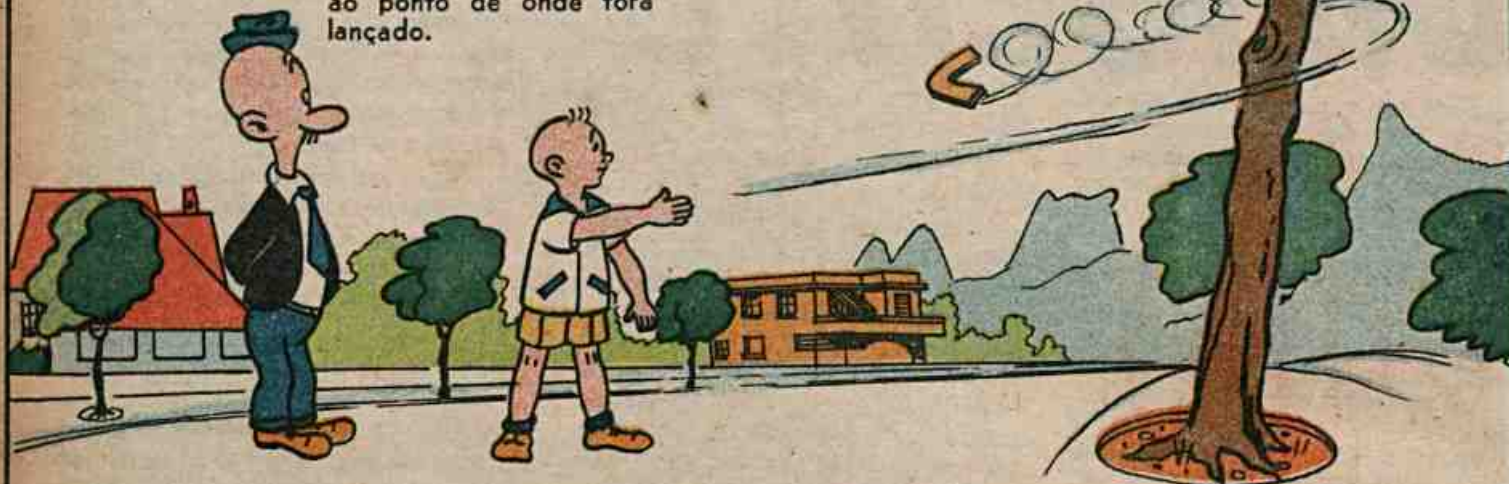
Sabiam tecer com longas agulhas de marfim trabalhos de lã delicadíssimos; bordavam a ouro e a seda, cortinas, almofadas e vestidos; faziam com fios tão delicados como fios de aranha maravilhosas rendas, que pareciam feitas por mãos de fada...

E não era só isso: aprenderam também a preparar deliciosas e variadas iguarias como cremes, tortas, pasteis e mil e uma gulozeimas que distribuiam com os pobres, logo que aprontavam.

A fama das prendadas princesas ràpidamente se espalhou e chegou aos ouvidos dos principes irmãos: Eloy e Marçal, que desejosos de conhecer as princesas foram ao palácio e ficaram maravilhados com Maura e Eliana, as quais pediram em casamento. As bodas foram celebradas com grandes festas, sendo a primeira convidada a fada Diligente, que as presenteou com duas rocas de ouro, marfim e pedras preciosas.

Eram tão bonitas que todos ficavam maravilhados ao vê-las.

Aquele presente era também uma advertencia: a de ser sempre laboriosas.

CIPIÃO E O BOMERANG
VALDIR MOURA
Cipião nunca tinha visto aquele brinquedo. Ficava admirado vendo aquilo rodar no ar e voltar ao ponto de onde fôra lançado.
Chamou o menino e disse:
— Eh! garoto! Deixa eu dar uma jogadinha?
E muito entusiasmado, tratou de experimentar o jogo. Escolheu uma árvore grossa e, num bonito estilo, lançou o bomerang.
Qualquer coisa estranha, entretanto, aconteceu . . . Foram ver, então . . .
E' que sêu Arabelo estava atrás da árvore...

A Coruja

Do fundo da noite se acaso escutares
Meu canto tristonho sem brilho nenhum,
Não sintas por isso, criança, pezares,
Nem creias, criança, na lenda comum.

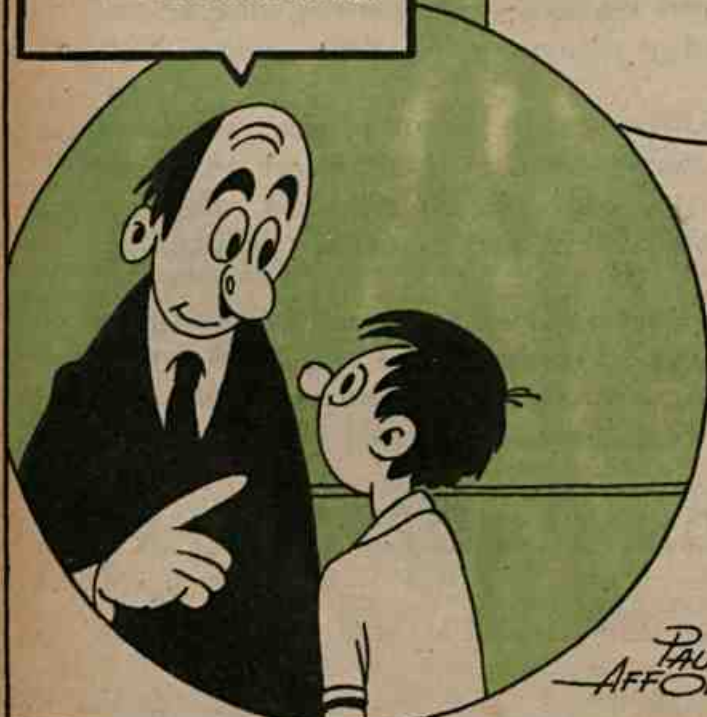
Enxergo nas trevas a longa distância,
Meus olhos são grandes, adunco o nariz,
Não tenho beleza, não tenho elegância,
Nem lindas plumagens, nem canto feliz.

Sou lúgubre e feia, mas presto serviços:
Devoro os insetos que comem os frutos.
Insetos que atacam os troncos roliços,
Acabo com êles em poucos minutos.

Se acaso escutares meu canto noturno,
Não temas, criança, não fujas de mim.
Sou triste, sou feia, de ar taciturno,
Mas amo e defendo o teu lindo jardim.

SÓLON BORGES DOS REIS

BONS CONSELHOS
Sê econômico sem entretanto, ser mesquinho e miseravel.
Aproveita todo o teu tempo em trabalhos úteis, seja em benefício teu ou da coletividade.
Cuida do teu vestuario e de teus objetos, de forma a evitar gastos supérfluos a teus pais.
Aprende a viver com os teus próprios recursos, nunca contraindo dívidas
Dispensa tudo o que for desnecessário, só comprando o que for simplesmente agradavel depois de haver adquirido o necessário.
PAULO AFFONSO

Conto de SEBASTIÃO FERNANDES

A alegria do rei

O rei acordou triste.

O mordomo sabia que se Sua Majestade acordava triste, ficava o dia inteiro assim.

Mas ninguem era culpado daquela tristeza.

Seu poder e sua fortuna eram os culpados daquela melancolia.

Era tão rico, que bastava sonhar uma coisa e no dia seguinte todos corriam para realizar o seu sonho.

Queria um cavalo de patas douradas e o cavalo aparecia com as patas reluzindo como o sol.

Aconteceu que ele sonhou com o mar e com um passeio martimo.

Mas no seu reino não havia mar Vieram os engenheiros e construiram a maior piscina do mundo, e no imenso lago lançaram um grande barco de longas velas; e o sonho do rei foi realizado.

Queria um trem mais veloz que o avião, queria um pássaro com o bico de ouro, queria um castelo todo azul e tudo aparecia, porque o seu dinheiro tinha poder para contentar todos os desejos.

Sua Majestade gostava muito de comer. Mandava buscar os livros com todas as receitas para os melhores pratos de comida e os doces mais supimpas. Os maiores especialistas em forno e fogão tinham que variar nos pratos de outros paises, sopas, presuntos, papas de lombo, arroz com favas, salsichas, perús e galinhas com angús, recheios, muquecas, variando sempre para não aborrecer o glutão. Se a "Gazeta" do Reino dava noticia duma festa em terras distantes onde eram enumeradas qualidades apreciáveis de pratos e variedades de doces até ali desconhecidos, logo seguiam emissários para tratar o novo cozinheiro célebre.

Por isso andava sempre de barriga cheia; e, como nunca chegava a ter fome, não lhe apetecia coisa alguma.

Quando isso acontece nunca se tem a alegria de desejar, porque a fortuna e o poder transformam ràpidamente todos os sonhos e prontamente se fica satisfeito.

Eis porque o rei acordava sempre triste.

O mordomo de Sua Majestade foi avisar o medico de que o Rei estava outra vez melancólico.

O grande esculápio receitou um passeio.

A Côrte ficou admirada: — Um passeio?

Mas como daria Ele um passeio? De navio no lago artificial? No trem mais veloz que o avião? No cavalo de patas douradas? Sua Majestade estava enfarado de todos esses meios de transporte que costumava usar.

O medico sorriu e disse: — De automovel.

O mordomo ficou admirado. A coisa mais vulgar para sua Majestade era andar de automóvel. E era mesmo um motivo da tristeza.

Mas o médico acrescentou:

— Será de automóvel, mas terá de percorrer todos os quilometros que circumdam as terras do reino.

O automóvel começou a deslisar pelas lindas e perfeitas estradas do país. O rei, porém, não dava a mínima importância, porque tudo aquilo era por demais conhecido Sua tristeza provinha justamente de nada mais lhe dar sensação. O passeio já se estava tornando longo, o automóvel parecia engulir os quilómetros ràpidamente e agora passava por lugares pouco povoados.

O médico olhava para o rei e este continuava triste como sempre.

Quilometros e quilômetros; léguas e léguas; milhas e milhas.

Nisto o automóvel parou. Todos ficaram surprezos. Não era lugar de parada.

— Falta de gasolina?

— Acabou a gasolina?

Todos olharam e viram uma estrada mal feita e dum e outro lado o mato e campo infindáveis.

Desceu o motorista e examinou o carro, encontrando sério defeito no eixo da roda trazeira. Com a impaciência do rei, o mordomo também foi ver o acidente. E veio com a noticia alarmante:

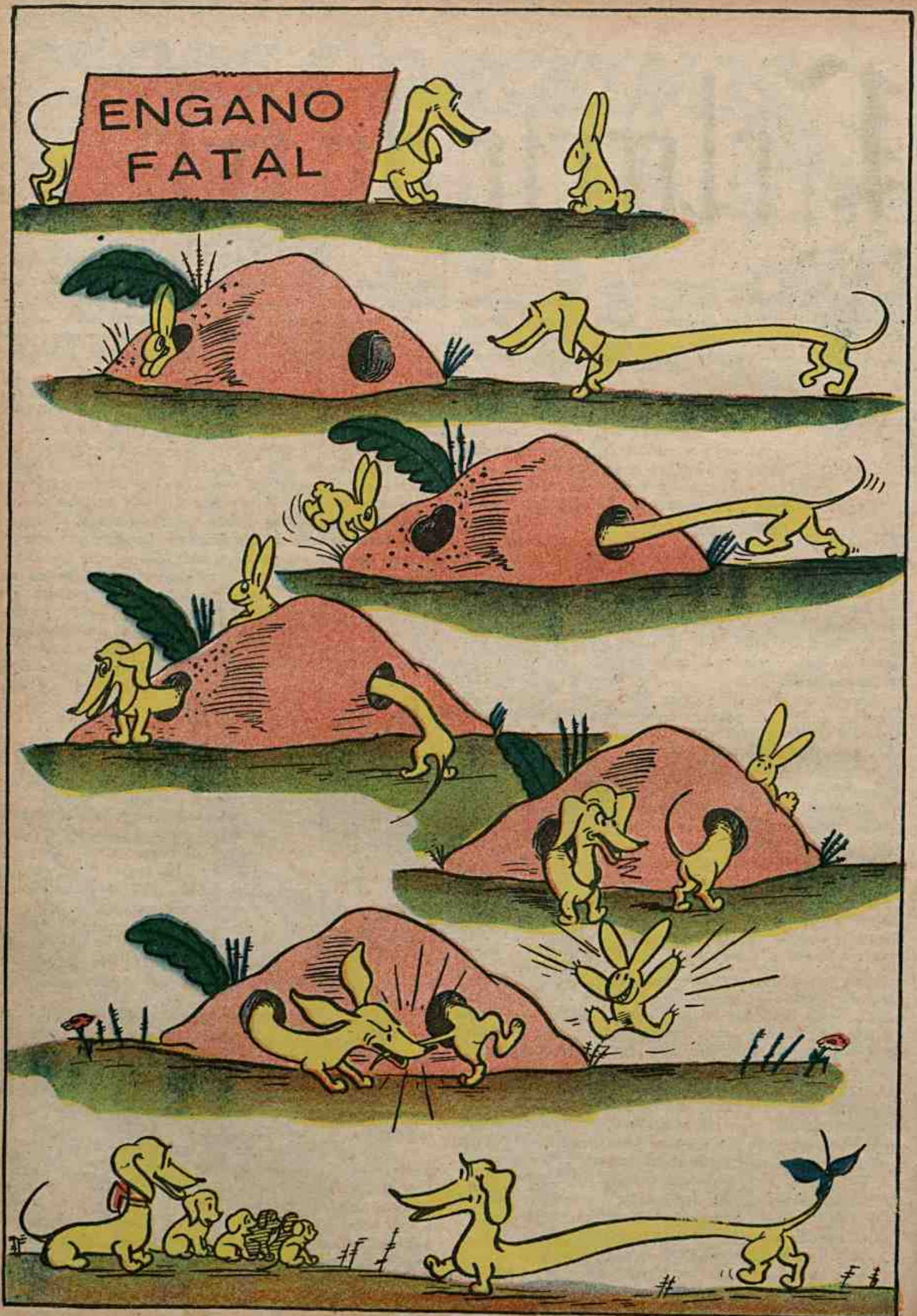
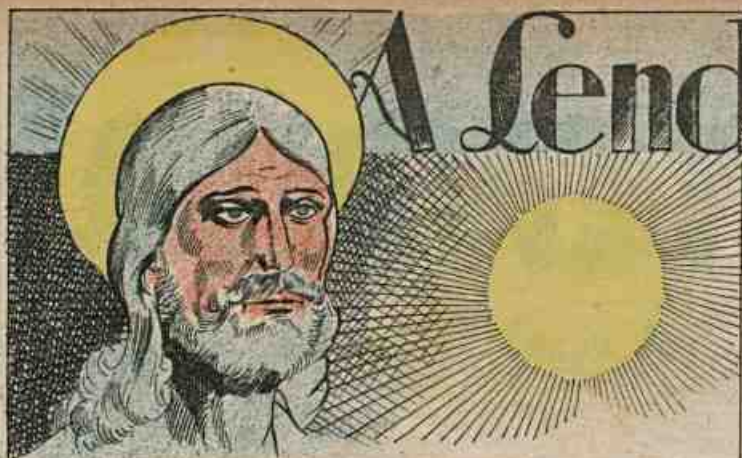
— No meio daqueles campos despovoados, sem possibilidade de reparar qualquer desarranjo, quebrara-se o eixo do automóvel! Nem empurrado o carro andaria.

Um carro tão bonito! Uma máquina nova! Inutil!

Então o rei desceu. Todo mundo ficou aborrecido vendo no aborrecimento régio os mais sérios incomodos. O médico era culpado daquele transtôrno. Nisto a atenção do soberano se volta para o canto dum pássaro. Que canto estranho! No seu vasto jardim não ouvira coisa semelhante!

E foi se dirigindo para a borda da mataria. Quantas árvores bonitas e flôres silvestres que não apareciam no seu Jardim Botanico! E aquelas borboletas? Mas como podia a natureza ter coisas tão belas e êle as desconhecer? Onde estavam os sábios do reino que não colecionavam aquelas flôres, árvores e borboletas? A plumagem das aves, o perfume das flôres...

E aqueles bichos correndo! Que bichos eram aqueles

(*Conclue no fim do Almanaque*)

ENGANO
FATAL

Vinham fatigadíssimos, cobertos de poeira e mordidos de fome, denunciando nas roupas, nos pés e nos olhos a dureza daquela jornada. Nesse casebre, onde a pobreza contrastava com a felicidade, residia um velhinho, cujo único bem consistia na filha jovem e formosíssima,

...que era, naquelas solidões, o refugio da sua tristeza, o fogo do seu inverno, a hera que abraçava, coberta de flores, a árvore que a alimentara.

E como os viajantes pedissem de comer, o velho foi ao quintal de onde entregou à moça, para a ceia dos hospedes, a última galinha que lhe restava. Terminado o repasto,...

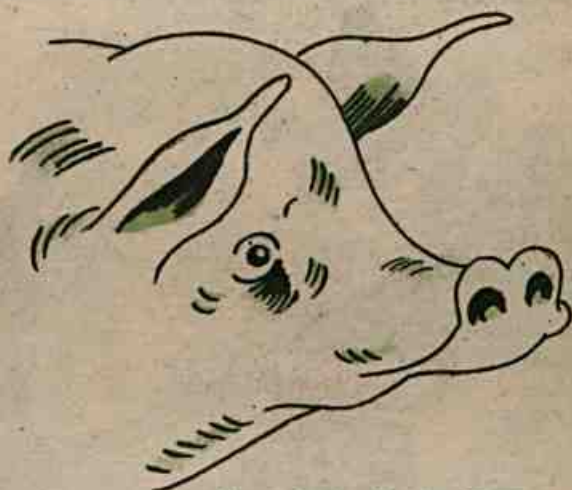
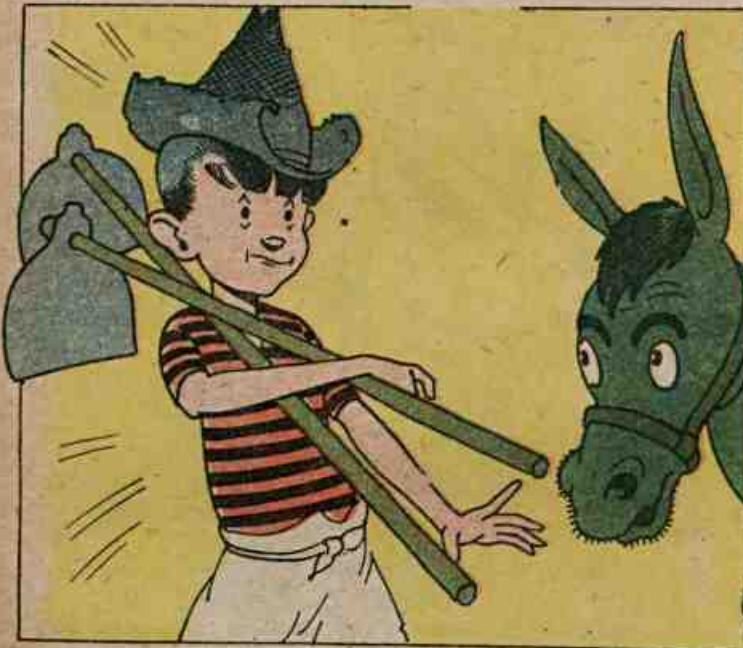
...Nosso Senhor, chamando os discípulos, perguntou-lhes que recompensa merecia o ancião que tão longe levara o seu espírito de caridade. E como os discípulos declinassem de uma sugestão, chamou o dono da casa e lhe disse:

" — Tu, que és pobre, foste generoso com um viajante da estrada... Pois bem: como recompensa, tua filha, a quem tanto queres, viverá eternamente na terra, consolando os tristes, revigorando os enfermos, dando fôrça aos caminhantes... Em nome de meu Pai, eu te abençôo." E desapareceu. Passado algum tempo, a região se cobria de uma árvore milagrosa, que renascia perpetuamente e cujas folhas, fervidas, alimentavam e curavam... Era a erva-Mate, de que estão cheias ainda hoje aquelas paragens brasileiras!

Oswaldo Storni

O **MATE** É REFRIGERANTE E ALIMENTICIO, USADO NO MUNDO INTEIRO.

MAL ENTENDIDO...
Socoooooorro!
A casa está pegando fogo!
Que quer que eu faça?
Vou pular! Você espera?
Venha!
?
E agora? Posso ir embora?

COUSAS NOSSAS
por PAULO AFFONSO
A 29 DE AGOSTO DE 1903 FOI CONCEDIDO O LICENCIAMENTO AO PRIMEIRO AUTOMOVEL, PELA PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO.
NO BRASIL, HÁ 114 ESPÉCIES DE PAPAGAIOS.
NO ESTADO DE MINAS GERAIS, É TRADICIONAL A CRIAÇÃO DE SUINOS
EM TEÓFILO OTONI, ESTADO DE MINAS, ACHOU-SE, EM 1939 O MAIOR CRISTAL DE ROCHA ATÉ HOJE VISTO NO MUNDO, COM O PÊSO DE 4700 QUILOS.
O CORCOVADO TEM 710 METROS DE ALTURA.

ZÉ CALANGO
Oswaldo Storni
VEM TRABALHAR, ZE' CALANGO! DEIXA DE VADIAGEM!
NÓS, OS HOMENS INTELIGENTES, SEMPRE TEMOS BOAS IDÉIAS!
ESTA VENDO, SEU JOAO? ISTO E QUE E UM BOM ARADO!

AVENTURAS DE FAUSTINA E ZÉ MACACO

Faustina decidiu estudar francês, e contratou, para lhe dar aulas, o famoso profesor Petit-Pois.

As aulas começaram e o professor era incansável em repetir as frases para ela aprender.

Não demorou muito e ela se convenceu de que já sabia falar corretamente. Zé Macaco ficou encantado!

E começou ela a "gastar" o francês a três por dois, até para dar ordens à cozinheira.

Coitada da Joaquina! Como ficou ofendida com aquilo !!

Nas lojas, ela ia impingindo o seu francês maluco a tudo quanto era caixeiro. Era uma calamidade!

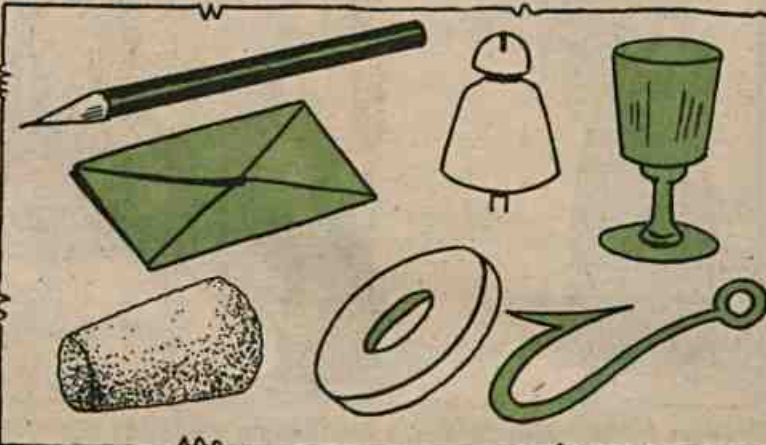
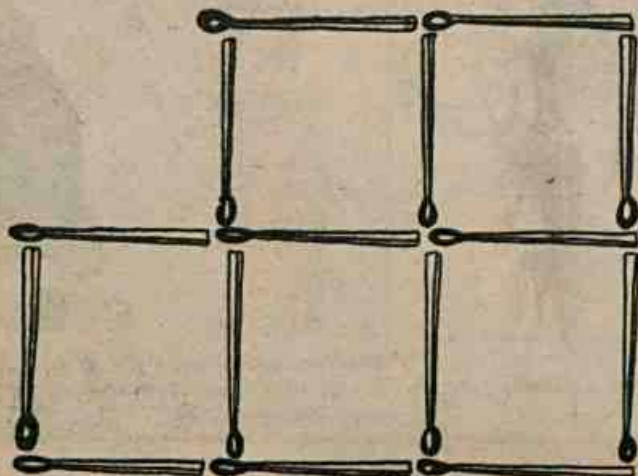
Por fim Zé Macaco resolveu tomar uma providencia. Chamou um médico...

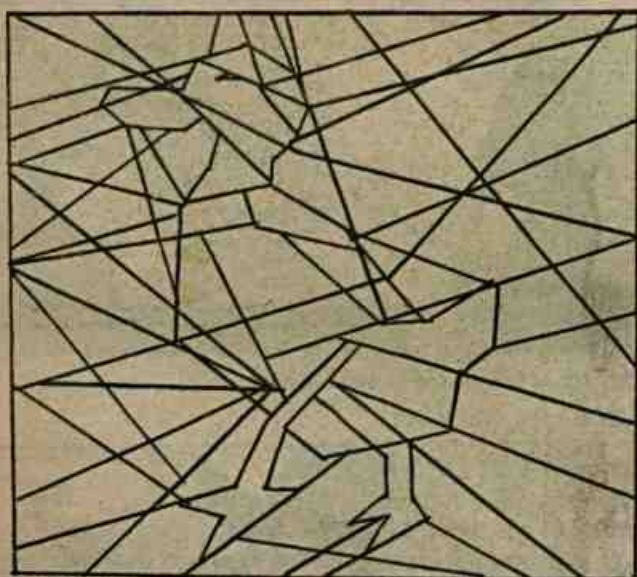
...e êste foi conversar com ela. O médico, porém, não sabia patavina de francês...

...e ficou tão assustado que, em vez de receitar, foi pedir auxilio a Zé Macaco!

Quebra Cabeças

por Paulo Affonso

BUSCA GEOGRÁFICA

TIREM AS INICIAIS DAS FIGURAS DESENHADAS E PROCUREM FORMAR COM ELAS O NOME DE UMA CIDADE DO RIO GRANDE DO NORTE.

FAÇAM CINCO QUADRADOS COM FÓSFOROS COMO ESTÃO NO DESENHO. TIREM DEPOIS TRÊS, DE MODO A SÓ FICAREM TRÊS QUADRADOS.

ENCHAM A LAPIS DE CÔR ALGUMAS PARTES DO DESENHO E FORMEM UMA INTERESSANTE FIGURA.

QUAL O PROVÉRBIO AQUI ILUSTRADO?

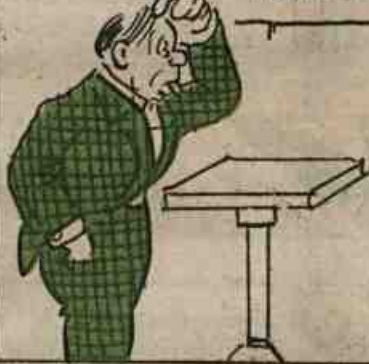
PROVÉRBIO ENIGMÁTICO

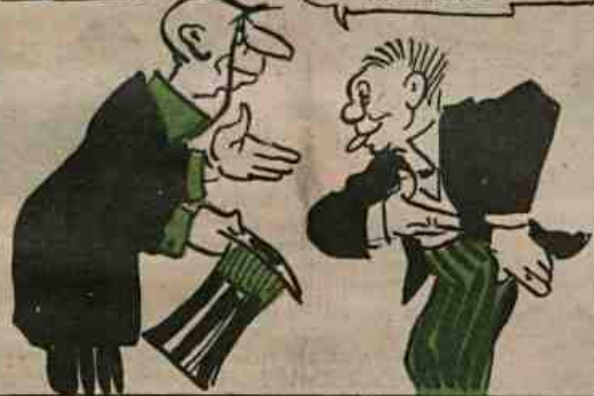
COM AS LETRAS DOS CARTÕES FORMAR A PROFISSÃO DOS SEUS DONOS.

O BARÃO DE RAPAPÉ

HOJE FAÇO ANOS (?) CONVIDEI MUITA GENTE PARA O JANTAR. VOU FAZER UM DISCURSO DE ARROMBA

GENOVEVA, PREPARE UM JANTAR, E TANTO. HOJE VIRÃO O MARQUÊS DE VIRALATA, O CONDE SÁ CAROLHAS
UÉ, XENTE

COMO É QUE TANTA GENTE PODE COMER NUMA MESA TÃO PEQUENA?

ARRANJEM ESSAS PRANCHAS DE MODO A FAZER UMA MESA DE JANTAR, E DEPRESSA QUE JÁ ESTÁ NA HORA
SUJEITO SOVINA!

MEUS RESPEITOS SNR BARÃO
PRAZER DE VÊ-LO SNR MARQUÊS DE VIRALATA

COMO VAI, SR. BARÃO VIRALATA?
SOU MARQUÊS E NÃO BARÃO.

ESTÃO FAZENDO O MEU ELOGIO, COM CERTEZA

MEUS SENHORES E SENHORAS (?) FALTARIA AO MAIS SAGRADO DEVER SE ....
VAI COMEÇAR A CACETEAÇÃO

CRACK
Yantok

AVENTURAS DE CHIQUINHO

Dona Quiteria, que é muito amiga dos pais de Chiquinho, saiu naquele dia acompanhada do seu filho, o Peteleco, afim de visitá-los.

Não estavam êles em casa e então a prima Lili, percebendo que a Dona Quiteria não queria voltar assim, convidou-a a entrar e esperar um pouquinho.

O Peteleco, que é um desses garotos terriveis, assim que viu o Jagunço, colocou-lhe no rabo um pregador de roupa, que apertava tanto como um caranguejo.

Lá no quintal o Benja dormia a bom dormir, à sombra de uma mangueira, de bôca escancarada. O Peteleco, aproveitando-se disso, soltou uma grande manga na bôca do coitado.

Quando êle acordou, muito espantado, engasgado com a enorme fruta, ainda poude ver o Peteleco, que corria a bom correr, receiando as consequencias.

O Benja ficou tão fulo de raiva que, chamando Chiquinho, combinou com êle pregar uma peça no Peteleco, para ensinar-lhe a não assustar os outros.

Momentos depois, na sala de visitas, Chiquinho estava de cócoras coberto com a capa branca da poltrona, tendo dito ao Benja que fosse chamar o Peteleco.

Aconteceu porém o inesperado. Enquanto o Benja saiu, quem apareceu foi a dona Quiteria, que, vendo aquela confortavel "poltrona", arriou sôbre ela os seus bem pesados 130 quilos!...

Não é preciso dizer que Chiquinho ficou com o corpo doido, e quando foi se queixar a Lili, esta, alem de censurá-lo, disse-lhe uma grande verdade.

OS GRANADEIROS

GRANADEIRO era um soldado que no século XV levava as granadas e as atirava, às vezes até com o auxilio de mosquetes. As granadas mais antigas que se conhecem pesavam de um a três quilos. Logo que se começou a fazer uso das granadas, eram escolhidos para atirá-las quatro ou cinco homens altos em cada corporação. Com o correr dos tempos cada exército chegou a ter uma companhia inteira de granadeiros. Depois, no século XVIII o uso de granadas desapareceu, e entretanto a denominação de granadeiros ficou para designar, num Regimento, a Companhia composta de homens altos. Daí por diante a granada de mão caiu em desuso até a guerra russo-japonesa (1904-1905), sendo muito empregada na primeira grande guerra de 1914 a 1918.

COMO SE COMEMORA O NATAL NO MUNDO

Nos Estados Unidos, preparam-se mesas onde se colocam os presentes que os reis magos trouxeram.

Em Paris e outras cidades da França, armam-se barracas para a venda de brinquedos e guloseimas à população inquieta.

Na Inglaterra, reunem-se as famílias; come-se, bebe-se contam-se histórias e dança-se. Importam-se milhares de gansos da França para as comemorações.

Na Alemanha, armam-se nas ruas verdadeiros pavilhões para a venda de brinquedos.

Em alguns países da Europa Oriental, há mercados de árvores de Natal.

No Brasil, Papai Natal, durante a noite, deposita brinquedos nos sapatos, debaixo das camas das crianças. De noite, armam-se grandes árvores de Natal., cheias de presentes e de velas que são acêsas. Duarante a ceia servem-se castanhas, nozes, avelãs e as deliciosas "rabanadas".

Nessa data impõem-se tréguas a todas as crueldades e todos os povos se deixam enlevar pela bela festividade.

Habil Resposta

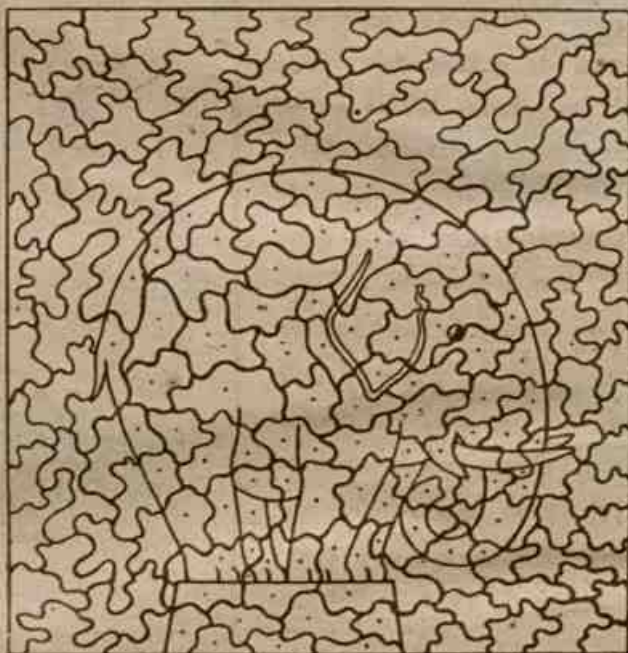
Um astrologo predisse ao Rei Luiz XI de França um fato muito desagradavel o qual causou grande aborrecimento ao soberano. Por isto resolveu mandar matar o astrologo. Ordenou que o levassem à sua presença e que, a um sinal convencional seu, os guardas atirassem pela janela aquele profeta de mau-agouro.

O monarca encarando o astrologo disse:

— Já que pretendes ser tão sábio e conhecer tão bem a sorte dos outros, talvez possas dizer-me qual será a sua própria e quanto tempo ainda tens de vida.

O adivinho, que não era tolo, e prevendo o perigo a que se achava exposto, respondeu com serenidade.

— Morrerei três dias antes de vossa magestade.

Luiz XI, ao ouvir estas palavras, longe de ordenar que atirassem o astrologo pela janela, mandou que o cercassem de atenções e cuidados, afim de que sua saude não sofresse o menor mal.

O DÚMBO

Se você encher com tinta ou lapis os espaços que têm dentro um pontinho preto, verá o elefante Dumbo fazendo piruetas.

O TRABALHO E A OCIOSIDADE

QUEM trabalha trata da sua vida, quem está ocioso trata das alheias. Quem trabalha, como cuida no que faz, fala verdade; porque diz as cousas como são. O ocioso, como não tem que fazer, mente; porque diz o que imagina. A ociosidade é a mão de todos os vicios e a mentira é a sua filha primogenita.

NOS GELOS ETERNOS

LÁ nos confins do mundo, nas regiões polares, onde o céu é cinza e as neves eternas reinam como senhoras da criação, foi onde se passou a historia seguinte:

Duas pequenas aldeias de esquimós haviam se estabelecido, cada uma ao lado de uma saliência da costa à beira mar. Cada uma delas compunha-se de vinte ou trinta choças com armação de troncos e paredes de neve endurecida.

À simples vista parecia que, exilados do resto do mundo, distantes dois países em que a vida é fácil e sem perigos, os habitantes dessas duas miseráveis aldeias deveriam ajudar-se mutuamente e amar-se como irmãos, para fazer com que sua existência fosse menos desolada e mais suave. Entretanto, o odio os separava, as rivalidades de caçadores que perseguiam a mesma caça, os quais imaginavam sempre que, tôda vez que o visinho matava perto dêles um urso, uma rena ou uma morsa de longás defesas, os estava roubando.

Unidos, teriam podido tentar expedições mais importantes e oferecer à comunidade consideraveis beneficios. Mas os habitantes de ambas aldeias só procuravam meios para prejudicarem-se mutuamente.

Nylka, o chefe da aldeia do norte, detestava Sten Byelke, chefe da aldeia do sul e os companheiros de ambos compartilhavam dessa reciproca inimizade.

Asgar, filho de Nylka partiu um dia para uma caçada de duas semanas. Este moço tinha apenas quinze anos, porém era forte e corpulento parecendo ter muito mais idade.

Sob as peles que lhe serviam de agasalho, assemelhava-se, ao longe, a um grande animal peludo, do qual não se via mais do que os olhos, olhos que denotavam inteligência e decisão. Quando o braço de Asgar se erguia para atirar o arpão ou a lança, o animal contra o qual era dirigido o golpe tombava como se o houvesse atingido um raio.

Asgar ia à caça do urso branco, longe do mar. Em seu trenó, levava, além de abundantes peles para abrigar-se, armas e provisões.

Doze cães ferozes, que facilmente devorariam outro homem que não fosse seu dono, arrastavam o trenó, o qual corria com a velocidade do vento, enquanto que o chicote de Asgar estalava de cá para lá nas costas dos animais. Durante uma semana enfrentou tremendas lutas com os ursos brancos. Matou grande número dêles, retirando suas grossas peles e amontoando-as na parte posterior do trenó, junto com os quartos de carne. Os cães devoravam as entranhas e os

ossos dos animais abatidos sem deixar vestigios.

Ao cabo de alguns dias, notou o jovem que não era só êle quem caçava naquela região. Ouvira à certa distância, latidos de cães desconhecidos. E com a maravilhosa delicadeza de ouvido propria aos esquimós, que percebem através das geladas planicies os menores sons, poude dizer:

— Estes não são cães da aldeia do norte.

Então, não se tratando de amigos, só podia ser um habitante da aldeia do sul e por conseguinte seu inimigo. E ao pensar assim foi invadido por grande indignação que o incitou contra o homem que vinha caçar no mesmo sitio que êle.

— Si o encontro — falava consigo mesmo — teremos que nos bater.

E não o encontrava; mas de vez em quando ouvia o latido dos outros cães.

Uma manhã sombria, quando o vento levantara a neve, prenúncio de tempestade próxima, Asgar ouviu um grande rugido, o qual logo reconheceu.

— O urso — gritou — e imediamente descarregou o chicote sobre sua parelha e os cães dispararam a tôda velocidade em direção do lugar de onde partira o rugido da féra. Asgar, em altos gritos instigava os animais:

— Hop! ... Hop! ...

A ponta do chicote açoitava as costas dos cães que ladravam com furor e corriam com a cabeça baixa e a boca aberta e espumando.

— Hop! ... Hop! ...

O trenó pulava por cima dos blocos de gêlo ... Asgar chamava os animais pelos nomes:

— Hop! ... Adiante Alasca! Pluto ... Hop!

Asgar queria chegar onde estava a caça antes do outro caçador, que, também atraido como êle, pelos rugidos da féra, deveria adiantar-se. Enquanto seus olhos cintilavam, chicoteava os cães. E chegou primeiro.

Sobre uma rocha, dois ursinhos já crescidos brincavam com sua mãe, que era um enorme animal.

No instante em que os viu de perto deteve os cães, os quais obedeceram-lhe, deitando-se no chão, silenciosos. Ao longe, ouviam-se latidos de cães, que se tornavam mais distintos à medida que se aproximavam. O caçador do sul também corria ... O vento aumentava, as sombras se tornavam mais espessas, a neve se levantava em torvelinhos ...

Tradução de M. M. EME

Lentamente, com o coração batendo aceleradamente, Asgar chegou-se até mais perto dos animais, ocultando-se entre as rochas. Quando já se achava relativamente perto, ergueu-se; seu braço estendeu-se com a violência e precisão de uma máquina e a flecha silvou. Um dos ursinhos ferido em pleno coração, caiu sobre a neve gelada, sem dar um só gemido. A ursa soltou terrivel rugido e erguendo-se nas patas trazeiras, olhou em volta.

Já se ouviam os rumores do outro caçador que se aproximava ... Pela segunda vez Asgar fez pontaria e disparou a javalina ... O segundo ursinho rodou por terra, mortalmente ferido.

Mas a ursa havia visto Asgar matar seus filhos e justamente, no momento em que o caçador do sul chegava e apreciava tôda a cena, ela atira-se contra o jovem caçador do norte. Ele, dando um pulo, lançou sua javalina. A féra foi atingida porém não foi mortalmente ferida e antes que Asgar pudesse atirar-lhe segunda lança já a ursa avançava sôbre êle o estreitava entre as potentes patas.

Asgar ainda conseguiu fazer um movimento com a mão direita que se conservava livre e enfiou o arpão no ventre do animal. A arma penetrou até o cabo e a ursa tombou morta no momento em que o caçador do sul chegava para feri-la pelas costas.

— É minha, eu a matei! gritou Asgar como um desafio.

A ursa, porém, o havia ferido na espadua, tinha-lhe enterrado as unhas na carne e Asgar, por isso, perdia sangue. Antes mesmo que o seu rival respondesse, caiu desfelecido sôbre o cadaver do gigantesco animal, que acabara de matar.

O caçador do sul era um homem de muito mais idade que Asgar e chamava-se Jack e todos o admiravam, contando muitas historias acêrca de sua generosidade e bondade.

Tinha cinquenta anos e fazia trinta e cinco que caçava na neve. Quando viu os três animais estendidos junto a Asgar, teve um sentimento de inveja e uma tentação de apoderar-se daquelas caças invadiu-o subitamenta, mas, logo afastou tal pensamento por não lhe parecer honesto. Olhou Asgar sem sentido e se recordou do tempo de moço, quando andava pelas planicies geladas perseguindo os ursos e focas. Também fôra como aquele moço que ali estava — destemido e impetuoso, mas, longa experiência o tornara prudente. Porém ainda assim admirava a coragem de Asgar. Em vez de matar os ursinhos o jovem deveria primeiro matar a mãe. Assim ser-lhe-ia mais facil exterminar os ursos menores. Entretanto, essas precauções são proprias dos velhos caçadores. E Jak sorriu ao pensar que a juventude está sempre ao lado da imprudência. Bem o demonstrava aquele quadro.

INCLINOU-SE sôbre Asgar e, levantando-o como si fosse uma pluma coloco-o no seu trenó. Com extrema rapidez arrancou-lhe as peles que lhe serviam de vestes e tratou da ferida com todo cuidado.

Novamente cobriu Asgar com as peles e lhe deu para beber um pouco de vinho. Asgar voltou a si. A dor era menos forte agora. Olhou espantado para o caçador que o socorrera e julgou estár sonhando.

— Devo-te a vida — disse-lhe — És por acaso um feiticeiro?

— Não sou feiticeiro — respondeu o outro; mas tenho visto muitos ferimentos e já aprendi a maneira de curá-los.

— E por que curaste um inimigo, em em vez de deixá-lo morrer?

Jack deu de ombros, querendo dizer que aquilo não tinha importância.

— Não curei um inimigo e sim um menino — exclamou. — Quando fores mais velho compreenderás quanto são estúpidos êsses ódios e te recordarás do que agora te digo. Por enquanto és muito jovem para entendê-lo. Mas, agora não há tempo para divagações e muito menos para discusões. Era preciso agir imediatamente para evitar um desastre.

O vento soprava cada vez mais forte fazendo-os cambalear.

A tempestade, uma dessas terriveis tempestades polares, aproximava-se ràpidamente, pondo em perigo a vida dos dois caçadores e dos cães.

— Que vais fazer — perguntou Asgar um tanto ansioso.

— Que farias tu? respondeu o outro; pois queria saber o que pensava o rapaz.

— Açoitaria meus cães e fugiria antes do furacão.

— O furacão corre mais ràpidamente do que os cães e logo te al-

(Conclui no fim do Almanaque)

A PIOR PARTE

SENDO Sully ministro da Fazenda durante o reinado de Henrique IV, da França, este o notou preocupado, certo dia, e perguntou-lhe a causa.

Senhor — respondeu Sully — as necessidades do Estado são prementes e vamos ser obrigados a criar novos impostos. E' isto o que me preocupa.

— Oh! Novos impostos! — exclamou o rei perdendo, de repente, todo o ar de brincadeira. —

— Não me fale nisto! Meu povo já está muito sobrecarregado de impostos para que lhe imponhamos outros! E' impossivel!...

— Senhor — continuou Sully, — acho-me diante de sérios compromissos: as despesas aumentam dia a dia e as rendas diminuem, não dando para cobri-las. Preciso fazer grandes pagamentos e me encontro sem recursos. Já sabeis, majestade, que aquele que segura o cabo da caçarola é o que em pior situação se acha.

— Quem disse isto?

— A sabedoria popular, majestade. E' voz corrente.

— Pois está enganado. — contestou o monarca rindo. — O que se acha em pior situação é o que está se cozinhando dentro da caçarola e não o que lhe segura o cabo!

O DIA DE NATAL

O dia de Natal, além da alta significação espiritual que tem para a humanidade, assinala acontecimentos notáveis para os homens. Alguns bons. Outros nefastos, como o que ocorreu no ano 303. Sabendo que os cristãos da Nicomédia se íam reunir em grande número para comemorar a data do nascimento de Jesus o imperador Diocleciano aproveitou a oportunidade para mandar atacá-los por seus soldados e fez entre êles terrível massacre.

Foi no dia de Natal do ano 496, que Clovis, rei dos francos, se fez batisar. A 25 de Dezembro do ano 537 Juliano, imperador do Oriente, inaugurou com pompa sem igual a igreja de Santa Sofia, em Constantinópolis. A conversão em massa dos anglo-saxões ocorreu no dia de Natal de 597. A coroação de Carlos Magno realizou-se a 25 de Dezembro de 800; a de Balduino, rei de Jerusalem, a 25 de Dezembro de 1099.

Foi também no dia de Natal, em 1805, que Napoleão, vitorioso em Austerlitz assinou a paz de Presburg com a Russia e a Austria.

ROBERVAL... SEMPRE SAI MAL!

UM CONSELHO

DEVEMOS ser como a Primavera, e assim viver em eterno ressurgimento, semeando o bem, espalhando o amor e perpetuando a verdade!

E cada dia que passa devemos colher um fruto bom da árvore da vida e reparti-lo com os que necessitarem do nosso auxilio, do nosso conselho e das nossas palavras de fé.

QUE IDÉIA!

Cuidados Higiênicos com a Alimentação

Para a boa digestão, isto é, aproveitamento dos alimentos, é necessária boa mastigação; os alimentos devem ser bem triturados pelos dentes. Comer sem pressa, é um hábito que devemos adquirir em defesa de nossa saúde.

Também não se deve comer a tôda hora. O método e o horário são condições indispensaveis à saúde.

Após cada refeição, é excelente para a digestão um repouso de ao menos vinte minutos.

A variedade de alimentação, da qual constem carne e vegetais, é útil à saúde.

A ALEGRIA DO REI

(*Conclusão da pág.* 121)

que não havia no Jardim Zoológico da Capital do Reino?

E o rei sorria, ria, corria atrás dos pássaros e bichos; escolhia flôres, fazia colheitas de folhagens; esqueceu o acidente do automóvel, esqueceu as estrêlas bonitas, esqueceu que tinha mordomo para tudo. Êle, que nem mais sabia andar, porque vivia carregado em carros de luxo.

Nisto aparece na estrada um carro-de-bois, muito devagar. O carro-de-bois que tinha sido expulso de perto das cidades por ser um *atraso* e escangalhar as estradas ...

O motorista alvitrou então uma solução. Era o Rei ser levado no carro-de-bois. Mas ninguém ousava falar a Sua Majestade, temendo a colera do homem triste.

Quando o médico o avisou de que só naquele carro de bois poderia voltar de logarejo tão distante da civilização e do progresso o rei achou maravilhosa a ideia, porque ele, que andára tanto de automovel, barco, aeroplano e todos os meios de transporte, nunca tinha experimentado aquele. O homem farto de tanta coisa ainda encontrava uma coisa inédita.

E foi rindo que o Rei trepou para o carro que partiu muito morosamente ao passo monótono dos bois.

Coisa estranha: enquanto ele passava pelas belas estradas em grande velocidade nunca tinha visto e ouvido tanto pássaro e bicho bonito, estranho, diferente. Bastou sentar-se no carro de bois e este andar morosamente, para que os bichos não fugissem nem se espantassem, e ele se deliciasse com os encantos da natureza.

O Rei estava alegre!

Sua Majestade estava curada!

Que coisa rara!

Um simples acidente no automóvel quanta alegria prodigalizará ao homem rico que, pelo seu poder e enorme fortuna, vivia afastado das coisas mais simples e, cansado de fartura, perdia a alegria.

O médico sabia que o automóvel não estava quebrado. Sua receita foi muito boa ...

O ASTRO ERRANTE

(Conclusão da pagina 93)

se celebrasse o casamento de Aurora com o Astro. Tanto insistiu e prometeu que finalmente logrou o que desejava.

Saturno pegou uma garrafa, encheu de elixir misterioso, pronunciou certas palavras cabalisticas e o entregou à nobre visitante, assegurando que se ela conseguisse que o noivo tomasse aquilo na véspera das bodas, seriam realizados os seus desejos e não se efetuaria a cerimônia. E isto êle o assegurava pelo seu anel mágico, do qual não se separava nunca, nem mesmo para dormir ou para lavar as mãos.

A senhora Lua ficou tão encantada com o velho feiticeiro que esvaziou os bolsos nas mãos dele e voltou para casa muito alegre e a cantar.

No palácio do Oriente trabalhava-se ativamente nos preparativos para a cerimônia. Mas, na véspera, Estrela d'Alva, cúmplice da tia, obteve que um camareiro do Hotel da Ursa Maior, onde se alojava o Astro, enchesse com o elixir uma garrafa de vinho que o pobre Astro bebeu ignorando o perigo que o ameaçava. Já se haviam cumprido os desejos da perversa Lua, que nesta noite luziu com mais esplendor do que nunca. Estava radiante !

CHEGOU o grande dia: o palácio do senhor Sol achava-se mais resplandecente do que na festa anterior; Aurorinha, ainda mais radiante e os convidados eram ainda mais numerosos. O cúmulo da ironia era que o Rei Sol havia escolhido para madrinha a senhora Lua — que julgava ser sua melhor amiga.

Tudo já estava em ordem. Os músicos começavam a afinar os intrumentos e os garçons preparavam-se para destampar as garrafas de champanhe.

Só faltava o noivo. As portas foram abertas de par em par dando passagem ao Astro que caminhava formoso como sempre, mas, poucos passos havia dado quando um grito de horror e assombro escapou de todos os presentês. Havia-lhe aparecido uma cauda ! Sim uma cauda muito comprida e engraçada. Jamais se tinha visto co'sa semelhante !

Formou-se um borborinho espantoso; todos gritavam, riam e choravam ao mesmo tempo. O rei Sol arrancava seus raios e Aurora desmaiou de vergonha.

Sómente a Lua tinha um ar triunfante, e um sorriso de satisfação ironica iluminava-lhe a face pálida, sinistramente. Felizmente ninguem prestou atenção a ela, tão preocupados estavam com o que acabara de acontecer ao pobre noivo !

O Astro imediatamente notou o que lhe sucedera. Então, abriram alas entre os convidados e com um verdadeiro rugido de desespero e vergonha pôs-se a correr através do Firmamento.

Ainda hoje, podemos vê-lo, às vezes, errante e desesperado, arrastando a sua cauda brilhante de Cometa.

Mas como tudo que se faz, tem que ser descoberto, o Sol ficou sabendo que a culpada de tôda aquela infelicidade tinha sido a Lua. E por isso, hoje, êles são inimigos irreconciliaveis. Nunca mais tornaram a se encontrar e quando um sai de seu palácio o outro apressa-se a entrar no seu.

Nos Gelos Eternos

(Conclusão da pág. 135)

mente do que os cães e logo te alcançaria e cobrir-te-ia de gêlo. Perderias o caminho e morrerias. Os ursos te devorariam ao chegar a primavera. Na tua idade também eu era imprudente como és agora.

— E que devemos fazer? interrogou Asgar, impaciente.

— Uma cabana de neve — respondeu simplesmente.

O caçador arrumou contra uma rocha os dois enormes trenós, um em frente ao outro. A rocha formava assim o fundo da choça e os trenós, sôbre os quais o vento acumulava a neve, as paredes laterais. Duas peles de ursos trespassadas de javalinas fizeram o têto e alguns blocos de neve o fecharam por completo. A choça era baixa, porém ampla.

Jack fez com que nela entrassem as duas parelhas de cães, os quais, com algumas chicotadas, fez com que se acomodassem. Depois instalou o ferido sobre um montão de peles e tapou a última abertura com um bloco de gêlo. E a neve que caia com força, formando pequenos montes, acumulou-se em torno da improvisada choça, transformando-a num retiro cálido e confortavel . . .

— Teremos que passar aqui, pelo menos, uma semana, disse o caçador, mas não importa, não nos faltam viveres e isto é o principal.

Durante oito dias o furacão soprou sem cessar; conforme o havia previsto o esquimo! É por todo êsse tempo Jack tratou de Asgar e ensinou-lhe metodos novos para todo gênero de caça. Assim que a tempestade acalmou e o furacão serenou, quando também deixaram de ouvir, de dentro da choça, o rugir do vento lá fóra, dispuseram-se a sair. E para isto era preciso fazer uma abertura na neve endurecida. Jack conseguiu fazê-lo, depois de uma hora de trabalho separando os blocos que serviam para cobrir a entrada. A golpes de arpão tirou os trenós que estavam entre a neve, encheu-os de carga novamente, atrelou-lhes os cães e pôs-se a caminho com Asgar, que já se achava mais forte, dando-lhe uma das rédeas e o chicote. O rapaz, apezar de ferido estava contente com a expedição e cantava alegremente.

Ràpidamente os dois trenós desfilaram até chegarem perto de suas aldeias e os dois homens separaram-se sem dizer palavra, despedindo-se com um simples aperto de mão. Ambos se sentiam, porém, ligados por forte amizade.

Quando Nilka soube o que fizera por seu filho o caçador do sul, achou que a amizade que agora unia os dois antigos rivais também deveria estender-se por ambos os povoados. Coberto com as mais ricas peles, foi visitar Sten Byelke. Os dois compreenderam, embora tarde, que a união dos povoados só traria beneficios para êles e até se admiraram de que um ódio sem fundamento os houvesse separado por tanto tempo. Dai por diante os homens da aldeia do norte passaram a caçar juntos com os da aldeia do sul.

Jack tornou-se amigo de Nilka como já o era de Asgar e, graças a êle, o adolescente, com a idade de vinte anos era já o chefe de caça mais hábil e mais astuto que jamais fora visto nos gêlos dos polos.

O LEILÃO DE NINA

(Conclusão da pág. 23)

Não poude prosseguir. Com olhos cheios dagua e rubra de indignação, Nina saltou da cadeira onde se achava sentada, sem se mover durante todo o leilão, e arrebatou violentamente a boneca das mãos do tio, dizendo:

— Esta não! . . . Esta não! E' minha Chiquita, minha filhinha que está doentinha! Minha filhinha! Minha Chiquita, esta não, por favor

Ao ouvi-la tão desesperada, correram alarmados os pais, aos quais Nina se dirigiu chorando:

— Papai. . . ., Mamãe. . . Perdão! Nem que eu tenha de pagar o relogio com tudo o mais que ganhar no futuro, deixem-me ficar com Chiquita E' minha; está dente e só eu cuido dela; eu a quero muito. . . Esta, não!

— Está bem, respondeu o pai; está, pois, terminado o leilão e cada um pode ficar com o que arrematou, só Chiquita não será vendida. Esta ficará para que Nina trate dela. Além disso, para compensar a mãe da bonequinha doente, vamos servir um chocolate a todos vocês, ao qual assistirá, como convidada de honra, a doentinha. Todos à copa!

No dia seguinte, os pais de Nina sairam bem cêdo e compraram novos e bons brinquedos para a filha, para compensa-la pelo susto que passara na véspera e pelo bom coração que tinha demonstrado em não querer que vendessem a bonequinha aleijada com receio de que ningum a tratasse como devia. Ficara sem os melhores e mais caros brinquedos sem se alterar. Viu-os passar para outras mãos sem a menor contrariedade, mas a pobre e feia Chiquita era dela e de mais ninguém!

Demonstrou bom coração e com a lição recebida nunca mais desobedeceu à mãe nem aos mais velhos.

HEROINAS BRASILEIRAS

(Conclusão da página 65)

entrardes neste santuario de Jesús tereis de passar primeiro sobre o meu cadaver!

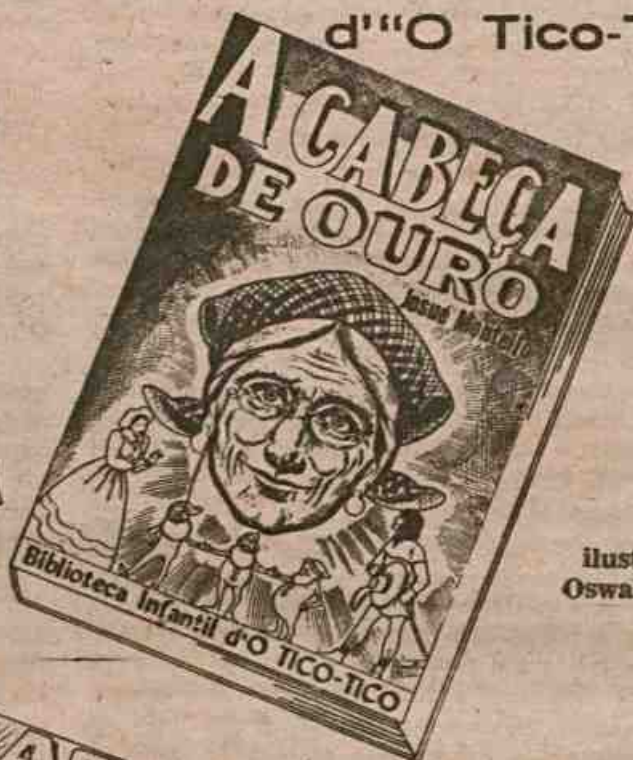
Um dos atacantes, sedento de odio e de sangue, ante a coragem daquela fragil mulher, traspassou, com a baioneta, o coração da heroica freira, que, ali mesmo, tombou morta.

Não satisfeitos, os covardes mataram ainda, a coices darmas, o indefeso ancião, padre confessor das pobres religiosas transidas de pavor.

Esses e outros atentados à liberdade e à vida dos brasileiros foram, finalmente, vingados quando as tropas do General Madeira, não podendo resistir mais ao apertado cerco que lhe faziam os brasileiros capitularam, embarcando para Lisboa no dia 2 de Julho de 1823.

SOLUÇÃO DO TEXTO ENIGMATICO DA PAGINA 94

NÃO botem fóra os sapatos velhos enquanto não tiverem outros novos. Fala pouco, dize a verdade, gasta pouco e não fiques a dever. Fazer um favor ou um beneficio com máu modo é tirar-lhe todo o merecimento Aquele que semeia trigo na estrada não recolhe todas as sementes.

UMA GRANDE NOTICIA!
Quatro novos Volumes
DA
Biblioteca Infantil
d'"O Tico-Tico"
CONTOS da Mãe PRETA
OSVALDO ORICO
Biblioteca Infantil d'O TICO-TICO
Nova edição com ilustrações novas de Luiz Sá.
A CABEÇA DE OURO
Biblioteca Infantil d'O TICO-TICO
Lindas histórias ilustradas por Oswaldo Storni
FABULAS Sertanejas
Gustavo Barroso
Biblioteca Infantil d'O TICO-TICO
Curiosas histórias de bichos, ilustradas por Oswaldo Storni.
HISTORIAS MARAVILHOSAS
Humberto de Campos
Biblioteca Infantil d'O TICO-TICO
Nova edição, ilustrada por Oswaldo Storni
VOLUMES MAIORES, COM ÓTIMA ENCADERNAÇÃO
Pedidos à Biblioteca Infantil d'O TICO-TICO
R. Senador Dantas, 15 — 5.º andar — RIO
PREÇO DO VOLUME Cr$ 15,00
Em todas as livrarias
ATENDEMOS A PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

ORIGEM DO APLAUSO

O aplauso, expressado de uma ou de outra maneira é provàvelmente tão velho como a própria civilização. Sua expressão mais popular consiste em bater palmas. Na antiguidade, gregos e romanos aplaudiam sòmente desta maneira, ou, então, fazendo estalar os dedos, ou, ainda, sacudindo a barra das túnicas. Lá para o ano de 1820 os teatros de París começaram a pagar pessoas para aplaudirem os atores e assegurar assim o sucesso dos espetáculos. Essas pessoas formavam a "chaque" — palavra originária do francês "claquer". — Algumas riam no momento oportuno, outras choravam e outras eram contratadas simplesmente para aplaudir. As mulheres da "claque" costumavam levar consigo um lenço com o qual enxugavam os olhos nas cenas mais comoventes.

O QUE É JARINA?

A Jarina ou o marfim vegetal, de que fazem botões, cabos de guarda chuva e outros objetos, é produto puramente americano, fruto de uma pequena palmeira silvestre cujo nome botânico é "Phytelephas macrocarpa".

A planta produz cêrca de 15 a 25 frutos, contendo cada um outras tantas sementes ou côcos. Os frutos maiores, porém, contêm às vezes até 100 sementes.

Não há regularidade no prazo de maturação das sementes de jarina, até na mesma árvore. Cêrca de um ano após a floração os frutos abrem-se e os côcos se espalham no chão. Êsses côcos são de vários tamanhos mas regulam em geral polegada e meia ou duas polegadas de diâmetro. Assemelham-se um tanto a pequenas batatas inglesas. No princípio os naturais das regiões em que medra esta palmeira seguiam a prática repreensível de cortar a palmeira afim de apanhar os côcos; com

ram leis prohibindo esta prática, e bem assim apanhar frutos verdes.

Logo depois de extraídas da casca, as sementes são macias sendo então muito apetecidas pelos esquilos e os porcos do mato. Entretanto, depois de permanecer algum tempo no chão ficam extremamente duras e tomam uma côr azulada muito parecida com o verdadeiro marfim do dente do elefante.

Os homens que se ocupam de tirar os côcos, munidos cada um de sua machadinha, espingarda, e facão, e às necessárias provisões, aprofundam-se na floresta, onde passam as vezes semanas inteiras nesse trabalho. Os côcos são metidos em sacos e carregados em canoas ou jangadas que, descendo os rios, os conduzem para fora da floresta.

O Brasil, o Equador e a Bolívia produzem jarina mas o maior produtor e exportador é o Equador.

Até tempos recentes o maior consumidor era a Italia, seguida pelos Estados Unidos, Alemanha, França, Espanha e Grã-Bretanha.

O CONTÁGIO

DURANTE o reinado de Jorge da Inglaterra — que governou o país desde 1727 até 1760 — teve lugar uma encarniçada luta contra os franceses por causa das possesões da América e o monarca, aconselhado pelo seu ministro Pitt, resolveu enviar uma expedição a Quebec, no Canadá, para expulsar de lá os franceses que dominavam todo êsse vasto território.

Era propósito do soberano dar a chefia de tal expedição ao general Wolf, que tanto se tinha distinguido em várias outras. Sabendo de tal escolha, o duque de Newcastle não poude se conter e não escondeu a sua indignação, indo falar ao rei.

— E que tens a alegar contra êle ? — perguntou o monarca.

— Tem um gênio insuportavel, não ouve advertências, nem conselhos... Com êle à frente da empresa, nós fracassaremos. E um verdadeiro cão raivoso !

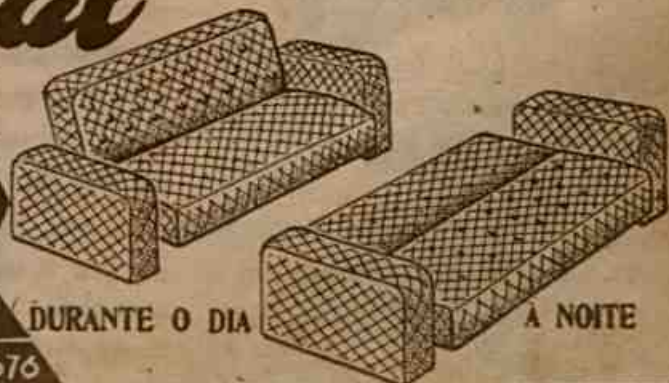
— Ele não modificará as minhas instruções — respondeu Jorge II, que conhecia bem o bravo general — e oxalá que êsse cão danado como vós o chamais, pudesse morder todos os meus generais para contagiar-lhes sua enfermidade !

E mandou Wolf a Quebec, que caiu nas mãos dos ingleses, morrendo em ação o valente general.

Natal dos bichos

Costuma a direção do Jardim Zoológico de Paris proporcionar aos habitantes daquele parque um feliz Natal. E' idéia encantadora e justa fazer com que os animais que convivem tão de perto com os homens participem da sua maior festa. Como ? Simplesmente. Dando-lhes o prazer que mais apreciam: o dobro da ração.

A cada espécie de animal, oferece-se o "petisco" de sua preferência.

Assim, tambem os bichos gozam a sua noite de Natal.

Da vida dos grandes Homens

O PARTIDO DE LAMARTINE

TODOS sabem que o grande poeta francês Afonso de Lamartine atuou também, muito ativamente, na política.

Em 1832 foi eleito deputado e por êste motivo apresentou-se na Câmara para ocupar a cadeira para a qual tinha sido eleito.

Um outro deputado, que se encontrou com êle no recinto, perguntou-lhe:

— Que partido você representa?

— O Partido Social — respondeu sem vacilar o poeta.

— Social? — repetiu assombrado seu interlocutor. — Isto nada significa! É apenas uma palavra como qualquer outra.

— De modo algum — respondeu o poeta com firmeza. É uma idéia e muito grande.

— Sim; e em que bancada vai você se sentar? — insistiu o outro deputado. — Não há bancada para você na Câmara!

— Isto é o de menos — respondeu Lamartine imperturbável e com um sorriso de troça. — Sentar-me-ei no telhado!

UM PLURAL SINGULAR

Era em França e na época em que a Revolução acabava de abolir títulos de nobreza.

Em uma reunião de pessoas pertencentes à mais antiga nobreza de França achava-se um homem a quem Luiz XVI, antes de perder o trono, havia enobrecido, datando seu título de Barão de três ou quatro anos somente.

— Desventurada nobreza! — dizia com grande ênfase. — Honras, fortunas, até "nossos" títulos, até "nossos antepassados" tudo, tudo perdemos.

Ao notar que um de seus ouvintes mal podia esconder um sorriso malicioso, virou-se para êle e perguntou-lhe com altivez:

— Por que rides?

Encontrastes algo de singular no que digo?

— Sim, eu o confesso — respondeu o interpelado com tranquilidade: — Acho um pouco "singular" vosso "plural".

Simplicidade real

HENRIQUE IV de Castela se caracterizava por andar sempre vestido com simplicidade, com trajes feitos com tecidos de pouco custo.

Certa vez, um de seu cortezãos, inclinando-se com deferência, disse-lhe:

— Senhor, com o devido respeito, quero advertir a vossa majestade que não fica bem a um rei tão poderoso, como sois vós, andar vestido como qualquer pessoa do povo.

— Pensas assim? — perguntou o monarca.

— Sim, senhor ... A côrte veria com satisfação que vós usasseis trajes luxuosos, e possuisseis carruagens e cavalos como os têm os monarcas estrangeiros.

— Acredito — respondeu o soberano — que estás muito enganado no que acabas de afirmar. Um rei não deve levar vantagem sôbre seus súditos se não nas virtudes. O dinheiro Deus dá a qualquer um; a virtude sòmente Ele dá aos bons.

Aprende bem esta lição.

METODO DE CORTE E ALTA COSTURA
"TOUTEMODE"
DE ENSINO SEM MESTRE
AUTORIA DO PROFESSOR J. DIAS PORTUGAL
Metodo TOUTEMODE
agora sou um sucesso
O Método "Toutemode", organizado e impresso em belissimo livro, magnificamente encadernado, contem cerca de 400 figuras, que esclarecem com facilidade a execução de qualquer modelo de figurino, por mais dificil que pareça, acompanhando o texto com claras e simples explicações.
Lições completas sôbre vestidos, golas, mangas, pijamas, casacos simples e de "tailleurs," "manteaux", roupas de crianças, roupa branca de senhoras, pontos de adôrno e roupa branca para homem.
O preço de cada exemplar do livro, com excelente encadernação, é de Cr$ 120,00.
A venda em todas as Livrarias do Brasil.
PEDIDOS AOS EDITORES: • S/A. O MALHO • Rua Senador Dantas, 15, 5.° andar Caixa Postal, 880 — RIO
Enviamos pelo Reembolso - Postal.
O Profº. J. Dias Portugal, autor desta importante obra, mantem Cursos por Correspondência e nas Academias "Toutemode", com diplomas para Modistas e Professoras. R. Ramalho Ortigão, 6, 1.° andar. Telefone: 22-8635 — RIO DE JANEIRO.

Arte de Bordar
revista mensal de riscos para bordar
EM "ARTE DE BORDAR"," revista mensal de riscos para bordar, encontram-se os mais encantadores motivos desenhados para bordar, na medida dos trabalhos: Lingerie, Lençóis, Toalhas, Monogramas, Ponto de Cruz, Enxoval para as Noivas e para o Bébé.
Uma infinidade de motivos para bordar para os mais variados fins,
VARIADISSIMAS RECEITAS PARA CROCHÉ.
Em cada edição um grande suplemento solto contendo um trabalho especial.
Todos os trabalhos são acompanhados com as mais minuciosas explicações.
MUITOS MODELOS DE TRICOT, PARA, SENHORAS, HOMENS E CRIANÇAS.
NUMERO AVULSO CR$ 7,00
Assinaturas - 12 meses - cr$ 80,00 - 6 meses - cr$ 42,00
À venda em todos os jornaleiros e livrarias
Pedidos pelo reembolso à S. A. "O Malho"
R. Senador Dantas, 15 - 5.° — Rio

Vida ao Ar Livre e
Boa
Alimentação
Suco de
Tomate
PEIXE
Suco
de
Tomate
MARCA PEIXE
CARLOS DE BRITTO & CIA
Fábricas em: Recife - Bezerros - Areias - Pesqueiras - Rio e S. Paulo
Gráfica Pimenta de Mello — RIO.